3 1761 06184575 6

O MUNDO DO LIVRO
11 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 369951
LISBOA

JOÃO DE LEMOS

Serões d'Aldeia

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON — EDITOR
PORTO E BRAGA

1876

SERÕES D'ALDEIA

ERNESTO CHARDRON — EDITOR

PORTO E BRAGA

D. JAYME BALMES

O criterio, philosophia pratica, traducção de *João Vieira*. 1 vol..... 600

PADRE SENNA FREITAS

No presbyterio e no templo. Litteratura christã, sermões, praticas e allocuções. 2 grossos vol. in-12, edição nitida.... 1$200

Discurso sobre a religião catholica em face da politica, pronunciado na associação catholica portuense, por occasião da academia religiosa que teve lugar no dia da Immaculada Conceição de Maria, a 8 de dezembro de 1874..... 200

A tenda de mestre Lucas, romance religioso. 1 volume..... 400

INFERNO E PARAISO

Resposta ao snr. *Camillo Castello Branco*, traductor e prefaciador do *Inferno* de Callet. 1 volume em 8.º..... 500

PADRE QUADRUPANI

Direcção para viver christãmente. Traducção de *Manoel Ferreira Marnoco e Sousa*. 1 vol..... 100

JACQUINET

Quadro do mundo physico ou excursões através da sciencia. Traducção do francez por *Antonio Augusto Leal*. 1 vol..... 500

CARDEAL WISEMAN

Fabiola ou a igreja das catacumbas, romance religioso, revisto e corrigido, sobre a traducção de Lisboa de 1863, por *Manoel Joaquim de Mesquita Pimentel*. 1 bello vol... 1$500

Com uma rica cartonagem vinda de Paris 2$000

ROBERTO G. WOODHOUSE

A sciencia hodierna e o dogma christão, ou considerações breves sobre as principaes objecções levantadas contra o christianismo pelos pseudo-sabios dos nossos dias. 1 vol... 200

O naturalismo ou o dogmatismo applicado á sciencia. 1 vol..... 200

PADRE MARCHAL

A mulher como deveria sel-o. Versão da 12.ª edição franceza, por *M. J. de Mesquita Pimentel*. 1 volume..... 400

JOÃO DE LEMOS

SERÕES D'ALDEIA

Arthur Carneiro de Freitas
P. Delgada, Maio de 1919

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON — PORTO
EUGENIO CHARDRON — BRAGA
1876

Porto. 1876 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

Á MEMORIA

DO

Doutor Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu

EM

TRIBUTO POSTHUMO D'AMIZADE COMO D'IRMÃO

E

TESTEMUNHO DE CONSTANTE SAUDADE

CONSAGRO ESTE LIVRO

LIBRARY
AUG 2 2 2000
UNIVERSITY OF TORONTO

Questões... que devem de absorver a attenção dos homens, ainda a d'aquelles que só contemplam o mundo por fóra, que só lhe prezam a materia, e não pensam sequer um momento na necessidade e natureza da força, que a move por dentro!

Tocal-as-hemos ao menos de leve...

Gomes d'Abreu — *Fé catholica.*

Até aqui a religião era considerada como necessaria ao homem. Chegou tempo de se olhar como uma necessidade social.

Bonald.

INTRODUCÇÃO

> O que se escreve, lê, e entende, inda que com gentil arte se componha, com suavidade se pronuncie, e com deleitação se leia, se ao bom viver se não refere, e em regra de bons costumes se não converte, não é a noticia das letras outra cousa senão instrumento de inchação, vã jactancia, e de trabalho sem proveito.
>
> ARRAES.

Foi no rigoroso inverno de 1861 que eu comecei a escrever este livrinho, chegando, então, a publicar-se os dous primeiros *Serões* no jornal *A Nação* de 18 de janeiro e de 15 de fevereiro d'aquelle anno. Deixando, pouco depois, a aldeia, e indo residir em Lisboa,

outros cuidados e occupações me distrahiram absolutamente do meu primeiro proposito. Ao cabo de quatorze annos, procuro agora atar o fio quebrado, já reunindo os pedaços dispersos, já coordenando o que se acha inedito, e addicionando-lhe *Serões* novos.

Permanece a obrinha com o caracter indeterminado que logo lhe annunciei na *explicação previa,* que acompanhou o primeiro *Serão,* quando se deu á estampa. São artigos soltos, sem nexo entre si, abrangendo variados assumptos, e tratados perfunctoriamente; — bem o reconheço. Entretanto, cuido que não serão de todo inuteis e perdidas estas paginas, em serviço da moral e da religião.

É, pelo menos, com esse intento que me decidi agora a publical-as. Deus lhes ponha os olhos.

Sei melhor que ninguem — não é necessario lembrar-m'o — que não tenho bastante força no braço para levantar dique valioso á corrente impetuosa dos tempos que correm.

Não o presumo de mim, nem do meu ligeiro escripto.

Mas n'esta época de lucta temerosa entre o bem e o mal, entre a idéa velha e a idéa nova, entre Deus e a revolução; n'esta época em que se tem pretendido derrocar todos os principios fundamentaes da antiga sociedade, destruir todas as normas consoladoras, na peregrinação da terra; n'esta época, finalmente, em que todas as consciencias não pervertidas estão cheias de susto, pelo futuro, que lhes apparece no horisonte como voragem sinistra, que ameaça devorar tudo; qualquer humilde obreiro, que, de algum modo, fôr carreando pedra, por pequena que seja, com que vá ajudando a levantar o muro de defeza, não me parece que a esse tal, como eu, se lhe não aceite o bom desejo, e o pouco que dá, por mais não poder dar. A simples intenção se me figura já auxilio de receber, n'esta peleja, que é toda do espirito.

Permitta Deus que eu atinasse, mas que de leve fosse, com qualquer ponto, que desperte braço mais forte a desenvolvel-o. As minhas proprias faltas podem ser incentivo a melhores intelligencias, que as venham

corrigir. O caso é vir; venhamos todos, grandes e pequenos, robustos e fracos.

O tempo é de combate, e nenhum combatente é de mais.

Agitam-se actualmente no mundo as questões mais essenciaes á vida e prosperidade dos povos, das familias, dos individuos. Delimitaram-se os campos.

D'um lado, os homens com Deus, do outro, os homens sem Deus.

N'isto se resumem, n'isto se concretam todas as disputas, todas as batalhas, quer de tinta, quer de sangue.

Não se cahe já hoje na loucura de abolir Deus por um decreto, como se fez na primeira revolução franceza; mas faz-se mais e peor, prescinde-se d'Elle em tudo: nas instituições, nas leis, nos costumes.

É preciso, portanto, que todos os que estamos d'este lado, por mercê divina, cada um como póde e sabe, nos esforcemos em promover e provocar a reacção salutar, que nos restitua, em toda sua plenitude, a idéa primordial de Deus ás instituições, ás leis, aos costumes.

Não será, talvez, para nós que cheguemos a restabelecer integralmente em seu lugar esta pedra angular das sociedades christãs; não será, mas que importa?

Se conseguirmos restaural-a para nossos filhos ou netos; se lhes deixarmos os germens, que virão a florescer e fructificar no futuro; se, d'entre a podridão que nos cerca, fôrmos lavrando protesto contra ella e formulando aspirações do bem e da verdade; não seremos incluidos, ao menos, nas maldições da posteridade, e poderemos, sem remorsos, encostar a cabeça no tumulo, ao adormecer para sempre. Façamos, sequer, de nossas lagrimas, hoje, algum merecimento, que nos escuse, um dia. Resgatemos assim muitos de nossos mesmos erros,

> Car pour l'âme souillée encor malgré nos soins,
> Toutes larmes de plus sont des taches de moins!

diz um moderno poeta francez.

Parecerá por ventura a alguns leitores que nem todos os *Serões* se derivam absolutamente da idéa capital, que eu declaro

haver-lhes presidido. Poucos momentos de reflexão os devem desenganar.

Assim como a revolução, em seu diabolico empenho, nem sempre se nos figura desfechar contra o unico alvo de seus tiros; tambem nós, os defensores da idéa opposta, a podemos seguir em seus estratagemas de guerra, falseando-lhe assim nas mãos as proprias armas. Pondo ella, por exemplo, a mira na aniquilação do principio de authoridade, de que a Igreja e o altar são expressão e symbolo, simula, todavia, occupar-se só de questões simplesmente politicas, quando aggride as fórmas monarchicas, e procura, com insigne má fé, fazer crêr que a historia dos reis não passa de uma galeria de despotas e scelerados. É claro, portanto, que o restabelecimento da verdade, n'este mesmo terreno, é tambem adequado meio de lhe combater o pensamento occulto.

Do mesmo modo que por tortuosos e desviados caminhos se dirigem os aggressores constantemente a Roma, á Igreja, a Deus, para que se diga n'uma palavra; igualmente, os que tomamos armas por esta causa san-

ta, ainda que pareçamos arredar-nos, aqui e além, do principal objectivo de defeza, vamos sempre direitos, quando combatemos o inimigo e lhe fazemos frente nas suas diversas tentativas, ainda que venham disfarçadas.

É multiforme e variadissimo em suas manifestações, o demonio moderno, que se chama revolução. Importa, portanto, que do nosso lado seja repellido, acudindo nós a todos os pontos que elle accommette.

Não quero n'isto inculcar que assim o fiz n'este abreviado trabalho. Seria isso para obra de outro folego, e para engenho de outra força. Quero apenas dizer aos leitores ingenuos que, mesmo n'aquelles *Serões* em que me suppozerem algum tanto apartado do meu proposito, se se dignarem reflectir melhor, hão-de, por fim, reconhecer que nunca o perdi de vista.

A rebellião contra Deus é tão antiga como o mundo. Desde Lucifer, o classico rebelde, até Renan, o impio romantico, sempre á soberba do homem corrompido pesou a idéa divina como jugo e obstaculo de suas pai-

xões, martyrio de suas invejas e remorso de seus crimes. De todos os meios, desde então até agora, se tem elle servido para enfraquecer na consciencia de toda a humanidade essa idéa congenita; ou substituil-a; ou sophismal-a; ou extirpal-a, se podesse. A rebellião ora se finge alliada da *liberdade;* ora toma por auxiliar a *falsa philosophia;* ora se roja aos pés *da força,* levantando nos escudos, *para libertar os povos,* quaesquer despotas poderosos. A mentira, a calumnia, a falsificação da historia, são suas armas predilectas. Não lhe importam os desmentidos mais incisivos e irrecusaveis; no dia seguinte repete a falsidade com tenaz insistencia. Por isso a repetição é inevitavel por nossa parte. Citarei só, como exemplo, a velha calumnia contra Roma ácerca de Galileu.

Debalde tem sido destruida differentes vezes, em varias linguas, da maneira mais peremptoria e com os testemunhos mais insuspeitos; a impiedade é cega e surda. Passa sem nada vêr nem ouvir, e repete sempre — *Galileu, Galileu! — E pur se muove! — Ignorancia e tyrannia da Igreja!*

Pois só eu, por minha parte, é, n'este livro, a terceira vez que faço publico o desmentido. A primeira, foi no jornal politico *A Nação;* a segunda, no jornal religioso *A Fé Catholica.* Se, em lugar de tres, fossem trezentas vezes, o resultado era o mesmo. A impiedade não respondeu, nem responderá; mas tem repetido, e ha-de repetir ámanhã: *Galileu, Galileu! — E pur se muove! — Ignorancia e tyrannia da Igreja!* Como se póde, portanto, em defeza da verdade, prescindir das repetições? Não póde.

Com esta mesma razão me escuso de haver trasladado para este livro algumas das cousas já n'outros lugares publicadas por mim. Foi talvez tambem cegueira e amor proprio de pai. Pareceu-me que se não deviam perder nas folhas volantes, que, n'um dia, traz o correio, e, no outro, desapparecem em diversos embrulhos ou em carapuças de crianças.

Não supponham, todavia, os leitores que eu aspiro á immortalidade n'estas breves e humildes paginas. Fôra grave injustiça a supposição. Aspiro unicamente a servir, co-

mo posso, as idéas, que tenho por boas e de proveito para a nossa terra. É portanto desculpavel, creio eu, o desejar entalhal-as em livro, mas que pequeno seja, que o vento não levará tão facilmente, como as folhas sibyllinas, que á menor aragem se dispersam. Não me persuado de que, ainda que o livro haja de chegar até nossos filhos, nem me peze, um dia, na consciencia pelo ter escripto, nem tenha de dar contas a Deus pelo mal que com elle fiz.

E agora, disparo a peça de leva; — boa viagem tenha o meu livrinho dos *Serões*.

Quinta d'Anta, 23 d'agosto de 1875.

SERÕES D'ALDEIA

EXPLICAÇÃO PREVIA

Não supponha o leitor que lhe pretendo contar n'estes *Serões,* o como é que se costumam passar as noites de inverno cá pela aldeia. Deus me livre. Mandar isso para Lisboa, era o mesmo que metter na orchestra de S. Carlos uma gaita de folle.

Tinha que vêr, na verdade, se alguma imprensa da côrte pozesse em letra redonda as rocadas espiadas ao borralho; o escabecear da cachopa com o peso do somno; ou as lamentações sobre as favas, que a chuva ainda não deixou semear!

Nada; estes *Serões,* apesar do titulo, não hão-de ser os *Serões d'aldeia,* hão-de ser alguns dos *meus serões na aldeia.*

Cuido que me expliquei. Entretanto se o lei-

tor cidadão ainda está assustado, porque presumiu que eu tentava fazer-lhe exposição de quadros demasiado rusticos (ia escrevendo innocentes) para os seus olhos, peço-lhe que socegue; pois se alguma vez aqui vier a fallar da aldeia, será como de qualquer outra cousa sublunar, longinqua, d'onde possa tirar motivo de reflexões que por ventura lhe hajam de interessar. Em todo o caso, acredite que sou eu o que cá estou, e que nem tenho vontade de lhe impingir sobre-posse as bucolicas e os idylios provincianos, nem de o attrahir para fóra das suas regiões épicas.

Reduz-se tudo a escrever da aldeia para a côrte, durante algumas noites d'este inverno, que já vai parecendo diluvio.

Mas escrever sobre que? Sobre... ainda agora reparo que não tenho assumpto determinado! Pois não desisto; será mesmo assim — *sem assumpto determinado.*

SERÃO I

ROMA E A CARIDADE

> ..... reine de l'univers !
> .....
> A tes dieux destructeurs succède un Dieu de paix,
> La croix à tes faisceaux, un temple á tes palais.
>
> SAINT-VICTOR.

> Le Christianisme... a placé la charité comme un puits d'abondance dans les déserts de la vie.
>
> CHATEAUBRIAND.

Passamos nós, os portuguezes, e entre nós mesmos, por sermos propensos a imitar, transplantar e estimar o que ha pelos outros reinos, com prejuizo e desprezo do que temos em casa. Esta propensão viciosa, que apaga ou enfraquece o patriotismo, e que não é só portugueza como se tem que-

rido inculcar, póde converter-se em prova de claro discernimento e verdadeiro amor do bem, quando se encaminhe a tomar das outras nações, o que provadamente fôr bom e que nos falte na nossa.

Imitar, transplantar e estimar o que innegavelmente é para imitação, transplantação e estima, fórma, entre os povos como entre os individuos, o commercio das idéas, e constitue, para assim dizer, a propria essencia da civilisação.

Que seria o mundo se nenhum homem tomasse de outro homem, nenhum povo tomasse de outro povo, o que esse outro povo ou homem tivesse inventado ou aperfeiçoado?

Na ordem moral, sobretudo, a generalisação não póde deixar de ser a sua natural tendencia, porque as suas fronteiras abrangem toda a humanidade.

E n'esta, assim como na ordem physica, parece haver uns reinos mais destinados do que outros, já para crear, já para desenvolver, já para propagar os differentes élos do aperfeiçoamento humano.

Roma tem sido sempre, n'esta parte, uma terra privilegiada. Senhora das nações, rainha do mundo, ora pela força, ora pelo amor, quasi que lhe resume a historia; porque a aguia e a cruz são os dous marcos que distinguem os seculos, caracterisando os tempos que estão de lá e de cá do Calvario.

Da Roma pagã, basta apenas estudar qualquer pagina do grande livro das suas ruinas para comprehender que d'aquelle centro partiam ou para aquelle centro gravitavam todos os esforços das artes, das sciencias e da civilisação antiga.

Da Roma christã, poderá negal-o a ingratidão ou a impiedade, mas é sufficiente olhar á roda de nós para descobrir em tudo que nos cerca os brilhantes reflexos do seu facho poderoso.

As grandes cidades modernas não existiam, e as grandes cidades antigas desappareciam, quando Roma succedia a Roma, empunhando sempre o sceptro da intelligencia, consagrado agora no altar da fé.

Todo o grande trabalho da machina do mundo, parece ter d'alli recebido a sua força impulsiva, como se fôra a cabeça e o coração da humanidade.

Que arte não será filha das suas artes? Que sciencia não será filha das suas sciencias? Que livro não será filho dos seus livros? Que bibliotheca não nasceria das suas bibliothecas? Que universidade não nasceria das suas universidades? Que leis não se derivariam da sua legislação? Que verdadeiro progresso não terá recebido de Roma a sua semente ou o seu exemplo?

E este sceptro, e esta influencia (para me restringir mais particularmente no meu proposito) co-

mo tem sido sustentado, como tem sido dirigido para acudir a todos os males do homem?

Haverá alguma miseria humana, alguma desgraça, algum desamparo, alguma dôr de que Roma se esquecesse?

Ide, procurai, examinai; não achareis nenhuma chaga a que falte curativo, nenhum infortunio a que falte protecção e conforto.

Roma, metropole d'uma crença fundada no amor, tem feito da caridade um novo anjo tutelar do homem, que espera ao pé do berço o seu nascimento; que o toma logo nos braços; que o segue em cada passo da vida; que vela dia e noite para o auxiliar e consolar em todas as suas necessidades assim moraes como physicas; que lhe repara os estragos do passado; que lhe cuida dos recursos do futuro; que lhe trata amorosamente do corpo e da alma; que o acompanha na infancia, na virilidade, na velhice; que lhe não larga a cabeceira do leito, quando o vê moribundo; que o leva piedosamente ao sepulchro; e que ainda vai atraz do seu espirito pelos espaços da eternidade com os soccorros da oração.

Em tudo isto, que não é senão comprehender e exemplificar a caridade em todos os seus affectos e applicações; em tudo isto, que não é senão mostrar que o oraculo da doutrina é tambem o typo vivo da sua pratica fiel; em tudo isto, tem Roma

andado, desde longos seculos, na dianteira de todas as nações.

Onde pensaes que se inventou o primeiro hospital? — Em Roma.

A primeira casa de expostos? — Em Roma.

O primeiro hospicio para as mulheres gravidas illegitimamente? — Em Roma.

A primeira casa para convalescentes? — Em Roma.

O primeiro hospital para alienados? — Em Roma.

O primeiro monte-pio? — Em Roma.

A primeira prisão penitenciaria? — Em Roma.

N'esta terra providencial, são taes e tantos os milagres da caridade, que se não houvera outras provas para demonstrar a verdade da religião christã, aquellas sobravam para lhe attestar a sua origem divina.

Parece haver alli uma lucta empenhada entre as miserias do homem e os thesouros da caridade.

A cada grito de dôr, uma voz de soccorro.

Roma tem braços de mãi, tem instituições para todos os desgraçados.

Para o recem-nascido abandonado; — para a mulher seduzida e envergonhada com a gravidação; — para os orphãos que mostram inclinação ás artes liberaes; — para orphãos e velhos de ambos os sexos; — para orphãos e orphãs a quem se ensinam differentes officios, e crianças que ainda não

podem trabalhar, e adultos e adultas pobres; — para orphãos que mostram inclinação ás letras; — para orphãs pobres e donzellas nobres; — para crianças vagabundas e pobres, a quem se ensina um officio, sendo alli conservadas até aos vinte annos; — para raparigas abandonadas ou errantes; — para orphãs pensionistas, de familias pouco abastadas; — para orphãos de 7 a 11 annos; — para raparigas honestas de mais de 12 annos; — para orphãs de 13 a 26 annos; — para enfermos de ulceras e chagas repugnantes; — para enfermos de molestias contagiosas e cutaneas; — para enfermos de ferimento, fractura, ou qualquer outro accidente que exija soccorros promptos da cirurgia; — para enfermos que carecem dos auxilios propriamente da medicina; — para enfermos de doenças agudas, e ecclesiasticos pobres; — para alienados; — para convalescentes; — para levar ás moradas dos enfermos recolhidos os cuidados de bons enfermeiros, e os soccorros da medicina, da cirurgia e da pharmacia; — para distribuir pela cidade aos indigentes leitos, roupas, e instrumentos dos differentes officios; — para dar pousada durante a noite aos que não a tem; — para as viuvas pobres; — para emprestimos de dinheiro aos necessitados, por baixo preço; — para os pobres poderem depositar e augmentar o fructo de suas economias; — para distribuição de esmolas particulares, e principalmente acudir aos presos por dividas; — para soccorrer

viuvas e chefes de familia envergonhados, que da abundancia cahiram na pobreza; — para esmolas mensaes, e outras extraordinarias em diversas épocas do anno, chamadas as esmolas dos Papas; — para levar aos hospitaes soccorros e consolações espirituaes; — para ajudar e confortar os agonisantes; — para enterrar os cadaveres dos pobres; para todos os males da vida e da morte!

Uma instituição; uma casa; duas ou tres ás vezes; muitos obreiros piedosos; os Pontifices á sua frente; Roma adiante de todos os povos; é o que alli tem a certeza de achar, para lhes acudir, todas e cada uma das desgraças e necessidades da humanidade.

Ora, d'este grande e variado exemplar da mais sociavel das virtudes christãs, é que ha bastante ainda que imitar e transplantar para todos os reinos.

Imite e transplante Portugal o que lhe falta, que lhe não falta pouco, sem embargo do muito que em todos os tempos tem florescido, por seus filhos, no exercicio da caridade.

Entre as differentes fundações romanas que importaria copiar em favor dos infelizes, fôra sem duvida uma d'ellas a archi-confraria de Santo Ivo, estabelecida na igreja de S. Carlos em Roma. É a associação dos advogados dos pobres.

Ao rico, ao poderoso, não falta nunca quem o defenda nas suas causas; mas quando o poderoso

e o rico opprimem o pobre, quando o querem despojar injustamente do pouco que lhe resta, quando os pobres concorrem com elle ás partilhas do leão, quando o desamparado da fortuna tem de pedir aos tribunaes o reconhecimento do seu direito, que voz achará elle para se erguer no fôro a requerer o que a justiça lhe deve?

Póde haver, ha, de certo, conheço-os eu, advogados distinctissimos, que se prezam muito de christãos, e que não recusariam ao pobre a esmola da sua eloquencia.

Mas taes actos individuaes não são, nem podem ser, o que constitua o recurso de todo o pobre, de todo o desvalido que careça de um advogado; e só a associação póde chegar onde não chega o individuo.

Roma viu isto, e associou pelo espirito da caridade um numero consideravel de advogados e homens de lei para defenderem, perante os tribunaes, os pobres nas suas causas civeis. Com o caracter catholico de todas as cousas romanas, nenhuma nacionalidade é exceptuada.

A associação reune-se todos os domingos na igreja de S. Carlos, onde, depois de cumprido o preceito do dia, examina, n'uma sala proxima, as causas dos pobres que lhe são submettidas; e quando n'ellas se verificam as duas necessarias condições, de justiça no pleito, e pobreza no requerente, encarrega-se da causa e distribue a um dos seus membros o trabalho da defeza.

Esta confraria, que foi fundada nos principios do seculo XVI, tem contado sempre no seu gremio os homens mais distinctos do fôro romano; o proprio Papa Bento XIV foi seu confrade, quando ainda se chamava o advogado Lambertini.

E por esta fórma as causas dos pobres tem nos tribunaes as mais eloquentes vozes de Roma a defendel-os.

Consegue a caridade o que muitas vezes nem o dinheiro do opulento conseguiria!

Porque não se estabelecerá entre nós alguma cousa semelhante?

Imitemos, transplantemos isto, que vale de certo bem mais que tantas outras cousas que havemos transplantado e imitado.

Pois a recta distribuição da justiça não será uma das primeiras cousas que deve haver entre christãos? E se o infeliz e o opprimido não a podem conseguir senão pela esmola da palavra, porque lh'a não havemos de dar para que obtenham aquella?

Oh! Percorramos com a imaginação o numero de processos perdidos pelo pobre, á mingoa de forças para sustentar a defeza. O numero das defezas não intentadas; o numero das injustiças; das oppressões; dos roubos commettidos, pela mesma causa; e o numero de desgraças que terão, como consequencia d'isso, affligido familias inteiras!

Imitemos, pois, a mestra do mundo, e acudamos aos que tem fome e sêde de justiça.

Mas com a caridade e pela caridade, que eu creio pouco nas associações philanthropicas.

É só com os olhos no alto que se fazem os grandes e melhores sacrificios, os mais bellos actos de abnegação propria, e dedicação pelos outros.

A philanthropia poderá amar o homem pelo homem; mas só o amará bem e deveras o que amar o homem por Deus, que é o amor da caridade.

SERÃO II

INJUSTIÇA COM QUE SÃO JULGADOS OS REIS

> Mais são dignos de lastima que de vituperio estes illustres enganados.

O abuso do poder dos reis tem sido, ha muitos annos, um fecundo thema para largas e assanhadas declamações; e, ainda hoje, as palavras despotismo e tyrannia, são ornamento oratorio, sempre infallivel, em certo genero de discursos e em certa classe de discursadores.

Mas, se bem considerarmos e examinarmos as cousas, talvez que nem a philosophia nem a historia condemnem os monarchas, tão facilmente como o fazem esses taes juizes assomados.

Espantam-se estes de que os reis tenham abusado do seu poder; e a mim me parece mais de espantar que, com a natural tendencia do homem, com o conhecimento da sua força, e com as instigações dos aduladores, elles hajam resistido tantas vezes a estas grandes tentações.

Quando reflexiono sobre o que é isto de ouvir todos os dias, e desde os mais tenros annos, uma linguagem que transforma tudo, e que persuade aos principes que são sêres privilegiados pela propria natureza, e superiores a quanto os rodeia na terra, não acabo de admirar os dotes da intelligencia e do coração d'aquelles, que sabem rasgar tão densas nuvens de incenso e sahir para fóra da atmosphera d'esse mundo ficticio.

Ainda mais; não posso deixar de louvar em muitos o tirarem, de sua mesma enganosa persuasão, um estimulo para nobres acções.

A desgraçada rainha de Inglaterra, mulher de Carlos I, quando voltava da Hollanda de pedir soccorros para a causa de seu esposo, foi accommettida por furiosa tempestade, que poz em grande perigo o baixel que a conduzia: e a varonil senhora conservou-se intrepida no meio do temporal e inspirou valor e constancia á marinhagem, dizendo-lhe, *que as rainhas não se afogavam.* É bem conhecida a expressão de Napoleão na batalha de Montereau, respondendo aos temores e solicitações

dos soldados — *a bala que me ha-de matar ainda não está fundida.*

Alvaro Paes, ao vêr o Mestre d'Aviz já determinado a pôr em obra a morte do conde Andeiro, disse-lhe enternecido — *Ora vejo eu, filho, senhor, a differença que ha dos filhos dos reis aos outros homens;* e póde bem ser que a este mesmo pensamento devesse o Mestre a corôa de rei, e a patria a sua gloria e liberdade.

Se, porém, alguns principes, por gentileza d'alma, convertiam o leite das lisonjas em boa nutrição, que os fazia grandes, não havemos de menoscabar logo o nome de todos que não foram tão felizes; e por isso que é trivial o dizer-se e conhecer-se que a verdade anda sempre longe dos ouvidos reaes, mais são dignos de lastima que de vituperio estes illustres enganados.

Quereis vêr como lhes costumam quasi sempre fallar até os mesmos que se propõem a dizer-lhes verdades uteis?

Ouvi um de nossos melhores escriptores, dirigindo-se a el-rei D. João IV, n'uma obra destinada a patentear verdades importantes [1]:

«É vossa magestade o mais nobre, o mais va-
«lente, o mais poderoso, e o mais feliz homem do

[1] *Arte de furtar.*

« mundo; e este mundo é um covil de ladrões. Digo
« que é vossa magestade o mais nobre, porque o
« fez Deus rei e lhe deu por avós reis santos e po-
« derosos, que elle mesmo escolheu e ennobreceu
« para a mais nobre acção de lhe augmentar e es-
« tabelecer sua fé. É o mais valente assim nas for-
« ças do corpo, como nas do espirito: nas do corpo,
« porque não ha trabalho a que não resista, nem
« outrem que possa medir valentia com vossa ma-
« gestade; e nas do espirito, porque não ha for-
« tuna que o quebrante, nem adversidade que o
« perturbe. É o mais poderoso, porque sem arran-
« car a espada, se fez senhor do mais dilatado im-
« perio, tirando-o das garras de leões, que o occu-
« pavam, com tanta pressa, que não põe tanto uma
« posta em levar a nova, quanta vossa magestade
« poz em arvorar a victoria nas mais remotas par-
« tes do mundo. É o mais feliz, porque em ne-
« nhuma empresa põe sua real mão, que lhe não
« succeda a pedir por bocca, e se alguma se mallo-
« gra, é a que vossa magestade não approvou;
« tanto, que temos já por unico remedio, para se
« acertar em tudo, fazer só o que vossa magestade
« ordena, ainda que a outros juizos pareça des-
« acerto. »

Ouvi ainda, na mesma obra, o mesmo escriptor fallando ao principe D. Theodosio:

«Tambem a vossa alteza real e serenissima «pertence a emenda d'esta *Arte,* por todos os ti- «tulos que a el-rei nosso senhor pertence, pois não «assim como elle o limita em suas grandezas; por «que de tal arvore não podia nascer menor ramo, «e em nascendo mostrou logo vossa alteza o que «havia de ser, e um mathematico insigne m'o disse «olhando, por lh'o eu pedir, para os horoscopos do «céo, que vossa alteza havia de ser rei da terra; «e sua magestade, que Deus guarde, guardou este «juizo. E ainda que estas razões não militassem, «que são certissimas, bastava vermos, que ha em «vossa alteza poder e saber para tudo; e são duas «cousas muito essenciaes para emendar latrocinios; «o saber para os apanhar e o poder para os emen- «dar. Digo que vemos em vossa alteza poder, por- «que vemos que assim como Atlante cançado de «sustentar as espheras do céo, as entregou aos «hombros de Hercules, para que as governasse; «assim el-rei nosso senhor, Atlante do nosso impe- «rio, descarregou as espheras d'elle nos hombros «de vossa alteza, não para descançar, que é infa- «tigavel, mas para se gloriar que tem em vossa «alteza hombros de Hercules, que ajudam os de «Atlante, e o igualam no poder. A Hercules pin- «tou a antiguidade ornado com uma clava que lhe «arma as mãos, e com cadêas e redes que lhe sa- «hem da bocca e levam presa infinita gente. Com «a clava se significam suas armas e poder; com as

« redes e cadêas sua sabedoria: com estas duas
« cousas vencia e dominava tudo. De armas e sa-
« bedoria vemos ornado e fortalecido a vossa alteza,
« assim por que tem todas as de Portugal (que mon-
« ta tanto como as do mundo) á sua obediencia;
« como tambem porque ninguem as meneia com
« tanto garbo, valor, destreza e valentia, ou seja
« a cavallo brandindo a lança, ou seja a pé levando
« a espada e fulminando o montante; e assim se
« demonstra que ha em vossa alteza poder para
« emendar e castigar. E porque este não basta, se
« não ha sciencia para alcançar quem merece o cas-
« tigo, digo que vemos em vossa alteza tanta sabe-
« doria que parece infusa; porque não ha arte li-
« beral em que não seja eminente, não ha sciencia
« especulativa em que não esteja consummado; não
« ha habito de virtude moral que o não tenha ad-
« quirido e feito natural com o uso. E em todo o
« genero de letras, artes e virtudes se consummou
« com tanta facilidade e prestezа, que nos parecia
« ter nascido tudo com vossa alteza naturalmente,
« e não ser achado por arte, e assim se prova que
« ha em vossa alteza saber para dar alcance aos la-
« trocinios de que aqui tratamos; e em os pescando
« com a rede da sabedoria, segue-se emendal-os com
« a clava do poder. »

De adulações baixas, que são sem conto, ape-

nas mencionarei duas da academia franceza em tempo de Luiz XIV.

Por occasião da morte de Pedro Corneille, quiz o duque do Maine, com 14 annos de idade, occupar na academia o lugar vago por aquella morte, e fallou n'isso a Racine, que era então director. Reuniu este os seus collegas, a quem propoz a eleição do principe; e conta-se que elles o encarregaram de responder — *que quando não houvesse lugar vago, qualquer dos membros da academia teria muito gosto em morrer só para que vagasse uma cadeira para aquelle fim.* Luiz XIV, porém, recusou confirmar a eleição do principe, e foi Thomaz Corneille quem occupou o lugar de seu irmão.

Entre as questões postas a concurso pela academia, no tempo do mesmo soberano, appareceu uma vez a seguinte:

Qual das virtudes d'el-rei é que merece preferencia?

Cortou tambem Luiz XIV a adulação, prohibindo que se propozesse tal assumpto.

Se nem da bocca dos melhores, dos mais honrados e sabedores, deixam com frequencia os reis de ser assim lisonjeados, como se lhes ha-de estranhar quando ousam tudo por se lhes pintar que tudo podem?

É por isso que, em vez de lhes taxarmos com desabrimento os erros em que naturalmente devem

cahir, parece mais justo louval-os quando os evitam, apesar de tanto fumo que os cega.

Pois não será para elogiar, por exemplo, n'aquelle mesmo D. João IV, a quem tanto se encarecia seu poder e bom juizo, o desattender os cortezãos, e tirar da desobediencia do conde de Villa-Flôr motivo para os confundir a elles, e privilegiar os serviços do conde?

Tinha el-rei mandado que ninguem viesse ao paço com os cabellos compridos; tosquiaram-se todos, menos o conde de Villa-Flôr, e acudindo logo os aduladores a apontal-o como desobediente, D. João IV respondeu-lhes — *que justo era que elle os conservasse, pois lhe haviam crescido em Flandres e no Brazil entre a polvora e a bala.*

De D. João II, de quem tanto se podéra relatar, relatarei que correndo demanda em Lisboa entre elle e o contador-mór, os juizes deram sentença contra el-rei, seguindo o voto do vigario de Thomar (ao diante bispo da Guarda) que foi o primeiro que votou contra; e tendo D. João informação d'isto, o mandou chamar, e lhe disse: — *que lhe agradecia e louvava sua inteireza, propria de varão honrado e juiz virtuoso, e que em prova de quanto lhe era aceito seu proceder, tinha dado ordem a Antonio de Faria que lhe entregasse duzentos cruzados para suas despezas.*

Vem aqui a proposito duas anecdotas prussia-

nas, que nem para todos serão velhas, e que ambas servem ao meu intento.

Não longe do palacio de *Sans-Souci,* havia um moinho que lhe estorvava algum tanto a vista das janellas e o grande Frederico, querendo-as desafogadas, mandou perguntar ao dono por quanto lh'o vendia. Por nenhum preço, foi a resposta. Enfureceu-se Frederico, e fez arrasar o moinho. Mas o moleiro poz-lhe demanda, venceu-a, e el-rei da Prussia foi condemnado não só a levantar de novo o moinho, senão tambem a dar ao offendido certa somma em desaggravo da offensa.

Que diria d'isto Frederico, e que lhe diriam a elle os lisonjeiros? O que Frederico disse foi — *ainda bem que no meu reino ha leis justas e juizes que as cumpram.*

Não ha, porém, muitos annos que um dos descendentes d'aquelle moleiro, a quem o moinho tocou por herança, tendo os seus negocios em mau estado, desejou vendel-o. Escreveu para este fim a el-rei Frederico Guilherme, pai do actual soberano, e recordando o que succedera entre os dous antepassados de um e outro lado, propunha agora, em razão de suas circumstancias, a venda n'outro tempo recusada. Respondeu-lhe Frederico Guilherme por seu proprio punho nos seguintes termos:

MEU CARO VISINHO:

«Não posso aceitar a venda do vosso moinho, «que deve sempre pertencer á vossa familia em «quanto d'ella houver alguma pessoa, porque isto «se acha ligado com a historia da Prussia. Sinto, «porém, muito o saber que são más as vossas cir«cumstancias, e por esta razão vos envio seis mil «dollars [1], que julgo serão sufficientes para arran«jardes os vossos negocios.

«Tende-me sempre como vosso affeiçoado vi«sinho.

«*Frederico Guilherme.*»

Tornando aos nossos reis, ainda quero recordar aquelle famoso dito de el-rei D. Sebastião ao seu aio, quando este lhe quiz embaraçar que montasse um cavallo em que corria perigo, e que achou logo um adulador para lhe atiçar as iras, e justificar o desacerto em não querer desistir de sua teima imprudente — *mandai sellar o cavallo que quizerdes*, disse el-rei ao velho aio, *que já alli fóra me beijaram a mão porque vos desobedeci.*

Tambem, já agora, ainda direi a formosa acção de D. João II para com Ruy de Sousa. Era este

[1] Perto de quinhentos mil reis.

um illustre ancião, illustre por sangue, e por seus feitos d'armas e muitos serviços, em dous reinados, tendo por isso alcançado grande authoridade e respeito na côrte.

Um dia, em conselho, Ruy de Sousa, contradizendo el-rei, esqueceu-se tanto do lugar e da pessoa, que contra elle se serviu de palavras demasiadamente descomedidas. Reprehendeu-o D. João II severamente, e ordenou-lhe que sahisse logo do paço; mas na tarde d'esse dia, dirigiu-se a casa do velho cavalleiro, e lhe disse ao entrar: *Ruy de Sousa, passarei esta tarde comvosco. O que hoje me dissestes offendia o respeito devido ao rei, por isso vos reprehendi asperamente; se os vossos ditos offendessem em mim um homem qualquer, eu vol-os soffrera, como se fôra D. João vosso filho; com tudo, como se o fosse, vos peço me perdoeis.*

Ora, não serão mais de admirar nos reis cousas d'estas, em que tem de se vencer a si, o que para todos os homens é grande victoria, do que são de censura aquellas a que por tantos modos os persuadem e vencem a elles?

Escrevia o bispo Osorio ao confessor d'el-rei D. Sebastião que os reis tinham comsigo aquella praga de ninguem lhes fallar verdade, senão os cavallos, porque elles os desenganam á sua vista de serem ruins cavalgadores.

E tantas queixas dos enganados, tão poucas dos que os enganam!

E, ás vezes, tanto clamor cá fóra pelas praças, e lá dentro tanta genuflexão pelas ante-camaras!

Desentranham os declamadores, ora das paginas da historia, ora das vozes da calumnia, uma acção má, e concluem logo — aqui está o que são os reis. Se esses taes quereriam que d'elles proprios se concluisse o mesmo? Se se não poderia, ao menos, concluir assim, amontoando da historia e da verdade as acções boas dos monarchas?

Gabam-se, e tambem eu gabo, alguns ditos de boa ousadia que os reis tem ouvido de vassallos fieis, e até se apontam em honra da liberdade.

Bem haja quem a mantinha.

É muito sabido e muito citado aquelle *senão, não,* dos nossos bons portuguezes.

De Lopo Soares de Albergaria ficou memorada a resposta que deu ao mensageiro d'el-rei que o mandou chamar a Torres Vedras aonde se retirára, á sua volta da India, pezaroso do mau recebimento que na côrte tivera, com pouca justiça: *Dizei a S. A. que se me manda chamar para me cortar a cabeça, que n'esta villa tem pelourinho; se para me tomar a fazenda, que lá a tem na casa da India; se para me fazer mercês, que eu as escuso.*

Não são tambem para esquecer as palavras do marquez de Villa Real no conselho d'el-rei D. João III. Tratava-se do casamento da infanta D. Maria com D. Filippe de Castella, e oppunham-se os zelosos conselheiros, prevendo os futuros males (que

por fim vieram); pois não tendo el-rei outro filho senão o principe D. João, mais avisado seria que a infanta casasse com seu tio o infante D. Luiz, assegurando-se assim a successão do reino. Mas ao começar o marquez de Villa-Real a mostrar as inconveniencias d'aquelle consorcio, a rainha, o atalhou dizendo—*que el-rei não chamára o conselho para o ouvir sobre as conveniencias do casamento, porque esse já estava ajustado, mas sim para conferir sobre as condições com que havia de fazer-se;* e o marquez lhe tornou mui respeitosamente—*pois esses com quem el-rei se aconselhou para o casamento, sejam tambem agora chamados para darem conselho sobre as condições d'elle.*

Gabam-se, pois, muito estas e outras honradas ousadias; mas cuido que tanto se ha-de gabar quem taes cousas sabia dizer, como quem taes cousas sabia ouvir, e muitas vezes premiar.

A verdade, é, que os reis, porque são homens, tem seu direito e avesso como toda a gente, mas n'este avesso pertence boa parte aos lisonjeiros e intrigantes; porque, na elevada região em que vivem os principes, e com a necessaria convicção de que se devem estremar em tudo, facilmente se hão-de inclinar de si para todas as idéas nobres e levantadas, sendo que, por isso mesmo, os illudem muitos cortezãos, que servem seus interesses em vez de servirem os do monarcha e do estado.

SERÃO III

NECESSIDADE DA REVELAÇÃO

De mon état cruel quand je me désespère
Et sens avec Platon qu'il faut qu'un Dieu m'éclaire,
J'apprends qu'un peuple entier garde encore aujourd'hui
Un livre qu'autrefois le ciel dicta pour lui.

J. Racine.

A razão humana, com quanto apta para a verdade e sequiosa d'ella, foi, e seria sempre, impotente no descobrimento das noções mais importantes do mundo moral, sem o auxilio divino.

Debalde iria de conquista em conquista, no terreno dos conhecimentos especulativos; a verdade moral, a mais preciosa e sublime de todas as verdades, desappareceria constantemente diante da

razão, como uma sombra fugitiva, sem a manifestação directa do Creador á creatura.

Por isso Deus veiu em seu soccorro, em tres épocas differentes, abrindo, alargando e completando a esphera das idéas celestes, segundo as condições em que se achava o homem para receber essa sciencia; e é, n'este sentido, que, com razão, diz *Lessing*, que a religião é a educação da humanidade.

Manifestou-se, pois, Deus, na infancia da terra, a nossos primeiros paes; manifestou-se ao povo hebreu, por intervenção de Moysés; e manifestou-se por fim a todas as nações, por seu filho JESUS CHRISTO.

Da revelação primitiva encontram-se vestigios e tradições em todos os povos, formando para assim dizer, no que ella tem de fundamental, a base da crença do genero humano.

Da revelação de Moysés e dos prophetas, estão as provas irrecusaveis em um livro que os judeus guardam sem alteração ha mais de tres mil annos.

Da revelação christã, temos o grande monumento da Igreja catholica, a quem foi confiada; e que com ella alumiou, e alumiará todo o mundo até á consummação dos seculos.

Careceu, portanto, sempre a razão de ser guiada ácerca da verdade religiosa, porque o finito não póde sem a luz do céo, comprehender o infinito;

e é por isso que essa verdade é objecto da fé e não da sciencia.

Eram, porém, imperfeitas e insufficientes as duas primeiras revelações.

O mundo estava adulto, era necessario completar a sua educação.

O que bastava ao homem na sua infancia; o que lhe bastava na sua juventude; não lhe podia bastar na sua virilidade.

A razão permanecia impotente.

Interrogai a historia; examinai o estado da religião e da moral, antes da vinda de JESUS CHRISTO.

Que sabia o homem ácerca do seu author; da sua origem; dos fins da creação; dos seus deveres na terra; das suas relações com a Divindade; dos fundamentos de toda a sabedoria; da base de todas as virtudes; da verdadeira fonte da sua felicidade?

Interrogai os tempos que ficam d'além da Cruz, e vêde quaes eram os dogmas dos povos, ainda os mais esclarecidos, qual era a theologia, ainda dos philosophos mais illustrados?

Um polytheismo louco, e uma idolatria grosseira e vergonhosa!

E todavia que adiantamento, que illustração em todos os outros ramos dos conhecimentos humanos?!

Em alguns d'elles, nas artes sobre tudo, che-

garam os antigos a tal grau de perfeição, que ainda não foram excedidos, nem sequer igualados pelos modernos.

Que prova isto senão a insufficiencia da razão, deixada a si mesmo, a respeito da verdade moral?

Qual era o povo, excepto aquelle a quem fôra confiado o deposito sagrado, que não se perdia n'um mar de incertezas, de contradicções, de erros, de duvidas a respeito de Deus; da natureza, da origem e destino da alma; do summo bem; e de todos os outros objectos moraes de igual importancia?

As grandes verdades pareciam ter por cima um véo pesadissimo que nenhum talento humano podia levantar.

Inventam-se os deuses extravagantes d'*Epicuro*, o principio liquido de *Thales*, o principio aereo d'*Anaximenes*, a alma material de *Democrito*, a metempsychose de *Pythagoras*, e outros absurdos semelhantes.

A philosophia não chegava a mais; e por isso, quando um espirito superior examinava as innumeraveis opiniões dos philosophos pagãos, concluia que ella era uma chimera, e que não merecia senão desprezo, como conclue *Cicero* no seu tratado da natureza dos deuses.

Apenas apparece um sabio, verdadeiramente digno d'este nome, porque fez o mais que podia

fazer, reconhecendo a importancia da razão sem o auxilio divino. Foi *Platão*.

Essas verdades, disse elle, não serão conhecidas nunca, se o proprio Deus não as revelar aos homens.

De resto, faz espanto e vergonha vêr as infinitas disputas, os erros incriveis de que se occupava então a humanidade; e a serie de humilhações e ignominias de que está cheia a historia, como sendo culto e religião dos homens.

Tudo era Deus, excepto Deus, segundo a bella expressão de *Bossuet*.

E o homem, sem a Revelação, teria sido sempre assim.

Em quanto a razão desarmada fosse o seu unico guia, continuaria cada qual a philosophar a seu modo.

Era indispensavel o facho que dissipasse as trevas da razão; era indispensavel a manifestação exterior e completa de Deus ao homem, para o homem conhecer essa verdade, que está acima de tudo o que nos cerca, e que só nos podia ser revelada por Aquelle que disse: — *Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*

Que vemos nós hoje mesmo, apesar da luz do Evangelho, quando a philosophia se aparta da Revelação?

Que vemos nós, quando a razão se quer emancipar da fé?

Reproduz-se de novo o mesmo espectaculo humilhante para a sabedoria humana. Temos os mesmos erros, os mesmos excessos, as mesmas disputas, a mesma incerteza.

É que o homem, logo que se separa de Deus, volta á sua natural fraqueza, e é incapaz de toda a concepção verdadeiramente grande.

Uma perpetua ignorancia seria, portanto, a sua sorte sem o favor da Revelação; e a sua completa educação moral seria impossivel.

Foi essa eterna ignorancia que JESUS CHRISTO veiu destruir, annunciando a verdade á terra com a authoridade de um Deus, e comprovando-a com seus milagres.

Foi esse o immenso beneficio da Revelação, e que só por ella se podia effectuar, conciliando os interesses da razão e da fé, e traçando os limites de ambas.

Foi essa a grande obra da manifestação divina, que veiu alumiar a intelligencia humana; dar-lhe uma norma, que domina as convicções sem aniquilar a liberdade; pôr termo á anarchia da razão; e determinar de uma maneira clara, precisa, compativel com todas as épocas, com todos os climas, com o regimen de todos os povos, as relações do Creador com a creatura; do céo com a terra; de Deus com os homens; e dos homens uns com os outros.

Sem esse inapreciavel beneficio, o mundo estaria ainda, e sempre, entregue a interminaveis disputas, a encontrados erros, a opiniões oppostas, a systemas contrarios, e tendo, como ultimo recurso, a duvida e o scepticismo.

---

*

SERÃO IV

A FÉ E A RAZÃO

Cette raison superbe, insuffisant flambeau,
S'éteint comme la vie, aux portes du tombeau.
Viens donc la remplacer, ó celeste lumière!
Viens d'un jour, sans nuage inonder ma poupière!

LAMARTINE.

Hoje que a impiedade se empenha em restabelecer o que chama fóros da razão, cerceando os direitos da fé, importa ao escriptor catholico avivar as idéas que representam estas duas palavras, e demonstram que, longe do antagonismo que lhes attribuem, ellas se auxiliam mutuamente, e que da reunião de ambas só resulta a nossa instrucção e a nossa felicidade.

O que é a fé senão a luz que dissipa as trevas da vida humana, contra as quaes debalde se esforçava a razão?

O que é o mundo sem a fé? Um cahos. O que é o homem? Um enigma. O que é a vida? Um longo infortunio.

Vêde, pelo contrario, com a fé como o cahos se esclarece; como o enigma se explica; como a vida recebe a consolação da esperança.

Que dava ao homem a razão? A philosophia do nada; os tormentos da duvida; e o pó esteril do sepulchro.

Por isso disse *Montesquieu* aos scepticos: «A vossa philosophia é o relampago que annuncia a tempestade e a escuridão.»

Existir sem saber d'onde se vem, nem para onde se vai; viver entre as calamidades, os crimes e as lagrimas; desapparecer na sepultura, fatigado da vida, sem a comprehender, e sem esperar senão o aniquilamento como unico recurso; tal é a sorte que nos promette a razão, desacompanhada da fé, com a sua famosa philosophia.

E que nos promette e nos dá a fé?

Ensina-nos que a vida é caminho e não fim; mostra-nos a campa como porta de uma existencia eterna; assegura-nos um mundo melhor; faz do homem um sêr sublime destinado á immortalidade!

Consoladora doutrina, que nos dá armas para o combate durante a vida; que nos serve de leme e

de pharol nas tempestades do mundo; e que nos alumia com a radiante estrella da esperança, ao entrarmos nas sombras da morte, para nos guiar ao céo!

O grande beneficio da Revelação, foi alargar os horisontes dos conhecimentos humanos, conciliando os interesses da razão e da fé.

Traçou os limites de ambas; deu o objecto á fé, e deixou os motivos á razão.

Era precisa uma authoridade suprema á fraqueza da razão; veiu a Revelação e disse ao homem: Eis aqui a verdade; eis aqui o objecto para a tua fé.

Disse, por outro lado, á razão: Examina e julga os motivos da tua crença, exerce livremente a tua soberania; aprecia as provas, e decide-te.

A religião não combate os direitos da razão; tem-os consagrado sempre, a exemplo de seu Divino Fundador, que exhortava os judeus a que lhe examinassem a authoridade.

D'onde vem, pois, o supposto antagonismo entre a razão e a fé?

Perdeu por ventura o seu poder a razão sob o dominio da Revelação divina?

Não é a razão, soberana absoluta dentro dos seus limites, que a auxilia a repellir os erros que atacam a fé; a reformar os abusos; a distinguir a superstição da religião; a apurar o zelo; e a esclarecer a piedade?

Oh! Admiravel harmonia d'estas duas authoridades, dadas por Deus ao homem!

A Revelação submette as suas provas ao exame da razão; e a razão submette as suas idéas aos decretos da Revelação.

Mas os mysterios? Mas o que não se póde comprehender?

E terás tu, orgulhosa creatura humana, a vaidade e a loucura de negar tudo que não pódes comprehender?

Quantas verdades incontestaveis, palpaveis, certissimas se passam todos os dias diante de teus olhos, sem que tu tenhas feito mais que descobril-as ou reconhecel-as, sem as poder explicar?

Que sabes tu das causas e principios da natureza, que todavia chegas a demonstrar pela força do raciocinio?

Que sabes tu da essencia da materia, e das suas grandes propriedades?

Que sabes tu de mil phenomenos, que diariamente estás vendo e tocando com tuas mãos?

O teu seculo tem sido fecundo em descobrimentos?

Não é motivo para teres orgulho, desejando por isso tornar a razão independente da fé, porque esses novos descobrimentos, essas novas conquistas da intelligencia, trazem, como todas as anteriores, o cunho da fraqueza, e assim que se

profundam, não respondem ao *porque* final, e só trazem novas obscuridades á sciencia humana.

Emprega, portanto, antes a razão em reconhecer a necessidade dos mysterios, porque estás cercado d'elles, e porque elles são necessarios á religião, em vez de pretender d'ahi tirar motivo para justificar a tua incredulidade.

Como haveria uma religião commum, se os homens podessem comprehender todas as verdades d'ella?

Não se julgaria logo cada qual com o direito de decidir d'essas verdades adoptando e rejeitando os dogmas, os preceitos, e as praticas?

Foi por isso que Deus pôz uma parte d'essas verdades acima da nossa comprehensão; foi para que a nossa impotencia nos conservasse submissos; foi para conter as temeridades da razão, pelos limites sagrados da fé.

Que conseguiu *Luthero,* o apostolo da razão, com as pretendidas liberdades d'ella?

Ahi tendes o protestantismo que vos responda. Quasi cada homem representa uma seita n'essa religião, e todos com igual direito, porque desde que a razão é a unica authoridade, nenhum tem o direito de se declarar superior.

Curvemo-nos, pois, e reconheçamos os direitos da fé, sem desconhecer os da razão; façamos de ambas duas alliadas e não duas rivaes, como Deus

quiz que fossem, para nos guiarem na peregrinação da terra; demos á fé o que pertence á fé; e entreguemos ao exame da razão o que nem JESUS CHRISTO nem a Igreja lhe negaram nunca, que são os motivos da crença, e as provas da sua doutrina.

SERÃO V

INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO NA CIVILISAÇÃO

> Chose admirable! La religion chrétienne, qui ne semble avoir d'object que la félicité de l'autre vie, fait encore notre bonheur dans celle-ci.
>
> MONTESQ. *Esprit des Lois,* l. XXIV, c. 3.

Dezoito seculos correram já sobre a roda dos tempos, des que a Judeia viu accender, no seio do seu povo, essa estrella formosissima, que fulgurou immorredoura entre os angulos do mundo!

Dezoito seculos se mergulharam já no abysmo do passado, des que na Judeia se alevantou essa columna de bronze, que pousava sobre a terra a

base, e devassava os céos com o capitel engrinaldado, demandando a origem!

Dezoito seculos morreram já, des que uma virgem da Judeia, como planta mysteriosa, desabrochou essa flôr espontanea — Jesus de Nazareth!

Tudo até ahi era insufficiente, tudo era imperfeito, tudo eram trevas, mas o apparecimento do Homem-Deus creou uma era immortal estreada pelas lagrimas do Presepe, e fechada pelo sangue do Golgotha, que derramou no meio das nações uma torrente de luz, e verificou, no principio e no facto, a grande regeneração da humanidade. O Gigante celeste tocou as ferreas paginas da historia, e ellas volveram douradas sob seus dedos divinos: abriram-se as portas do Cenaculo e o espirito do Senhor caminhou pela superficie do globo, e reformou os costumes.

As palavras santas foram ondas de nectar, que inundaram os corações, e desabotoaram um sorrir nos labios do opprimido, que por instincto adivinhou a liberdade no seio do Christianismo.

A mais philanthropica de todas as maximas foi então desenvolvida: «*ama o teu semelhante*», dizia o enviado do Senhor, e n'essas palavras, que já Moysés havia pronunciado, mas que se haviam esquecido, plantou elle a pedra angular, o cimento roborado da fraternidade, e da moral: — os olhos do homem poderam lêr, entre as pregas das vestes nobres e severas, com que se arreiava a nova lei,

o principio da igualdade, o nivelamento diante de Deus!

D'este modo, o *grande* curvou-se porque não se abatia, o *pequeno* ergueu-se porque não se rebellava, e todos os anhelos reboaram para o outro mundo, como porto unico, aonde devia ancorar a esperança, aonde o espirito devia quedar-se afortunado.

O poder era até então uma corda de esparto, que sob os auspicios do paganismo, apertava os membros da sociedade, estorcia-os, esmagava-os uns contra os outros, e de rojo os conduzia aos pés da mais brutal tyrannia, que apenas se dignava roçar-lh'os pelas frontes maceradas, de refocilada que era, em seu throno soberbo! Mas o Christianismo emancipou os escravos, casou o poder com a razão, com a caridade, e com o amor; os premios da virtude abriram o caminho para as dignidades, sem o auxilio dos berços de marfim, e dos cofres de ouro; a antiga politica baqueou; os reis foram homens; e os vassallos tambem o foram.

A doutrina do Verbo, era voz de primavera, que fallava ao roble da montanha, á gramasinha do valle; e o roble estendeu os seus ramos até ao valle; e a gramasinha trepou até á montanha, porque a lima tenaz, desbastando os costumes, exaltava os humildes e humilhava os soberbos; porque o

Filho de Deus prégava em meio das turbas — *o homem é irmão do homem!*

Dezoito seculos, diziamos nós, tem já de vida a crença de Jesus, e n'este longo periodo as gerações, que passaram sob sua aza sagrada deram cada dia um novo passo na estrada do adiantamento. Uma briza do inferno ha por vezes, confessâmol-o, soprado sobre suas pégadas, mas essas, que se gravaram profundamente no solo, triumphando do sôpro maldito, são uma historia successiva, aonde o philosopho de todas as idades ha-de enxergar a palavra — *civilisação.*

Esta palavra quando ahi a lançamos, é como o rotulo famoso de dous maximos capitulos do Christianismo — o desenvolvimento individual, e o desenvolvimento social. Na primeira época da sua existencia regenerou elle as crenças, os sentimentos, o homem interior, como lhe chama mr. Guizot, o homem moral, o homem intellectual. Na segunda época regenerou a sociedade, regenerou o homem na sua condição exterior, na sua relação com os outros homens. Foi primeiro uma associação de principios, de sentimentos communs germinando de coração em coração; foi depois uma Igreja com systema de regras, disciplina, e magistrados, florescendo magestosa de povo em povo.

Os preceitos da lei primitiva ou tradicional haviam-se perdido entre os homens, como arroio min-

goado entre areias sem horisonte; embora fossem elles ainda, nos livros dos hebreus, a norma dos costumes e a base da legislação; embora fossem elles ainda o thema philosophico do Oriente, do Egypto e da Grecia, os espiritos depravaram-se, e as antigas verdades foram ou alteradas ou esquecidas. Era o mundo tão corrupto, que o mesmo Deus teve um momento de arrependimento! Embalde choveu sobre elle o mais tremendo dos seus castigos; embalde! Que os vicios, as cruezas, as injustiças, e a idolatria renasceram como hydra de cem cabeças; — era pois mister creal-o de novo, e creou-o.

A invasão dos barbaros sobre o imperio romano é com effeito uma creação moral da humanidade; esses povos eram virgens, como o primeiro raio do sol, haviam de ter seio aonde se encravasse uma cruz! O Evangelho abriu-se entre a innocencia dos selvagens, e a innocencia dos selvagens comprehendeu o que os conquistadores da terra teriam desdenhado: hasteou-se o signal da Redempção entre um povo singelo, e um mundo novo surgiu em volta d'esse signal, que de pelourinho infamante subiu ás cupulas dos edificios, aos brazões dos guerreiros, ás corôas dos monarchas, ás aras dos templos!

Rebentou pois frondosissima a arvore do Evangelho, d'entre essa erupção, que abrazou o imperio

dos Cesares, como lava fumegante, mas lava que fertilisa; rebentou afastando com seus braços alterosos, os turbilhões de pó levantados pelos exercitos, as ondas de fumo vomitadas pelos incendios; e ao mal extincto gemer de tantas victimas, ao mal fechado gotejar de tantos seios, succedeu a melodia das harpas evangelicas, e uma voz suave, e carinhosa fez ouvir mais energicas as palavras da antiga lei.

« Vós amareis o Senhor Deus de todo o vosso coração, de toda a vossa alma, de todo o vosso espirito »; eis ahi o primeiro e o maior mandamento.

E eis aqui o segundo que é semelhante ao primeiro: « Vós amareis o vosso proximo como vós mesmos. »

Todas as leis e os prophetas estão encerrados n'estes dous mandamentos.

E toda a lei é ahi resumida?! Toda, porque essa lei é o amor, a caridade!

Quando um Tiberio, um d'esses tigres de quem o nome só é uma pagina de sangue, reinava sobre o mundo, e com elle, como ministros de Satanaz, reinavam os vicios, os erros, e os crimes; quando a humanidade opprimida vertia prantos de fel sobre o canero que lhe roía o coração, que balsamo santo lhe não trouxeram estas palavras desconhecidas?

« *Bemaventurados aquelles, que choram e são afflictos n'este mundo, porque elles serão consolados no outro.* »

« *Bemaventurados os que soffrem perseguição pela justiça, porque d'elles é o reino do céo.* »

« *Bemaventurados aquelles que tem fome e sêde de justiça, porque elles serão saciados.* »

Assim fallou essa voz melodiosa aos ouvidos dos que gemiam; melodiosa como os hymnos de Siam, quando um archanjo fagueiro vibra as cordas suavissimas da lyra do Eterno.

E essa voz tambem ensinou aos fortes, aos poderosos, e aos senhores, a compaixão, a justiça e a humildade; aos pobres e aos infelizes, o trabalho e a resignação; aos ricos a esmola; aos subditos a obediencia; aos justos a modestia e tolerancia; aos peccadores o arrependimento; e disse a todos os homens — *amai-vos uns aos outros!* — E esta maxima, fonte de todas as maximas, este typo sublime da igualdade, coou pelos seios humanos a purifical-os, e revivel-os como se o brado de tão gentil amor, fôra orvalho de alvorada, que viesse acordar vida nas petalas desbotadas de esmorecida violeta.

Foi o homem regenerado nos seios da alma, e assignado o cyclo mais bello, extinguindo-se a escravidão, como principio; mas tambem a mulher era escrava, carecia de que Jesus a libertasse do jugo; libertou-a: — e essa flôr mimosa da creação

viu soltar de seus pulsos os ferros, que lhe gravaram em vergões a historia do seu viver passado: — esses ferros cahiram, e a mulher foi a companheira e não a serva do homem: a mulher foi a mãi, a esposa, a filha, a irmã do homem; e seus direitos descobertos trouxeram comsigo as canções do trovador, e os torneios do cavalleiro. O Christianismo elevando a mulher, porque lhe vazava nas fibras intimas os pensamentos do céo, collou á civilisação a mais nitida pedra do seu obelisco: — aquelle, que a cantou á sombra dos cedros, e das palmeiras deu-lhe a mão para caminharem juntos, a curvarem-se diante do Senhor, aquelle que bradou em meio dos combates — *por Deus e por ella!* — era um ente já bem diverso dos soldados d'Attila, dos hunos, e dos vandalos. A mulher podia então assentar-se junto do esposo como sua igual, e quando lhe afagava a fronte, que suáva trabalhar de vida, quando lhe fallava palavras de brandura e de amor, palavras que só tem os labios da mulher, então o homem alevantava os olhos para o céo, tão azul, como era verde a sua idéa esperançosa; o homem dulcificado por ella tomava a senda da virtude, e despia as barbaras usanças de antigos dias sobre as fronteiras de futuro ameno, sacudia o pó da terra do impio, e caminhava para a civilisação, e para Deus!

Esta emancipação das mulheres foi o primeiro passo para o aperfeiçoamento social, porque taes

pombas de brandura e amor, não podiam arrulhar entre sarças, senão que entre rosaes, florejando primavera, á sua voz creadora; — já não era só o individualismo, que se reformava, era a primeira casta de sociedades, a familiar, que recebia um incremento mais dôce; era a mulher purificada por Maria, a Eva do mundo novo, que fechava as portas do inferno, apontando para o Golgotha.

E assim caminhou d'aqui o Christianismo, com a rapidez do raio, a illustrar o homem concreto, o homem das cidades, o homem das nações.

Alevantaram-se os povos, que entre Adão e Christo, entre o berço e o thalamo, jaziam abysmados na idolatria; o novo Ezechiel soprou pelas fisgas dos sepulchros, e dos sepulchros sahiram homens cheios de vida: — com a vinda do Messias pereceu a raça vendida, nasceu a raça resgatada.

Roma, essa cidade de granito e de marmore, esse collosso de cem braços, essa rainha do mundo, que pensou estabeleceria a unidade religiosa, como havia estabelecido a unidade politica, abateu-se ao ignoto Pedro; abriu suas portas de bronze diante dos passos do pescador, e a voz do pescador pôde tanto que já Tertulliano exclamava em meio da côrte dos Cesares: — «Nós não existimos senão desde hontem e enchemos todo o vosso imperio; as vossas cidades, ilhas, e castellos, aldeias, ajuntamentos, campos, tribus, decurias, palacios,

senado, e fôro; só deixamos livres os vossos templos.»

Roma, esse gigante soberbo assentado sobre tantos thronos derrocados, esse soldado triumphador de tantos exercitos inimigos, esse, que marcava a sua passagem nas regiões por cintas de pedraria, acastellada em arcos, ou alastrada em caminhos; esse, que identificava o mundo, não o pôde escravisar ao velho Saturno, aos seus rivaes da Grecia brilhante, ás suas crenças famosas! Vergou-se a grande e forte Roma, de fragil e pequena, diante da cruz magestosa e sublime; e viu Constantinopla a nova cidade do Imperador Christão, viu-a como berço da Igreja, organisar o credo de Jesus sobre bases regradas, e transformar-se em religião do estado, prenhe de vida e de força.

Roma, essa vibora sequiosa de sangue, essa mesquinha estrebuxando raivosa na agonia da sua queda, foi debalde que bradou — «*aos leões, aos leões o christão!*» — correram milhões de martyres a tingir-lhe a areia do amphitheatro, apinhoaram-se em volta d'elle a pedir uma morte, que era dôce, que era vida, que era caminho glorioso do céo; morte, que escarnecia de Nero, Domiciano, Septimo Severo, e Galerio; morte, que semeava proselytos, que vertia um sangue d'onde rebentavam christãos!

Roma, essa descrida immoral, essa velha de-

vassa, curvou-se aos filhos das catacumbas, e nos fins do quarto seculo o Christianismo, não já uma crença individual, mas uma instituição, uma Igreja, entrou pelo seio d'ella, pelo seio da sociedade a espremer seus favos de mel sobre fibras, que suavam acéto; cessou a prostituição legal, a exposição dos infantes, os assassinios dos jogos publicos e familiares, o supplicio arbitrario dos condemnados; tudo isso desappareceu dos costumes e dos codigos. — A lei, morta nos carateres do livro, a lei, viva nas acções do homem, foram ambas concordes na civilisação.

Ovante, e com a fronte erguida e laureada, caminhou o Christianismo de paiz em paiz, como havia caminhado de consciencia em consciencia: — a Judeia, o Egypto, a Grecia, a Italia, dobraram diante d'elle a cerviz pagã, e nem sequer tres seculos foram mister para empunhar o sceptro universal; — no anno de 313 assentou-se triumphante com Constantino sobre o throno do imperio!

As vagas encapelladas d'esse pelago de barbaros, que vinham como convivas assentar-se ao banquete de Roma, galgando-lhe as fronteiras pelo Occidente e pelo Oriente, sacudidos por um tufão de fatalidade, quedaram-se em face do mysterioso dique: — era o Christianismo, que lhes sahiu ao encontro, que os baptisou, que os esposou amoroso, e com elles procreou a idade média, e os tempos modernos. « Infante docil, como diz um illustre

engenho, o barbaro acreditou o que a Igreja lhe ensinára; não foi como os gregos subtis, e disputadores de Alexandria ou Constantinopla, pedir explicações de todas as palavras do Evangelho; elle curvou a cabeça sob a mão do sacerdote; queimou o que havia adorado, e adorou o que havia queimado.»

Se as leis de Lycurgo, e a religião de Numa não salvaram Sparta e Roma, um pescador, pobre, nú, desconhecido, encravou na mais alta grimpa do Capitolio o pendão magestoso e augusto, que já dezoito seculos saudaram assombrados ao escorregar-lhe pela base. Mas esse pescador, era o enviado de Deus; esse pobre prégava aos pobres uma religião intellectual em vez da religião material, que fazia do culto uma fórma e não uma idéa; esse nu prégava a philosophia abstracta em relação a Deus, a philosophia moral em relação ao homem, e por isso as palavras do desconhecido, escreveram-se nos costumes, na legislação, nos monumentos de toda a terra!

Sob a influencia do Christianismo, as intelligencias batalharam contra as ignorancias, o venceram-nas; as legitimidades batalharam contra as usurpações, e venceram-nas; descobriram-se verdades politicas, que tornaram possivel a chimera de Tacito; — as sciencias até alli estagnadas, amontoaram as ruinas do velho mundo, assentaram-se sobre ellas, floridas e louçãs, como festão

de viçosa hera a engrinaldar os peristilos partidos de velho edificio descommunal.

A belleza material da arte, fez praça ao espiritualismo, que a idéa de Deus creou n'essa belleza: — á plastica, e ao classico succedeu o romantico: decompoz-se a perfeição para se recompôr mais formosa; inventou-se a esthetica, ou a arte da verdadeira belleza na litteratura, e nas artes.

A philosophia, fundiu-se na idéa da divindade, derramou-a; destruiu o polytheismo absurdo; revoou muito além dos esforços orientaes, e das theorias hellenicas.

A poesia, que vagava desconsolada, que pendia emmurchecida, como violeta que desmaia ao soprar impudico de uma aura enregelada; a poesia, que mal podia desleixar uma canção de suspiros na esterilidade do seu viver, acorda com o coração aquecido, renasce joven e formosa, cheia de fogo, de crenças, d'amor e d'enthusiasmo; descanta os heroes e os amantes na sua lyra de ouro, ataviada de jasmins e de palmas; folga por sombras de alameda embriagada com o perfume da natureza, desapertada em ramalhetes; corre das sombras do norte ás sombras do meio-dia; e, Moysés do sentimento, faz rebentar com sua vara harmoniosa de cada pedra uma Castalia virginal, purissima e suave.

A musica, esta arte romantica por excellencia, engolfada na idéa de Deus, creou o sentimentalis-

mo christão, abriu sendas ignotas á sublimidade do talento, ensinou a navegar pelo oceano da harmonia esses nautas inspirados, que foram cultivar a saudade mais ardente dos céos nos seus hymnos celestiaes: — a musica religiosa, o orgão dos templos, foi um poema intimo, que se não havia jámais sentido; a melodia, casada com o pensamento christão, foi o esforço derradeiro do homem ao invejar os espiritos angelicos.

A pintura encontrou por toda a parte as tintas, que lhe mingoavam; ungiu os seus quadros com o sangue do martyrio, soube desenhar um Deus vivo, e um Deus morto, que nunca soubera phantasiar em seus devaneios; — teve um mundo moral, que lhe animava os pinceis, uma historia, que se lhe desenrolava na tela, um sentimento, que lhe espiritualisava a materia.

A architectura escreveu em pedra longas epopêas, que zombaram do tempo, e do olvido, porque a cada lavor correspondia uma idéa infinita; os olhos, que mediam as columnas não se quedavam no capitel, continuavam até ao céo, para onde lhe apontava aquelle dedo do artista: — essas massas inertes, que até alli eram mudas e severas, foram outros tantos carmes de suave harmonia, que exaltavam a crença; e o homem, que se accusou de passageiro e mesquinho ao pé dos porticos da gentilidade, reconheceu-se grande e immortal dentro do templo christão.

Nada houve, pois, sobre a terra, que não florescesse ao sopro do Christianismo; o mundo physico, senão transformado pelas artes, pela povoação de melhor fórma, foi tido em preço, foi altar de adoração ao Creador; — o canto das aves, por manhã de primavera, recebeu o nome de canção do Eterno; — o roble, afeiçoado em cruz, foi symbolo mystico do drama religioso; — do penedo arrancou-se um santo!

O mundo moral, tão virente como hastea nova de laranjeira, desabrochou-se em fructos saborosissimos d'amor e caridade; deu-se mãi social ao infante, engeitado por a mãi da natureza; santificou-se a esmola, fundou-se um asylo ao enfermo; e depois de assim haver curado dos vivos, o Christianismo acompanhou os mortos á sepultura, orou sobre ella, e verteu o balsamo da esperança nos calices da saudade; — finalmente o homem revelou-se a si mesmo, e ao homem revelou-se o mundo, que á voz do Christianismo *sahiu,* como diz mr. De Chateaubriand, *da civilisação pueril, corruptora, falsa, e particular da sociedade antiga, para entrar no caminho da civilisação razoavel, moral, verdadeira, e geral da sociedade moderna: — caminhou dos deuses para Deus!*

SERÃO VI

O DOMINGO [1]

> Complevitque Deus die septimo opus suum quod fecerat...
>
> GEN., cap. II, §. 2.

Já os gregos e os romanos haviam comprehendido o pensamento da necessidade do repouso corporeo: — a natureza, é certo, desdobra, regular-

[1] Tanto este artigo sobre o *Domingo,* como o anterior, que se intitula *Influencia do Christianismo na civilisação,* foram escriptos quando eu ainda estava nos bancos da Universidade de Coimbra, em 1843. Entraram n'uma publicação periodica, intitulada *O Christianismo,* de que só vieram a lume dous folhetos, que são hoje extremamente

mente seu manto de pacificas trevas; espreme as suas dormideiras ou do alto de uma torre ou dos pincaros de uma rocha; açaima o bulicio das cidades; aferrolha as brizas; emmudece os mil cantores do mundo; e com o derradeiro fulgor do sol, que desmaia, e com a derradeira badalada do sino, que retumba, convida o homem ao descanço, e fecha-lhe as palpebras em afagar carinhoso; — mas

raros. Inclui-os agora aos *Serões*, não só em prova de como as minhas idéas religiosas logo no verdor dos annos se manifestaram, mas tambem em testemunho agradecido á memoria do grande *Castilho*, que ambos esses artigos coroou com tamanho favor, que a mim proprio me parece exagerado. Foi de certo exageração calculada d'aquelle animo generoso e indulgentissimo para animar o escriptor imberbe na carreira das letras. Mas embora; com isso mesmo me impõe a obrigação de não os deixar perder de todo.

E para que me não creiam sob palavra, aqui ponho, ao menos, o que aquelle meu respeitavel mestre se dignou dizer com relação ao artigo *O Domingo*.

Dizia, pois, elle na *Revista Universal Lisbonense* de 11 de janeiro de 1844:

« O author do artigo 2482 d'este jornal substanciou as primeiras razões religiosas e philosophicas porque aos domingos se não deve consentir o trabalhar. No segundo numero, que se acaba de publicar do interessante jornal *O Christianismo*, vemos a mesma doutrina expendida pelo snr. João de Lemos com tanta eloquencia e poesia como saber. O primeiro raciocinou severamente o objecto, como Tassoni; o segundo dourou-o e floriu-o, como Chateaubriand, etc. »

isto era pouco, sentia-se que mingoava na vida um periodo mais longo de desenfadamento.

Este periodo não o fixaram nem gregos nem romanos, porque os não alumiava a luz divina; — a da razão não bastava; foi pois entre elles incerto e desigual, como desiguaes e incertas eram as festas, que o determinavam no seu culto pagão. Todavia o judeu, soube fixar esse dia; é que o Senhor inspirava o judeu.

A creação do universo foi tomada para thema, e assim como Deus se repousára no setimo dia, tambem no setimo repousou o israelita, e inventou-se a semana, inventando-se o *sabbado*. Veio depois o christão e fez mais do que o judeu; é que o Senhor identificava-se com o christão.

O christão casou a idéa do nascimento physico á do nascimento moral; o complemento da creação ao complemento da redempção; o poder com o amor; o Pai com o Filho, e transferiu a festa de *sabbado* para o dia do Senhor, que é o *domingo* (*Dies Dominica*).

Antiquissimo é este nome na liturgia christã, encontramol-o no Apocalypse, e os Actos dos Apostolos contam como S. Paulo, ao passar pela Phrygia para Jerusalem, prégou aos fieis, que no domingo se reuniam para commungarem o pão.

S. Justino, o philosopho, descrevendo-nos as santas praticas d'esse dia do sol, como antigos povos poeticamente lhe chamavam, remata com dizer:

«Nós escolhemos para nos reunir o domingo, porque é elle o primeiro dia da creação do mundo, e da resurreição de Jesus Christo Senhor Nosso.»

Por um edito publicado em 7 de março de 321 o Cesar religioso, o piedoso Constantino, converteu em obrigação do imperio a determinação da Igreja; o concilio de Laodicea renovou a observancia do domingo; o imperador Leão prohibiu em tal dia as sentenças e as execuções.

No oitavo seculo S. Theodoro de Cantorbery, fallando do domingo em Inglaterra, diz-nos que *«n'este dia não se andava embarcado, a cavallo ou de carro, excepto se era para levar ao templo os que a pé não podiam; não se cozia pão; e acrescenta que entre os gregos não se tomava banho, nem se escrevia para o publico»*: — já o maná do israelita tambem não chovia ao sabbado, que o dia de Jehovah deve ser só de Jehovah!

De bem longe vem por certo o domingo; partiu talvez do céo; passou como escondido pelo paraiso terrestre; coroou-se de luz no sepulchro de Christo; transformou-se em culto no codigo da Igreja; firmou-se como lei nos editos dos principes, arraigou-se por instincto e amor, e devoção no coração dos crentes, para de novo subir ao céo, d'onde viera.

Santificou-se outr'ora tanto a festa dominical, que até as vesperas eram santas; alguns concilios do Occidente, celebrados no oitavo e nono seculo,

instituiram-lhe officio de vesperas, e na meia idade, em França, ninguem tinha loja aberta depois do toque, que as annunciava.

Eis ahi o que foi o domingo. Foi um dia sagrado por toda a christandade; um dia reclamado por toda a natureza, orvalhado de bençãos pela Igreja; perfumado de incensos; prenhe de recolhimento e de preces. Deu-lhe o primeiro sacão a revolução franceza com as suas decadas; não vingou essa impiedade, como preceito escripto, mas vingou geralmente na pratica o desleixo da observancia, porque a immoralidade nos tem prostituido o soberbo edificio, rebocando, e caiando a pedra lisa com os damnados atavios de falsa civilisação.

SERÃO VII

JORNALISMO E SUA INFLUENCIA

> Em quanto se não cuidar effectivamente na educação..., assim politica como religiosa, verão sempre perpetuada a cadêa das desordens, que desafiam a nossa mágoa.
>
> D. Fr. Caetano Brandão.

A maravilhosa invenção de Guttemberg, que podia ser sempre um poderoso instrumento do bem, um foco de luz, um ensino de virtudes, uma fonte de verdadeira civilisação, tem sido, em grande parte, o revez de tudo isto, uma extraordinaria sementeira de males de todo o genero, de que o mundo tem colhido deploraveis fructos, que lhe

não são, de nenhum modo compensados, em igual proporção, pela imprensa moralisadora.

Não me refiro aos livros, com quanto, nas boas e nas más horas, seja tambem importantissima a sua influencia. Refiro-me, principalmente, aos jornaes, que são hoje, em toda a parte, o livro do povo.

Póde um mau livro fazer grave damno, não ha duvida, mas a acção deleteria do veneno, que se distilla gota a gota diariamente no seio das multidões, que, de ordinario, não lhes sobra tempo para os livros, é infinitamente mais certa e efficaz. O effeito do mau livro é lento, menos vivo, e produz-se, na maxima parte, de cima para baixo. Pelo contrario, o effeito do mau jornal, é mais rapido, é simultaneo em todas as classes; e até se manifesta, principalmente, de baixo para cima. O livro, presuppõe no leitor uma certa cultura, que, ás vezes, o jornal nem possue nem carece de exigir aos seus leitores, se é que frequentemente não conta com a ausencia d'ella.

D'aqui vem o empenho e cuidado com que o espirito do mal tem procurado, em todas as nações, apoderar-se d'esta arma do jornalismo, brandindo-a quotidianamente em seu proveito.

Levantou aquelle abominavel espirito á categoria de principios a corrupção, a insinuação perfida, a mentira e a calumnia; pela corrupção poz, servil e cegamente, ao seu serviço grande numero de pennas venaes, que lhe são outras tantas trombetas de seus maleficios.

Não é novo este processo; tem sido conhecido e empregado varias vezes; mas era em tão limitada escala que até já chegou entre nós. Recentemente, porém, alargaram-se-lhe os ambitos; a corrupção fundou banco de alentadas proporções; a idéa revolucionaria definiu-se e simplificou-se mais; largou a mascara politica, e assentou contra Roma, isto é contra a Igreja, o fogo cerrado de suas baterias. O Jupiter de Berlim, embriagado com as victorias alcançadas em França, e opulento com os despojos d'ellas, foi quem tomou a empresa bancaria, generalisando a corrupção jornalistica na Europa, em guerra de mentiras e calumnias contra a Igreja e contra tudo, que, por algum modo, se derive do catholicismo. Os fumos do triumpho perturbaram-lhe a razão. Quem sabe se será porque Deus o quer já precipitar? Cuida poder tudo, porque pôde vencer a França. E não vê o allucinado que só fôra, nas mãos da Providencia, o instrumento do seu castigo?!...

Entretanto, se de Berlim correm os rios de ouro, em que se mergulham e inspiram essas tristes pennas, tambem d'alli e do proprio *principe de ferro* lhes veiu a classificação com que hão-de ir infamadas á posteridade. Ao fundo destinado a untar, com azeite d'ouro, as rodas de certa imprensa europeia, chamou elle *fundo dos reptis*. E como *reptis*, já agora, ficarão considerados esses taes escriptores, na historia das vergonhas humanas. Hou-

ve, porém, na camara prussiana, n'uma das sessões de fevereiro do corrente anno, um membro tão ingenuo que pediu a suppressão d'este *fundo dos reptis,* d'este *maná teutonico d'uma grande quantidade de jornalistas famelicos,* segundo a expressão de um grave e honestissimo jornal francez. Este ingenuo representante, o snr. *Schorlemer-Alst*, não só pediu a suppressão do *fundo dos reptis,* mas atreveu-se a dizer, em pleno parlamento, que *era lepra que deshonrava a Allemanha aos olhos das nações estrangeiras, e que a imprensa alimentada pelo fundo dos reptis é muito mais perigosa que o phylloxera, contra o qual se tinha votado uma lei, porque ella erige em principio a corrupção, a mentira e a calumnia.*

Ingenuo snr. *Schorlemer-Alst!* Que tirou da sua ingenuidade? Que o ministro do reino lhe respondesse *que tal fundo era um mal necessario, uma peste, se assim o queriam, porém menos de temer que o fundo papal, empregado, como todos sabem, em assoldadar a imprensa ultramontana. Que, portanto, o fundo dos reptis seria mantido em quanto houvesse necessidade de combater os ultramontanos; — comecem estes por* DESARMAR, *que o seu exemplo não tardará a ser seguido.*

A ingenuidade do pedido do snr. *Schorlemer-Alst* só podia ser excedida pelo cynismo e falsidade do ministro germanico, na sua resposta.

Não admira todavia que as victimas da acção

deleteria d'esta *peste* a considerem tal, quando os proprios que a promovem e sustentam não duvidam conceder-lhe a mesma designação.

E que se ha-de dizer do jornalismo de baixo preço, quando igualmente se dirige a combater a religião e a moral? Que nome lhe bastará?

A titulo de *noticiosos*, bisbilhotando a respeito de tudo, entram em toda a parte, á sombra do seu preço. Nas cidades, nas aldeias, nos proprios caminhos se encontram. Nas tabernas; nos balcões dos commerciantes; nos primeiros andares da gente abastada, como na trapeira do operario ou da costureira pobres; nos wagons da via ferrea; nas mãos dos cocheiros de praça, e até nas dos carreiros e camponezes, que voltam do seu trafego da manhã, nas grandes cidades, ás suas moradas nos arrabaldes.

Que abençoada propaganda, se fosse a do bem!

Que maldita e temerosa, sendo a do mal!

E o chefe de familia, que não tem a necessaria energia para pôr cordão sanitario á sua porta contra este veneno diluido em magras columnas, e applicado em dóses homœopathicas, mas quotidianas, acha-se, por fim, em breve tempo, com as honradas normas de sua casa pervertidas. O proprio chefe de familia deixou-se, por ventura, seduzir pela copia de noticias, que lhe interessam raras vezes, mas que o habilitam a mostrar ás pessoas com quem falla que tambem sabe o que

vai pelo mundo. E não repara o incauto que, entre a noticia inodora, se o é, e outra, que não passa de frivola, vem uma terceira lardeada de reflexões fugitivas d'onde resumbra o arsenico por todas as letras, e que a familia lhe respira sem saber, mas de que vai adoecendo todos os dias; não repara o incauto que n'essas folhas, quando não são mensageiras de recados enigmaticos, que só as filhas comprehendem bem, ensinam-lhes, pelo menos, n'elles, um jogo de espada preta, de que poderá vir a arrepender-se quando jogarem a valer.

Teem, já se sabe, esta casta de folhas a cautela de se inculcarem sem opinião, para terem todas por contribuintes, na supposição de que nunca será offendida a do leitor, qualquer que seja o seu campo; e, de longe a longe, lá vem alguma cousa, que lisonjeie superficialmente ora uma orá outra opinião, para affectar imparcialidade e contentar todos. Quem, porém, souber lêr por baixo das linhas, descobre facilmente que aquelle não ter opinião é simples estratagema, porque bem se lhe percebe aqui e além; nem lhe sobeja, ás vezes, habilidade para encobrir de todo seu pensamento, que lhe sahe accentuado, quando menos o cuidava. Não ponho o dedo em nenhum jornal portuguez; o leitor se encarregará d'isso; mas se é preciso nomear, citarei algum estrangeiros: o *Figaro,* por exemplo. Travou-se disputa em Paris entre o *Figaro* e o *Univers,* gabando-se aquelle

do seu crescido numero de assignantes ecclesiasticos, e censurando este que os membros do clero fossem leitores habituaes de semelhante folha. Receou o *Figaro* que lhe escapasse a presa, e pretendeu metter-se debaixo da capa dos bispos, dirigindo para esse fim cartas e numeros do jornal a differentes prelados. E se o episcopado francez não fosse atilado, instruido, e zeloso póde ser que o *Figaro* lograsse o intento, porque a sua linguagem é, por vezes, calculadamente respeitosa e hypocrita com relação a cousas religiosas e outras, que naturalmente se ligam com esta ordem de idéas. Não succedeu, porém, assim. D'entre o episcopado se levantou logo uma voz authorisadissima, a do snr. bispo d'Angers, que fôra antigamente professor de eloquencia sagrada, author de varias obras muito substanciaes, geralmente estimadas, e que merece notavel consideração em toda a França. Em resposta ao numero do *Figaro,* que lhe fôra remettido, enviou sem demora, o illustre prelado a seguinte carta ao snr. *Villemessant,* redactor principal d'aquella folha, inserindo-a depois por copia, n'uma circular aos parochos da sua diocese:

«Angers, 1 d'abril de 1875.

«Ao snr. *Villemessant,* redactor principal do *Figaro.*

«Snr. redactor. — Não tencionava intervir no que v. chama «a questão entre o *Univers* e o *Fi-*

garo», deixando, a vozes mais authorisadas que a minha, o cuidado de emittir opinião sobre ella. Mandando-me porém hoje um numero do seu jornal, authorisa-me e provoca-me de certo modo a dizer-lhe a minha opinião. Pois com este fim de certo me mandou os numeros de 27 e 30 de março, onde v. quiz tratar a questão substancialmente. Não reconhecendo no snr. *Veuillot* autheridade bastante para decidir que leituras podem convir ou não a ecclesiasticos, volta-se v. para os bispos afim de saber a sua opinião. Assim, pelo menos, devo eu interpretar a remessa da folha, a que não sei attribuir outro motivo. Se tal é, com effeito, o seu pensamento, só tenho a louval-o e ha-de permittir que lhe responda com a maior franqueza.

«Sinto, snr. redactor, ser obrigado a dizer-lhe que acho a leitura do *Figaro* pouco conveniente e até perigosa para um ecclesiastico. Dedica v. uma parte do jornal a assumptos, aos quaes o espirito e a imaginação de um padre devem ser completamente estranhos. V. inicia os seus leitores nos costumes, nos habitos, nas aventuras de gente frivola e licenciosa, que nada se combinam com a gravidade da vida sacerdotal. É muito difficil, para não dizer impossivel, que o coração de um padre, onde tudo deve ser casto e puro, soffra semelhante contacto, não ficando mais ou menos contaminado por todas essas descripções e intrigas, de que o seu jornal parece ser uma especialidade; e se disserem a u

leitor imprudente que passe adiante e não leia, com isto faz justiça á sua folha, confessando que não é escripta para elle.

«Isto é tão verdade, que nem me atrevo a fazer mais explicações sobre as razões da minha queixa, tantos são os nomes e cousas que não devem acudir aos bicos da penna de um padre; e parece que esse é o seu thema usual.

«Que se ha-de dizer, por exemplo, d'essa estranha correspondencia, posta ao serviço das paixões mais ruins e cuja existencia o *Univers* nos revelou? Permitta-me que lhe observe que não tem v. nem uma palavra de explicação sobre este ponto; e no entretanto é um ponto capital, porque não me consta que houvesse nunca na imprensa um exemplo de excitação tão directo e tão disfarçado ao vicio, que S. Paulo até prohibe que se nomeie entre christãos. E é este o jornal que v. dá aos padres para leitura de todos os dias!

«De certo não entraria no meu pensamento querer transformar os jornaes em excerptos de homilias ou de meditações. Não é isso o que se lhes pede; podem porém facilmente tratar de outro assumpto.

«Mas é preciso tambem que um leitor honesto possa lêl-os sem corar de si proprio, principalmente quando affectam a pretenção de ter assignantes ecclesiasticos. Ora no numero que me enviou, de certo como amostra, acho no fundo da segunda pagi-

na um romance immoralissimo, com pormenores de uma crueldade tão revoltante que mais parecem da competencia da policia correccional que da consciencia christã. E são estas, repito, as leituras que offerece aos padres! Em verdade, snr. redactor, não sei que idéa fórma do sacerdocio catholico; mas convidando-o a lêr e a favorecer com a assignatura semelhantes producções, faz-lhe, por ventura inadvertida e involuntariamente, a mais pungente injuria.

«Por isso preciso da sua affirmativa para acreditar que v. possa ter 4:200 padres como assignantes. Pela minha parte, penso que não terá nem um da minha diocese; e se infelizmente assim fosse, não hesitaria eu nem um instante em levantar a voz e cumprir o meu dever por honra do sacerdocio e no interesse das almas que me estão confiadas. Alguns ecclesiasticos, muito crentes nas suas promessas, assignaram o seu jornal talvez por vantagens que lhe offerecia, e de certo são muito desculpaveis; mas deixariam de o ser depois de uma experiencia que deve parecer-lhes completa. Não ha abatimento de preço que se possa comparar, quando se trata de evitar o escandalo, de guardar a pureza e a delicadeza de consciencia.

«Da sua parte, snr. redactor, seria um acto de justiça e lealdade dar a conhecer a minha opinião aos seus leitores. Póde quanto queira rejeitar a authoridade do snr. *Veuillot,* ainda que use para

com v. do direito que confere o baptismo a qualquer christão; mas não se diria o mesmo dos bispos, que Deus e a Igreja constituiram juizes naturaes dos seus leitores e assignantes ecclesiasticos. Estes teem direito a saber o que pensamos das suas acções, e v. tem o dever de os informar. Como o debate se tornou tão publico, não podemos guardar silencio, e, pela minha parte, estou resolvido a quebral-o, para descargo de consciencia. Prefiro porém pedir á sua imparcialidade a inserção d'esta carta, a qual v. devia esperar quando me fez uma remessa que eu não explicaria de outro modo.

« Sirva-se, snr. redactor principal, etc.

« † *Ch. Emilio,* bispo de Angers.»

Como fôra de imitar pelos nossos prelados este excellente exemplo do snr. bispo d'Angers! Como suas salutares admoestações se podem facilmente applicar a uma parte do nosso clero e a todas as outras classes do Estado, no pernicioso habito da leitura de certos jornaes! Não é só o padre que arrisca a pureza de seu coração, nem só o seu espirito e imaginação devem ser estranhos aos costumes e aventuras de gente frivola e licenciosa. Todo o christão é obrigado a evitar esse perigo. E pois que os jornaes são agora o livro que anda

em todas as mãos, nenhum pai nem mãi deve permittir que em sua casa entrem senão aquelles que *um leitor honesto possa ler sem corar de si proprio,* como diz o respeitavel prelado francez.

A quantos desgostos se forrariam talvez muitas familias se tomassem por norma esta saudavel precaução!

Quantos jornaes baratos vem depois a ser excessivamente caros pelos funestos resultados de sua constante leitura!

E já que me lembrou, hei-de rematar com esta maxima do *Padre Manoel Rodrigues:*

«Tres cousas se querem atadas: loucos, negocios e papeis.»

SERÃO VIII

RELIGIÃO E POLITICA [1]

A Politica e a Religião completam-se mutuamente.

AO VISCONDE DE JUROMENHA

MEU CARO VISCONDE.

Lembras-te de que conversámos, ha tempos, sobre a indifferença da Religião na Politica? e da Politica na Religião?

[1] Este *Serão* foi primeiro publicado em 1861 no jornal *A Nação,* e logo depois, em folheto separado.

Pois fiquei a pensar no ponto, e rabisquei, como pude, estas poucas linhas, que peço licença para te offerecer.

Não as tomes nem como agradecimento ao teu excellente escripto sobre o *Isthmo de Suez,* que não chegam para tanto; nem como acto de leigo, que recebeu Reverendissima, e que não quer ficar em divida na cortezia.

É ecusa mais singela.

Foram as tuas reflexões que me despertaram a idéa; venho, portanto, entregar-te este fructosinho da semente, que me lançaste no espirito.

Não te admires que de tão boa semente sahisse o fructo assim tão encolhido e enfezado.

Bem sabes que a enfermidade do corpo tambem influe sobre a alma; e que, além d'isto, se pude sempre admirar-te o engenho, não se segue que estivesse obrigado a acompanhal-o com iguaes manifestações.

Adeus. Crê-me sempre

Teu primo e amigo

J. L.

I

Ha proposições, que se recebem como incontestaveis, porque o são em determinado sentido, e que, transportadas da referencia, em que eram verdadeiras, para outra differente, produzem absurdos, porque, mudando de natureza, se tornaram falsas.

Quando taes proposições offerecem perigos praticamente, importa submettel-as á analyse, discriminando a verdade do erro, para que a boa fé, surprehendida, não cáia no engano.

A Religião não tem Politica. É proposição que frequentemente se repete, e que frequentemente se acceita sem exame.

Parece-me, todavia, que seria conveniente examinal-a, porque da sua accepção demasiado abso-

luta, teem resultado, e podem resultar ainda, funestas consequencias para a Religião e para a Politica.

A malicia póde aproveitar-se, e já se tem aproveitado, da referencia verdadeira, em seu proveito, dando-lhe uma elasticidade inadmissivel, com a qual procura introduzir, nas deducções naturaes da parte acceitavel e concedida, algumas de forçada derivação, que pertencem á outra parte, que se não devem acceitar nem conceder.

Assim, á sombra da these admittida, confundindo as cousas, e com o pretexto de que a Politica não seja capa da Religião, faz-se muitas vezes da Religião capa da Politica.

Isto é que é necessario precaver, joeirando as idéas, por meio de uma averiguação sisuda.

Averiguemos, pois.

II

Quando se diz que a Religião não tem Politica com o intuito de affirmar que ella paira acima da esphera dos acontecimentos humanos; que se não decide nem a favor nem contra as fórmas de governo, como nem a favor nem contra os chefes dos Estados, diz-se uma verdade incontestavel,

que se infere logicamente da propria natureza da Religião.

A Religião não se immobilisa nas fórmas politicas; vive independentemente e superior a todas ellas; póde coexistir com todas, uma vez que estas permaneçam nos limites essenciaes da ordem, da moral, da verdade e da justiça.

A Religião só pretende uma cousa: a liberdade de cumprir a sua divina missão; a liberdade de trabalhar na salvação das almas.

Concedam-lhe isto as fórmas politicas, quaesquer que ellas sejam; concedam-lhe isto, ou antes, reconheçam-lhe este seu direito fundamental os differentes governos, que a Religião não quer mais nada e pouco lhe importará que esta liberdade lhe venha de monarchia ou de republica. A Religião não quer senão o imperio das almas, não empunha outro sceptro senão o que rege as consciencias.

«Ella sabe (como diz um eminente escriptor) que todas as fórmas são legitimas quando resultam dos costumes, das tradições, e do estado dos espiritos; sabe que nenhuma é radicalmente boa nem radicalmente má, porque tudo depende do espirito que a anima; sabe que se a essencia do poder não varía, porque vem de Deus, não ha governo que seja, com exclusão dos outros, essencialmente correlativo ao espirito christão; que as fórmas variam, modificam-se, e que os poderes mudam de nome e de mãos, porque são cousas humanas.»

«Deixa (prosegue o mesmo escriptor) que os homens mudem, reformem suas terrestres constituições, segundo a necessidade dos tempos; que guardem ou renovem suas antigas leis: ella não desce a essa arena, não intervem n'essas luctas. Mas todas essas fórmas politicas tão rapidamente quebradas umas pelas outras, á medida que se succedem, a Religião as abençôa e consagra. Os poderes de toda a natureza, que passam por diante da Igreja, que é só quem não passa, a Igreja os acceita. Faz mais, auxilia-os tanto, quanto póde, a fazel-os acceitar pelos povos; préga a obediencia e impõe a oração.

«O que a Igreja quer e proclama, é o ideal da grandeza, da dignidade moral e da justiça; e por conseguinte o principio necessario, o principio fecundo não só de todas as virtudes, mas de todas as verdadeiras prosperidades, de todas as verdadeiras liberdades, e de todas as verdadeiras glorias.»

III

Não ha duvida que a Religião é immutavel em suas doutrinas, immutavel sobre os deveres do homem, immutavel sobre suas crenças e preceitos;

n'estes pontos não póde admittir nenhuma alteração, e permanece estacionaria; a carreira das innovações está-lhe para sempre fechada.

A Igreja ensina a Religião como a recebeu, e não recebe nem reconhece nenhuma reforma n'este ponto essencial; mas, de resto, admitte qualquer progresso social e politico, e faz brotar de seu seio todos os melhoramentos uteis á humanidade, ajudando o desenvolvimento normal e continuo da civilisação, que nasceu á voz de Jesus Christo.

É esta a sua historia no passado; é esta a sua historia no presente; e não póde deixar de ser a sua historia no futuro.

Quando os romanos se apoderaram de Syracusa, foram achar Archimedes absorvido em seus problemas, d'onde o não tinham distrahido os estrondosos rumores que o cercavam. Assim é a Igreja ou a Religião; no meio dos tumultos e das ruinas da terra, a Religião conserva os olhos fitos no céo, absorvida sempre na sua sciencia da salvação das almas, e quando os homens, cançados de suas discordias e desvarios, tomam folego por um pouco e já teem os ouvidos menos cheios dos sons terriveis de seus estragos e de suas paixões, levanta ella então a sua voz augusta e lança, através das regiões devastadas, e por cima das cidades entristecidas, o seu grande grito de resurreição.

*

IV

A Igreja ou a Religião tem a sua bandeira e acceita, á sombra d'ella, tudo o que lhe não contraria sua divina missão e seus superiores intuitos.

A Religião é pela ordem contra a desordem; pelo direito contra a revolução; pela propriedade contra o roubo; pelo reinado de Deus contra o reinado dos homens sem Deus; porque ella não póde favorecer os systemas desorganisadores e as maximas dissolventes, que incendeiam as paixões e incitam todo o genero de crimes. Incendio devorador, cujas chammas alimentadas pelos desejos dos gozos materiaes, levam a desolação a todos os corações e a destruição a toda a parte!

V

Mas se a Religião se não envolve nas luctas dos povos e dos partidos, e fica de lado contemplando o céo e orando por todos; se a Religião não entra no combate, não favorece nenhum combatente, e só pede que lhe consintam moderar os vencedores,

confortar os vencidos, soccorrer e tratar aos feridos de todos os lados, e, tanto nas alegrias como nas dôres, proteger na terra a peregrinação das almas e cuidar em lhes assegurar seus immortaes destinos, se a Religião só quer e só pretende isto, é innegavel que por isto mesmo, por força imperiosa de sua propria missão, não póde ser indifferente para com os governos e as fórmas politicas, que lhe contrariam a sua salutar influencia.

E é n'este sentido que a Religião não póde deixar de ter politica.

VI

Pois se a Religião se vê opprimida e estorvada em todas as suas manifestações, se a sua acção salvadora é constantemente invalidada, contrariada, sophismada e calumniada, póde a Religião parecer que approva os principios politicos, d'onde naturalmente dimanam taes resultados?

Não póde. A obediencia aos poderes da terra, conforme a expressão *etiam discolis,* não obriga tanto, porque temos o preceito que nos manda obedecer primeiro a Deus do que aos homens.

Essa apparencia de approvação é n'este caso uma lisonja cobarde e uma cumplicidade condemnavel.

Ella, que não foi cobarde nunca diante do martyrio, nem cumplice com o erro, quando apenas estava nas faxas da infancia, ha-de sêl-o agora nos tempos da sua virilidade?

Se a Religião se prestasse a complacencias imprudentes e tolerancias com a mentira, falsificava a sua propria essencia e abdicava uma grande parte da sua força.

Não podem obter as suas sympathias, nem sequer as suas condescendencias, os systemas politicos, que, ou por natureza são contrarios aos seus dogmas, ou por longa pratica tem mostrado que, quando lhe não contestam as doutrinas abertamente, impedem o seu efficaz desenvolvimento e obstam, em grande parte, á realisação do seu maximo fim.

N'estas circumstancias, a Religião é forçada pela Politica, que lhe é adversa, a inclinar-se para a Politica, que lhe é favoravel.

VII

Oh! Mas ha seguidores d'aquella Politica em outros pontos, que desapprovam estes, desfavoraveis á Religião, e então é preciso contemporisar e não os afastar, ferindo-lhes as susceptibilidades.

A Religião não afasta ninguem; mas não póde

contemporisar com os erros, para não ferir susceptibilidades injustas, e que derivam de incontestaveis aberrações da logica.

A Religião não afasta ninguem, mas não póde querer que com capa religiosa se introduza a Politica, que a combate nas suas doutrinas e nas suas praticas.

Pois a Religião póde ser indifferente á Politica, que lhe usurpa os bens; que lhe restringe as demonstrações do seu culto; que lhe prohibe aos povos o cumprimento dos deveres e mesmo dos conselhos evangelicos?

Pois a Religião póde ser indifferente, por exemplo, á Politica unitaria do Piemonte, que lhe destroe a liberdade e independencia do seu Chefe Supremo?

Não póde; não deve.

Todos concordam n'isto, mesmo aquelles, que, por *considerações politicas,* se abstem de fallar alto e desassombradamente n'este ponto.

Então reconheçam que a logica os não deixa parar aqui.

Reconheçam que a Religião não póde ser indifferente a qualquer Politica, que lhe tolha a liberdade e independencia de sua acção benefica.

A Religião não póde vêr com benevolencia igual tanto a Politica, que deduz o respeito, a obediencia, a protecção efficaz a todos os preceitos e conselhos religiosos, da propria natureza dos

seus mesmos principios, como a Politica, que, pelo contrario, mostra praticamente que tambem dos seus principios deduz uma systematica hostilidade.

Pretendem alguns que essa hostilidade não procede naturalmente dos principios d'aquella Politica, mas dos homens que os applicam mal.

Mas quando o mesmo facto se repete inalteravelmente em toda a parte, com razão deve a Religião presumir que o defeito não vem só dos homens, mas principalmente das bases e maximas, em que assenta semelhante Politica, que os obriga, com vontade ou sem ella, a seguir sempre o mesmo caminho.

E os tartufos, que para desculparem ou salvarem as instituições ou as dynastias, ligadas com aquelles nocivos principios, procuram attribuir suas funestas consequencias *aos homens* e não *ás cousas,* cuido que são prégadores por extremo perigosos, que induzem a boa fé em tristissimo engano, e andam, como lobos, no meio do rebanho, disfarçados com pelle de cordeiros.

Para estes taes me parece que vieram de molde as notaveis palavras do immortal Pio IX, na sua resposta á Commissão Catholica Franceza, e de que ha pouco nos fallou o *Univers*.

O Pontifice estendeu a mão, e arrancou a mascara aos hypocritas.

Ainda bem. De ha muito o mereciam esses *catholicos por especulação politica.*

Ainda bem. Nem o Pontifice podia admittir que se andasse por traz da Religião a fazer Politica contra ella.

Ou ser, ou não ser. São pontos em que não póde haver ambiguidades nem meios termos.

Quem applaude, e sustenta os *meios,* é porque se conforma com os fins.

E se *diz* que se não conforma com elles, só póde ser por inepcia, ou por hypocrisia.

Se desconhece a força logica das cousas, é enganado ineptamente; se lhes percebe o alcance, e persiste, quer enganar os outros com hypocrisia.

Escolham, que não ha outra alternativa.

VIII

É, pois, innegavel que a Religião não póde ser indifferente á Politica, porque tendo a boa Politica obrigação de a auxiliar, e tendo a má Politica o costume de a combater, é claro que a Religião vai levada naturalmente a sympathisar com o bem e a aborrecer o mal.

Mas se a Religião não póde ser indifferente á Politica, tambem a Politica não póde ser indifferente á Religião.

Na verdade, sendo a Politica a sciencia de re-

ger os povos, como lhe ha-de ser indifferente a Religião, que, por sua natureza e destino, tem de formar e dirigir o espirito dos mesmos povos?

A Religião empunha o sceptro das consciencias, é certo, mas, por isso mesmo, póde uma Politica verdadeiramente illustrada ser-lhe indifferente que seja a verdade ou o erro quem se lhe apodere das almas, que são a parte mais nobre e importante dos homens, que a Politica tem de guiar na estrada da vida?

A Politica e a Religião completam-se mutuamente, e, por conseguinte, não podem ser indifferentes uma á outra.

Não póde haver indifferença nem da Religião para a Politica, nem da Politica para a Religião.

Carecem uma da outra, até certo ponto, e em determinada medida; devem, por isso, dar-se as mãos affectuosa e não indifferentemente, para melhor conseguirem que os homens confiados aos seus cuidados sejam felizes n'este mundo e no outro.

IX

Em vez da formula revolucionaria — Igreja livre no Estado livre — cuido que seria melhor adoptar outra no facto e nos costumes, outra que dissesse — A Igreja no Estado, e o Estado na Igreja.

Que a Religião e a Igreja façam parte integrante e essencial do Estado.

Que o Estado se ligue estreita e intimamente com a Religião e com a Igreja.

Que a Igreja infiltre o seu espirito religioso no Estado.

Que o Estado reconheça como primeiro dever a Religião e n'ella assente os alicerces da moral, da justiça, e da ordem na sociedade.

É isto que eu entendo por Igreja no Estado e Estado na Igreja.

Consorcio affectuoso e moral da Igreja com o Estado, sendo duas entidades distinctas, mas unidas no mesmo pensamento social pelos vinculos do espirito christão.

Não domine o Estado a Igreja, antes a considere como mãi, a quem deve auxilio, protecção e obediencia.

Não domine a Igreja o Estado senão pela influencia benefica das suas doutrinas.

Amem-se mutuamente e contribuam pelos effeitos d'esse mesmo amor, sem rivalidades nem ambições, para a felicidade dos homens no tempo e na eternidade.

X

Se a Igreja e o Estado viverem no mundo esta vida de familia christã, que parece ser a que Deus lhes prescreveu, cuido que desapparecerão todos os attritos, que até agora se teem lamentado, e que teem produzido tão perniciosos resultados.

Se a influencia da Igreja sobre o Estado derivar naturalmente do espirito salutar de suas maximas, a sociedade só terá que applaudir e agradecer essa fecunda influencia, que lhe creará povos doceis e submissos ás leis, como fará igualmente governos paternaes animados pelas noções da verdade e da justiça.

Se o Estado, em lugar de opprimir ou tolher a acção da Igreja, a ajudar sinceramente e a proteger na sua grande missão, veremos novamente os povos no verdadeiro caminho da civilisação, no qual se não entra de certo, nem por meio das conquistas violentas dos gozos materiaes ou das paixões excitadas, nem por meio dos horriveis crimes que teem assombrado o mundo.

Possa a Cruz estender desassombrada e placidamente seus bemfazejos braços sobre a terra, e

ficarão desarmados os braços dos assassinos, que a teem enchido de sangue.

Accenda-se na Cruz o pharol, que alumia as glorias da vida, e ficarão para sempre extinctos os incendios, cujo sinistro clarão alumia as ruinas da morte!

SERÃO IX

OS POBRES Á SOMBRA DA IGREJA

> Le Christianisme..., toujours d'accord avec les cœurs, ne commande point des vertus abstraites et solitaires, mais des vertus tirées de nos besoins et utiles à tous. Il a placé la charité comme un puits d'abondance dans les déserts de la vie.
>
> CHATEAUBRIAND.

Um dos empenhos mais decididos e tenazes da revolução, em toda a parte, ou da idéa irreligiosa, que vale o mesmo, tem sido o attrahir para as suas fileiras as classes pobres. Com este intuito, finge-se protectora dos desvalidos; lisonjeia-lhes as paixões; pinta-lhes a desigualdade das fortunas e as

necessidades da pobreza como injustiças da sociedade, organisada pelos abastados, a seu modo, mas que ella, por sentimento humanitario, se propõe remediar. E assim vai recrutando nos proletarios um exercito de famintos, que açulados por ella contra os ricos, e com a raiva e com a inveja, que lhes derrama no coração, estão sempre promptos a receber o impulso d'estes falsos protectores, em prejuizo da ordem e proveito sómente dos missionarios da mentira. Como se a desigualdade não fosse lei divina, que o homem não póde emendar! Como se a palavra indefectivel nos não assegurasse que teriamos sempre pobres entre nós!

Entretanto, a miseria é um mal, cujo remedio, dentro da medida humana, se offerece como problema a resolver, e que só póde ser bem resolvido pela idéa christã da caridade. O Christianismo, a Igreja, o Papa, acharam, pela caridade, o unico modo de minorar os effeitos e mitigar as dôres d'esta inevitavel chaga social.

Não inventaram Internacionaes nem Communas; não fomentaram emulações; não atiçaram rancores; não pozeram o petroleo e o facho incendiario na mão dos infelizes, inculcando-lhes como termo de seus infortunios um infortunio maior. Nada d'isso. Levantaram os olhos ao céo, inspirando-se do Calvario, e abrindo as paginas d'ouro d'um livro pequenino em volume, mas immenso em valor, d'um livro, que seria o assombro dos maiores phi-

losophos da antiguidade, porque nunca o teriam podido imaginar nem comprehender nos tempos que ficam do outro lado da Cruz, d'um livro unico, do Catecismo, emfim, tiraram de lá, em quatorze linhas, o balsamo efficaz para todos os padecimentos do homem, quatorze linhas que se resumem ainda n'uma palavra só — *caridade!* E pela caridade, pelas quatorze linhas das *obras de misericordia,* a Igreja acudiu a todas as desgraças da terra, sem abalos de nenhum genero, sem sustos nem lagrimas de ninguem, antes fazendo dos mimosos da fortuna s u proprio instrumento a bem dos necessitados, n'esta obra sublime da civilisação baptisada.

«Na sessão do parlamento italiano, de 25 de janeiro de 1875, o deputado *Joseph Ferrari,* famoso philoso l o *da seita,* disse, entre outras cousas do mesmo genero, o seguinte:

«O internacionalista, creado pela fome e pela miseria, é filho da nossa civilisação...; tem mais força que o republicano...; funda-se nos problemas da sociedade; nasce da impotencia da economia politica; cuida em dar pão aos operarios, que a nossa liberdade deixa morrer de fome...; é um principio d'ora avante demasiado conhecido officialmente, e demasiado inevitavel na Europa. Assim os internacionaes teem seus livres congressos em Inglaterra, em Genebra, em Bruxellas, e professam suas theorias em Inglaterra e Allemanha,

onde a sua seita é «quasi alliada de Bismark...» É impossivel deixar de reconhecer a força d'este novo partido. Toda a gente o vê aproximar com espanto.»

Era o diabo feito prégador; era o fingido patrono dos pobres, dando razão á *Internacional* e até descobrindo-lhe titulo de nobreza na sua *quasi alliança* com o *Principe de Ferro;* era o falso philosopho escarnecendo da philosophia verdadeira, desprezando a historia e fechando os olhos aos proprios factos que tinha diante de si, para armar á popularidade da turba ignorante. Seguiu-o, porém, de perto o excellente jornal italiano, *L'Unità Catholica,* oppondo áquellas odiosas palavras, estas, valiosissimas, pela frisante eloquencia dos algarismos que apontam:

«Existe um grande facto: a diversidade das fortunas. Tal homem, é profusamente rico; tal outro, jaz na miseria. A igualdade dos cidadãos em politica, pouco importa. O pobre, o que desejaria era a igualdade impossivel das fortunas. Mas vem então o Papa, pai da civilisação christã, que resolve o problema pela caridade. Quereis vós saber como o problema foi resolvido na Italia? Examinai o quadro das obras pias.

«No Piemonte, temos 1:825 «obras pias», com 154 milhões de patrimonio e 12 milhões de rendimento; na Liguria, 316 «obras pias», com 54 milhões de patrimonio e 3 milhões e meio de renda;

na Lombardia, 2:902 «obras pias», com 275 milhões de patrimonio e 17 milhões de renda; na Venezia, 715 «obras pias», com 93 milhões de patrimonio e 10 milhões de renda; na Emilia, 780 «obras pias», com 116 milhões de patrimonio e 9 milhões de renda; na Ombria, 589 «obras pias», com 18 milhões de patrimonio e 1 milhão e meio de renda; nas Marcas, 699 «obras pias», com 28 milhões de patrimonio e 8 milhões de renda; na Toscana, 572 «obras pias», com 142 milhões de patrimonio e 8 milhões de renda; nos Abruzzos, 2:508 «obras pias», com 19 milhões de patrimonio e 1 milhão de renda; na Campania, 3:660 «obras pias», com 139 milhões de patrimonio e 10 milhões de renda; nas Apullias, 1:247 «obras pias», com 28 milhões de patrimonio e 1 milhão e meio de renda; na Basilicata, 476 «obras pias», com 6 milhões de patrimonio e 300:000 francos de renda; na Calabria, 547 «obras pias», com 7 milhões de patrimonio e 527:639 francos de renda; na Sicilia, 3:149 «obras pias», com 95 milhões de patrimonio e 6 milhões de renda; na Sardenha, 158 «obras pias», com 4 milhões de patrimonio e perto de 5 milhões e meio de renda.

«Tudo isto foi constituido pela civilisação christã de quem o Papa é o soberano pai. E em virtude d'esta civilisação o «povo em Italia ignorava a fome e a miseria.»

«Na Italia christã, a Internacional não podia

nascer, porque, segundo a confissão do deputado *Ferrari,* ella foi creada pela fome e pela miseria.

« A Internacional é filha da civilisação moderna, que dispersa os frades, apodera-se dos conventos, persegue o Papa e despoja a Igreja.»

Que palavras as de *Ferrari!* Que resposta a da *Unità Catholica!*

É assombroso!

Só em Italia, na, outr'ora, abençoada terra de Italia, tinham as classes pobres por influxo da civilisação christã — « vinte mil seiscentas e noventa e oito » — obras pias, que tinham de patrimonio — mil duzentos e quarenta e um milhões, — e de rendimento — « noventa e tres milhões, novecentos vinte e seis mil seiscentos e trinta e novo francos!!! »

Que lhe darão, em troca, os revolucionarios, quer se chamem *Victor Manoel, Ferrari,* ou internacionaes?

Tributos, que a esmagam; miseria e fome que a despovoam; e desmoralisação que a embrutece!

Mas esta é unicamente uma parte, embora pasmosa, do maravilhoso quadro das obras piedosas da caridade da Igreja. As de todo o mundo catholico, não haveria algarismos que bastassem para ellas. Se a estatistica fosse tão solicita n'este ponto de tamanho interesse, como em outros, que só mostram a degradação e corrupção da humanidade, o leitor estudioso viria no conhecimento da verdade

com que digo que não haveria algarismos que bastassem para enumerar as obras pias de toda a christandade, filhas do benefico influxo da Religião.

Entretanto, para que se veja como a sua acção salutar se estende até ás proprias nações, ainda, na sua maxima parte, assentadas á sombra da morte, aqui me aproveitarei d'um trabalho que julgo ser do meu antigo amigo *A. R. Saraiva,* ácerca do que succede em Inglaterra, e que foi recentemente publicado. Aqui o transcrevo como se acha no jornal *A Nação* de 4 e 6 de abril de 1875.

É o seguinte:

« LONDRES

« SUMMARIO. — I. Instituições caritativas. — II. Escólas inferiores. — III. Casas de orphãos. — Clero da diocese. — IV. Noticia abreviada do progresso das instituições catholicas nos outros bispados.

« I. — Instituições caritativas:

« Tres asylos: 1.º para pobres velhos e decrepitos; 2.º para velhos e infantes desamparados;

3.º para crianças enfermas e debeis (attendidos e servidos com o maior carinho e cuidado pelas «Irmãsinhas dos Pobres» e pelas «Irmãs de Nazareth»).

«Dous berços» (asylos para crianças pobres, onde se tem cuidado d'ellas, em quanto as mães pobres vão trabalhar de dia para ganhar a subsistencia), attendidos pelas «Irmãs da Caridade». Alli se recolhem tambem os engeitados e se tem zeloso cuidado d'elles.

«Tres albergues» (gratuitos) para criadas que estão fóra de serviço, para protecção, agasalho, e recommendação das mesmas. São presididos e dirigidos por «Irmãs da Caridade».

«Dous hospitaes» servidos por «Irmãs da Caridade» e medicos catholicos ou caritativos.

«Tres refugios», a saber:

«1.º Para penitentes e emenda de vida.

«2.º Para mulheres sentenciadas á prisão.

«3.º Para homens, mulheres e crianças que não teem morada, tecto ou abrigo onde durmam e passem a noite — de que ha muito n'esta enorme e pasmosa aggregação de opulencia e riqueza fabulosas, e de miseria e desamparo taes como não podemos imaginar jámais sem cá vir, nós portuguezes ou brazileiros (isto porque não tivemos a dita de possuir um Henrique VIII, que nos livrasse da praga do catholicismo e dos frades, nem o meu antigo amigo e socio Joaquim Antonio de

Aguiar, tinha feito a Portugal metade d'esse serviço, como preparo para outra metade).

«II. — Escólas inferiores:

«1.º Certificadas e approvadas pelo governo (Industriaes): 3 para rapazes em diversos lugares e 1 para raparigas.

«2.º Sujeitas ás leis dos pobres, para crianças que estão recolhidas nas casas de trabalho ou dos pobres:

«1.º Para rapazes acima de 7 annos de idade.

«2.º Outra para ditos abaixo de 7 annos.

«3.º Tres differentes outras para meninas pobres, e dirigidas por conventos de religiosas.

«4.º Escóla reformatoria para rapazes que delinquiram.

«III. — Casas de orphãos, dirigidas e leccionadas por diversas corporações religiosas ou pelo clero das nossas igrejas e parochias, são nada menos que:

«Para orphãos ou meninos, 2.

«Para orphãs ou meninas, 10.

«No directorio dão-se os particulares, das localidades, dos instructores ou instructoras, etc., mas isso seria longo e superfluo aqui. Vê-se, porém, d'estes apontamentos: 1.º, o cuidado que o nosso clero e communidade tomam da educação catholica; 2.º, o progresso que o catholicismo dove ter feito, para só n'uma diocese termos tudo isso; 3.º, como parece estar a Providencia apontando-nos o

dever de emularmos nos paizes catholicos o exemplo do que aqui se observa n'este particular — já que em tantas outras cousas, e não das melhores, tanto, infelizmente, se tem tratado de macaquear a Inglaterra, para proveito d'ella e ruina dos imitadores.

« Clerigos no arcebispado, seculares e de congregações 201; frades 82; total 283.

« IV. — No bispado de Beverley ha 4 conventos de frades, e 11 de freiras.

« Um collegio regular de homens.

« Uma escóla média, para rapazes residentes no edificio.

« Quatro collegios de meninas, dirigidos e instruidos por diversas religiosas.

« Sete escólas dos pobres servidas e dirigidas pelas religiosas de varias ordens.

« Duas escólas de rapazes pobres, servidas pelos religiosos de duas ordens.

« No bispado de Birmingham ha 3 conventos de Romeos; 10 de mulheres; um celebre collegio — o d'Oscott; 1 seminario; 8 escólas de meninas conduzidas e servidas pelas religiosas de varias ordens; e muitas outras instituições de caridade e de instrucção.

« No bispado de Sipton ha 2 conventos de frades — beatos, e dominicos; 14 de religiosos de varias ordens; 2 collegios, ambos distinctos, o de Downside, e o de Prior Park. Um reformatorio

catholico. Uma casa de refugio de penitentes. Uma de refugio de padres velhos. Escólas industriaes, para rapazes e para raparigas, casas de orphãs, dirigidas pelas freiras franciscanas; e outra para as orphãs da casa dos pobres.

«No bispado de Haxam e New-Castle, ha por ora um só convento de frades, o dos dominicos, em New-Castle; provavelmente, porém, não tardará muito que tenha mais, pois se multiplicam as ordens religiosas n'este paiz, que alguma gente timida tem chegado a recear que este «progresso» seja demasiado ligeiro.

«Quando, porém, se reflecte na rapidez com que o meu antigo amigo e socio, de outro tempo, Joaquim Antonio de Aguiar, que se honrou depois com o titulo de «Mata-Frades», aniquilou, de uma pennada de tinta, centos de mosteiros e conventos, deve reconhecer-se que tambem n'este particular não falha a regra, que «é mais facil destruir que edificar». E senão, vejam como Bismark, de um encontrão derribou as ordens religiosas na Allemanha e os seus bellos discipulos italianos!...

«É um louvar a Deus o vêr como taes architectos derribam em um instante os templos de Deus vivo, para com «os materiaes» edificarem «templos á virtude e masmorras ao vicio!...» Mas ia-me esquecendo que estava dando conta dos bispados catholicos inglezes; continuemos:

«N'este bispado de Hexam e New-Castle, ha

um collegio mui excellente e afamado, o de Ushaw, Durham, dedicado a S. Cudberto, onde muitos catholicos de nota tem sido educados; pois este não é collegio novo, mas dos que existiam ha muito. Tem a diocese nada menos de doze estabelecimentos, em differentes pontos, de escólas de meninas, dirigidas e servidas por irmãs da caridade; e ainda duas escólas publicas mais, dirigidas e servidas por pessoas de ordens religiosas.

«Bispado de Liverpool: ha 4 conventos de frades, e 10 ordens de religiosos, com uma multidão de casas e estabelecimentos diversos, que sobem a nada menos de *trinta!*

«Tem um collegio de Santo Eduardo.

«Escólas de meninos pobres, servidas pelos confrades christãos; em Liverpool, de S. Nicolau, de S. Patricio e de S. Vicente de Paulo; em Preston, de Santo Agostinho.

«Escólas de meninas pobres, servidas por irmãs da mercê ou caridade: — Em Liverpool mesmo, 4; em Old Iwan, 1; em Blackbrock, 1; em Lancaster; em Douglas; em Liverpool; em Preston.

«Servidas pelas irmãs de Nossa Senhora: — Em Liverpool, de Santo Albano, de Santo Alexandre, de Sant'Anna, do Santo Antonio, de Santo Agostinho, de Santo Eduardo, de S. José, de Santa Maria, de S. Nicolau, de Nossa Senhora da Reconciliação e de S. Pedro; em Wigau: de S.

João, de S. José e de S. Patricio; em Santa Helena: de Sant'Anna, de Santo Antonio, de Santo Ignacio, de S. José e de Santa Maria; em Birkdale: de S. José.

«Servidas por irmãs do Santo Menino Jesus, de Santo Ignacio, de S. Wilfrido, e de Santa Walburga em Preston. Do Santissimo Coração de Jesus e Maria, em Blackpool. De S. João em Poultonle 6 — Tyld.

«Por irmãos da Santa Familia: em Sutton e Pesseley Crop.

«Por irmãos da caridade de S. Paulo: em Rainhill, Southport, Garstang, Great Crosby, Voolton.

«Por irmãs da caridade de S. Vicente de Paulo em Liverpool, asylo dos orphãos e rapazes cegos; e em Littla Crosby.

«Por longa que já seja a relação do progresso catholico em Liverpool, assim mesmo abreviando-a em quanto posso, sem supprimir-lhe os elementos que melhor podem fazer ajuizar do estado do catholicismo na Inglaterra, vou ainda copiar o seguinte, que é assás expressivo do zelo que domina a grande população catholica n'aquelle segundo centro, e creio que primeiro emporio, da Grã-Bretanha.

«Este grande progresso e desenvolvimento de instituições e zelo catholico em Liverpool deve-se

especialmente a ser alli grandissima parte da população, ou vinda, ou originaria da Irlanda; e levar assim, comsigo aquelle zelo que exhibe geralmente por toda a parte onde ella se espalha.

« Ao elemento irlandez, que varias causas, mas principalmente a antiga dureza excepcional da Inglaterra para com a sua irmã catholica, transportaram tão abundante aos Estados Unidos, se devem na maior parte os progressos que no principio d'esta carta fiz notar ao catholicismo nos ditos Estados Norte Americanos. O mesmo principio produz effeitos analogos nas colonias britannicas da Australia e proporcionalmente nas outras onde alguma porção importante de emigração irlandeza se tem dirigido. Mas vejamos o restante das provas do progresso catholico Liverpoolico.

« Instituições caritativas:

« Escóla de ensino ás mestras, dirigida pelas Irmãs de Nossa Senhora. — Falkwer-Street, dito.

« Orphanagem de rapazes dirigida por irmãs da caridade de S. Vicente de Paulo, Beaconhane, Everton.

« Morada caritativa de criados que estão sem amo, regida pelas irmãs das Mercês, Mount Vernon, Liverpool.

« Casa da Providencia para orphãos e meninas desamparados, 22 Sohe Street, Liverpool, regido por Irmãos Christãos.

« Instituto asylo de Santa Isabel, para ensino de raparigas pobres de bom caracter, como criadas, regido pelas irmãs da Misericordia.

« Escóla industrial de S. Jorge, para rapazes, Vest Derby road, Liverpool.

« Escóla industrial de Sant'Anna, para raparigas, sob as irmãs da caridade de S. Vicente de Paulo, Mason-Street.

« Escóla industrial de S. Jorge para raparigas, Labarruin House, Fairfield.

« Asylo para os cegos, Brunswick road, Liverpool, sob irmãs de caridade de S. Vicente de Paulo.

« Casa de refugio para penitentes, Ford, perto de Liverpool, sob as irmãs de caridade de Bom Pastor.

«Nau reformatoria Clarence, servida pelos Oblatos de Maria Immaculada, superintendente o capitão José Smith.

« Reformatorio de Maria, para raparigas, Blackbrook, Santo Heleno, sob as irmãs de caridade.

« Escóla Granjal (ou de Abegoaria) para rapazes. Capellão o rev. Villiam Valsh. Superintendente o capitão José Smith.

« Bispado de Newport e Menwia. — Tem quatro conventos de frades: Bentos, Capuchos, Padres da Caridade, e Carmelitas.

« Sete conventos de freiras, a saber:

« 1.° Nossa Senhora da Caridade e Refugio, em Bate-Street, Hereford.

« 2.º Irmãs da caridade de S. Vicente de Paulo, em Bullingham.

« 3.º Irmãs da Providencia, em Cardiff.

« 4.º Ursulinas, em Swansea.

« 5.º De Bom Pastor, em Cardiff.

« 6.º Irmãs de Nazareth, em Cardiff.

« 7.º Irmãs de S. José, em Newport.

« Bispado de Nortampton. — Tem só conventos de freiras:

« 1.º Bentas, da Assumpção de Nossa Senhora, East Bergholt, Colcheter.

« 2.º Trinas, de Jesus e Maria, Albdon Hill, Ipswich.

« 3.º Irmãs de Nossa Senhora, Abingdon Street, Nortampton, Norwich.

« 4.º Irmãs de S. Paulo, Great Marlow, Daurfiel, Corsey.

« N. B. — De n.º 3 são dous conventos, de n.º 4 são tres.

« Ha uma escóla de rapazes para os dous bispados de Nortampton e Nottingham, em Shefford, Rid-Tirdshire, e estão fazendo arranjos para outros estabelecimentos de caridade e educação.

« Bispado de Nottingham. — Tem cinco conventos de religiosos: Bernardos, Dominicos, Instituto de caridade, Jesuitas e Premonstratenses.

« De religiosas tem casas de tres ordens a saber:

« Irmãs da Marcê: 3 casas, 2 em Nottingham e 1 em Derby.

«Irmãs da Providencia: em Hoghborough.

«Irmãs de caridade de S. Paulo: em Glossop e em Hadfield.

«Bispado de Plymouth: tem só conventos e congregações femininas, a saber:

«1.º *Benedictinas,* Abbadia de Santa Escholastica, Tegnmonth.

«2.º *Brigiditinas,* Sion House Spetesbury, Blandford, Dorsetshire.

«3.º *Canonissas de Santo Agostinho da Adoração Perpetua:*

«Priorado de Santo Agostinho, Newton Abbot, Devon.

«4.º *Bernardas,* Stapehill, Wimborn, Dorsetshire.

«5.º *Fieis Companheiras de Jesus:* Holyvel House, Exceter.

«6.º *A Virgem Fiel:* Convento e orphanagem, East Lulworth, Waneham, Dorset.

«7.º *Irmãsinhas dos Pobres:* St. Mary St., Stonchange Devon.

«8.º *Therezinhas:* Lantero, Corwall, e Carmell House, 28 Gasking Street, Plymouth.

«9.º *Irmãs de Nossa Senhora:* Windham Street, Plymouth.

«10.º *Irmãos da Penitencia de S. Domingos:* St. Mary Priory, St. Mary's Church, Torquay.»

SERÃO X

EFFEITOS MORAES DO D. QUIXOTE

> Acaso calculou já alguem o damno que fez á virtude o livro immoral de Cervantes?
>
> PANOR. n.º 38, vol II.

D. Quixote! Todos teem até agora applaudido e admirado esta famosa obra de Miguel Cervantes. Não serei eu que, do fundo da minha humildade, negue admiração e applauso, como producção litteraria, a essa novella critica dos tempos da cavallaria, que, pela exageração, chamaram sobre si o ridiculo, com que os verberou mortalmente o chistoso author do Cavalleiro da Mancha.

Mas seria bom serviço á moral e á sociedade a gabada obra de Cervantes? É n'este ponto que tenho algumas duvidas. Assim como ha remedios que vão além do que se pretendia na cura do doente, não peccará por este lado o trabalho do author de D. Quixote? Mirou elle, supponho eu, a matar as exagerações da cavallaria, mas não excederia o seu fim, matando o espirito cavalleiro? Tenho graves apprehensões a este respeito. Não sei se o D. Quixote concorreu em grande parte para fazer desapparecer da Europa os bellos dias de gloria e ventura em que o valor se inflammava á voz da honra. Está-me parecendo que sim, e não creio que isso fosse um bem. A honra, é preciso dizel-o, deixou de ter aquelle culto fervoroso, que tinha até ao tempo em que Cervantes o veiu ferir com a arma do ridiculo. Bem sei, e já o disse, que o cavalleiro se tinha exagerado muito. Mas que a exageração era menos mal, que o defeito opposto. E o principio da justiça, professado por ella, até ao ponto de não admittir os reis sem se obrigarem por juramento a serem justos? E a protecção aos fracos, que fazia parte essencial do seu *credo*? E a clemencia, que introduziu, como freio nos horrores da guerra? E o facho das artes trazido do Oriente, com a gloria de suas façanhas? E a constancia de suas amizades? E — porque o não direi? — o espiritualismo de seus amores, fazendo da mulher uma especie de divindade terrestre, que ao

homem elevava a alma, lhe polia as maneiras e lhe adoçava os costumes? Terá o mundo lucrado depois que a mulher foi apeada do pedestal, que lhe levantára a cavallaria? Serão, ao menos, entre os homens, mais polidas as maneiras, mais dôces os costumes? Não me persuado d'isso. E mais, ainda em louvor da cavallaria, não fallo da idéa religiosa, que a dominava, que a levou a pendurar suas bandeiras nos palmares do Oriente, empenhada em conquistar o sepulchro de Christo. Essa idéa dominante era a sua força; com ella se civilisava e civilisava a terra. Se, entre as injustiças ou oppressões, de que se fazia defensora, houve algumas, que, hoje, parecem ridiculas aos nossos olhos, aos olhos da nossa geração, já degenerada e corrompida, outros, e muitos, houve, por certo, de que mesmo agora, nos não atreveriamos a rir, sem merecermos o desprezo da gente sensata. A belleza offendida, recorria muitas vezes á cavallaria para que a desaffrontasse de seus aggravos, e os poetas não desdenhavam conservar-nos a memoria d'essas acções nem entrelaçal-as na urdidura de seus poemas como glorias nacionaes. Sirva de exemplo o caso dos doze d'Inglaterra e do seu Magriço, que viverá para sempre nos versos do nosso Camões, sem embargo das duvidas dos arrazadores historicos de toda a boa tradição.

Pareceria, sem duvida, aquelle feito, aos homens positivos da nossa época materialista, mais

para motejos que para gabos. Se se tratasse de ir, com o mercantilismo de nossos dias, ás praias britannicas emprehender uma operação commercial, que désse de si alguns tantos por cento de lucro, isso sim, isso era feito que merecia ser commemorado; mas ir desaffrontar damas ultrajadas?!... *Quem as arma que as desarme,* diria agora a prudencia interesseira e pusillanime. *Não póde render senão gloria, e gloria não enche barriga.*

No tempo de Camões pensava-se de mui differente maneira; e por isso poz elle na bocca de Velloso, como preambulo da sua historia, para despertar os que *vencidos vem do somno,* os seguintes versos:

«Contarei, disse, sem que me reprehendam
De contar cousa fabulosa ou nova:
E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi na nossa terra;
E estes sejam os doze de Inglaterra.»

E nem o feito era então *cousa nova,* nem ninguem deixára de o ter por *grande de alta prova.* O poeta só consagrava em seus versos os factos reconhecidos; as tradições recebidas; o viver e sentir do seu tempo. E estaremos nós mais civili-

sados, verdadeiramente, e nas cousas mais essenciaes, desde que nos fizemos mais rudes e grosseiros com as damas, e indifferentes ás injustiças que nos cercam? Deixo a resposta aos contemporaneos sinceros e imparciaes.

Em seguida ao fervente culto de Deus, vinha, na época da cavallaria, logo depois, o culto enthusiastico da honra, e d'ahi resultava que o cavalleiro não lhe admittia nenhuma sombra, por leve que fosse, tendo sempre o seu braço ao serviço da fraqueza opprimida, da justiça desprezada, de todas as idéas nobres, generosas, podendo, portanto, a patria contar sempre com a sua lança, ainda não despontada pelo egoismo do nosso seculo. Estou persuadido de que a cavallaria alimentava fortemente o patriotismo, e ainda por este lado, a obra de Cervantes me não parece meritoria, moralmente fallando.

O cavalleiro era, em geral, o symbolo da rectidão, da probidade, do valor, do desinteresse, da virtude. Assim nol-o pinta a historia; assim nol-o foi transmittindo a poesia e a tradição através dos seculos, de modo que ainda nos nossos dias, apesar de morto no D. Quixote, apesar de nem lhe termos, sequer, conservado *sem alteração* o proprio nome, o homem que consideramos digno de respeito e estima dos outros homens, aquelle que se estrema pela galhardia do seu porte, pela nobreza de suas acções, pelo brilho da sua honra, chama-

mos-lhe perfeito *cavalheiro*. Vê-se, pois, que a cavallaria, sem embargo de suas hyperboles, não merecia ser condemnada no mundo, transformando-lhe todas as empresas, em loucos acommettimentos de *moinhos de vento;* todas as damas de seus pensamentos, em *Dulcineas del Tuboso.*

Fiz, ha pouco, a supposição de que Cervantes mirava apenas na sua novella a ridicularisar as feições encarecidas da cavallaria; pretendem, porém, outros que o antigo servo do cardeal Aquaviva se inspirou do despeito, por lhe serem mal galardoados os seus serviços de soldado e mal apreciado o seu engenho de escriptor, para, n'um testamento de escarneo pungente, legar aos vindouros o sorriso infernal com que lhes pervertesse os sentimentos generosos, mudados na indifferença das crenças; no gelo do coração; nos calculos do interesse material. E, na verdade, quem, depois da leitura de D. Quixote, se atreveria a apaixonar-se por alguma idéa grandiosa, quer protegendo o opprimido contra o oppressor; quer fazendo do respeito da mulher uma obrigação impreterivel e honrosa; quer, finalmente, arriscando a vida pela gloria da patria? Quem se atreveria, se tudo isso tinha sobre si as settas envenenadas do vehemente desprezo, o riso sarcastico do applaudido escriptor?

Chamaram alguns a isto a vingança do genio; seria; mas se o foi, se o D. Quixote é obra de um

author consciente dos effeitos d'ella, um dia ha-de vir em que a historia vingará tambem as idéas elevadas e fecundas, tão cruelmente apupadas pelo orgulhoso Cervantes.

E bem haja a illustre Hespanha, que, tendo, ao apparecimento do D. Quixote, ainda chammejante no coração o espirito generoso da cavallaria, antecipou a vingança futura, recebendo-o com tamanha frieza, que chegou quasi a desprezo. A fidalga Hespanha, tendo, então, ainda viva na memoria e venerada no coração a lembrança das boas acções da cavallaria, considerou logo como acção má a obra de Cervantes, e desviou d'ella os olhos.

Quanta mais razão não haveria para ferir de morte com o ridiculo a mania dos duellos, que veiu de tempos desalumiados, e que tem resistido, até hoje, ás admoestações temerosas da Religião, e ás ponderações eloquentes da philosophia!

Estes, sim, que mereciam desapparecer do mundo civilisado; estes, sim, que são inspirados pelo prejuizo da falsa honra, collocando todas as virtudes, como diz *J. J. Rousseau,* na ponta de uma espada, e servindo só para fazer bravos scelerados.

Debalde, porém, se esforçou aquelle famoso escriptor em apurar contra o duello o vigor do raciocinio e o calor da eloquencia. Debalde poetas, co-

mo *Le Brun,* o taxaram de *loucura horrivel* o *crueldade polida,* dizendo:

> «Tu ne la conçois pas, cette horrible folie
> Qu'accepta du Français la cruauté polie,
> Et qui, fermant l'oreille aux cris de la pitié,
> Pour venger des égards égorge l'amitié.»

Debalde tem sido o duello condemnado em todas as legislações e em todas as linguas. Da nossa lingua, por exemplo, me estão agora lembrando os primeiros artigos da *Revista Universal Lisbonense,* primorosos como os sabia dictar o nosso grande mestre da poesia e não menor prosador, o snr. *Castilho.*

E a *crueldade polida* dos versos de *Le Brun* sem se extinguir por consenso unanime da civilisação hodierna! Enfraquece uns annos, reincide depois, e persiste sempre, em solemne desmentido das presumpções illustradas do nosso seculo.

Ficou, e ficará talvez por muito tempo ainda, a loucura sanguinaria da falsa honra; e o enthusiasmo salutar da honra verdadeira acabou estrangulado, n'uma caricatura, ás mãos resentidas de Miguel Cervantes!

Que vergonha para a moral e para o bom senso!

E concluiremos este *Serão,* copiando aqui um dos citados excellentes artigos do snr. *Castilho.* Escolhemos o seguinte, não por melhor, mas por mais curto; e n'elle, apesar d'isso, estão consubstanciadas as principaes razões, que os condemnam, e ridicularisada com justiça tão montezinha ferocidade.

Eil-o, como se lê na *Revista Universal Lisbonense* de 18 de maio de 1843:

« DUELLO

« Se os infanticidios estão clamando á sociedade por providencias, não o estão menos os duellos. Os infanticidios são só atrozes, os duellos são hoje além de atrozes e absurdos, enjoativamente ridiculos. O desafio é quasi sempre a razão de quem a não tem — *ultima ratio stultorum* — os preparos que se lhe seguem, são uma farça barbara, que termina, as mais das vezes, vergonhosamente, entre dous tinteiros ou entre duas garrafas. O combate, quando o ha, ou é uma ostentação de comedia pateavel, ou uma tragedia bestial: porque nem a morte do calumniador, se de calumnias foi o caso, desfaz as calumnias, nem a do calumniado lhe resarce o damno já padecido.

«Todas estas verdades são triviaes e ha leis repressivas d'este crime; entretanto raro é o dia, em que não ouvimos fallar de algum espadachim, que n'um passeio, n'um botequim, n'uma sala — e o que peor é, n'um periodico, ou n'uma discussão de parlamento, não desafie abertamente ou roncando feros de Roldão e Ferrabraz, não repita a formula sacramental dos professores d'aquella arte, a que por brincadeira chamam nobre — *estou prompto para todas as explicações, aqui ou em outra qualquer parte, como homem ou como cavalheiro.* Esperarão os legisladores que o mal cresça até o ponto em que a sua propria gravidade ou o escarneo lhe sirvam de remedio? Seria uma espectação anti-social e anti-humana.

«Dous mancebos militares, desavindos por não sabemos que offensa de palavras feita por um d'elles ao outro na pessoa de sua dama, sahem no dia 10 da cidade, acompanhados da comparsaria dos padrinhos, para um arrabalde proximo; puxam das espadas, esgrimem; o aggravado fere levemente n'um lado ao seu adversario: este, cego de furia, abre-lhe a cabeça com uma cutilada, e deixa por terra lavado em sangue um semi-cadaver para que o levem á sua familia.

«Lavou-se a injuria da dama com o sangue do seu amante? — desaffrontou-se este, ficando em termos de perdel-a a ella e mais á vida na

flôr da mocidade? — desfez-lhe a espada do seu inimigo o que a lingua do seu inimigo havia feito? — e o vencedor, diz-lhe a sua consciencia que obteve um louro? — Tres vezes horror sobre taes crimes; — e trinta vezes infamia, a quem, podendo, lhes não põe limites.»

SERÃO XI

CONSIDERAÇÕES RELATIVAS AO THEATRO D'HOJE

> Civilisação sem moral publica é absolutamente impossivel.
>
> A. Herculano.

É impossivel; não creio. Já o li, ha dias, n'uma folha de Lisboa, que me merece credito; acabo de o lêr agora em cartas de dous amigos sisudos e verdadeiros; e ainda me não resolvo a acredital-o. Não é ao facto, em si, que eu opponho a minha incredulidade. Esse, na desventurada época em que vivemos, é frequentissimo. Perseguições á Religião e ao Clero; blasphemias; libellos infames; calumnias de todo o genero; livros impios; jornaes mais impios ainda; dramas; canções; todas as armas se tem manejado e manejam diariamente contra as idéas fundamentaes da sociedade christã—

Deus e a sua Igreja. Pouco admiraria, pois, que mais uma peça de theatro, cheia de immoralidades ou impiedades, viesse, entre nós, juntar-se a muitas outras, que a precederam, e attrahir os applausos da insciente multidão, e os sorrisos satisfeitos da sciencia depravada. O que eu me não decido a crêr é que o author do novo drama d'aquelle genero, seja o snr. *Pinheiro Chagas*. Empresas de immoralidades, traduzidas em vasconço, comprehendem-se quando não ha governo que tome a serio a grande missão que lhe coube na terra, e quando ha homens para quem o lucro é a unica razão de suas acções. Tambem ahi ha empresas de prostituição, e laboratorios de venenos. Ha MM e NN para tudo, e o *cofre dos reptis* chega a toda a parte. Mas o snr. *Pinheiro Chagas* a fazer *Dramas do Povo,* como escóla de corrupção do mesmo povo!... É impossivel! Não conheço pessoalmente o snr. *Pinheiro Chagas*. Os seus escriptos, porém, e a sua fama dão-no por engenho elevado.

Se fosse homem da estatura dos NN, acreditava logo.

Um engenho elevado sabe vêr o alcance das cousas; não tritura polvora nas mãos, porque lhe conhece os perigosos effeitos; não manipula, por divertimento, venenos corrosivos e subtis, porque sabe que se, um dia, lhe estalar a mascara de vidro, podem envenenar-lhe toda a casa e ser elle a primeira victima.

Os NN não sabem o que fazem.

Um engenho elevado costuma ser generoso.

Duvido, portanto, que o snr. *Pinheiro Chagas,* no proprio momento em que vê a Igreja acommettida violentamente em todas as nações, seus ministros vilipendiados e perseguidos em toda a parte, se fosse pôr do lado da força contra a fraqueza, acrescentando afflicção ao afflicto, e abrindo-lhe no corpo o seu appellido, em monascabo da verdade, só porque as dôres dos martyres eram grato incenso nas aras triumphantes dos idolos da moda.

Os NN podem fazer isso, sem reparo.

E permitta-me que lhe cite uma authoridade insuspeita e irrecusavel.

Quer ouvir o que dizia *Castilho,* em 1842, applaudindo a censura dos theatros, por ter impedido que se representasse uma comedia intitulada—*Atrocidades dos Frades Dominicanos*—traduzida d'um *Monsieur de tal,* que ainda então se não escreviam d'estas cousas por cá?

Pois ouça:

«Não conhecemos o drama, porém o relatorio que d'elle nos fizeram, bastou para nos convencer, do quanto foram justas, assim a consulta do censor como a sentença do magistrado: era um escandalo de mais, com que se procurava carregar, o que ahi, por antiphrase, se appellida theatro normal.

«Deixando de parte muitos outros pontos de accusação, fôra o principal empenho do author, *phi-*

losopho (segundo parece) d'estes, a que hoje chamamos de *obra grossa,* mostrar-se *liberalão,* escrevendo mais um libello contra os frades: ¡grande sabedoria! ¡grande generosidade! ¡grande valor! ¡grande justiça! ¡grande descobrimento! ¡grande serviço á civilisação, aos bons costumes, á economia politica, ás sciencias, e ás letras! Fez uma satyra moral a todos os frades, porque entre elles os houve maus: ¡invistamos á escala vista, e a ferro e fogo, os conventos quando os conventos estão convertidos, uns em fabricas, outros em ruinas, outros em ninhos de ratos! resuscitemos os odios contra os voluptuarios enredadores claustraes, quando, em vez de palacios, e quintas, mal possuem sótãos, ou presepes, em que pernoitem; em vez da mesa frugal, mas certa, o pão incerto da esmola; quando emfim o proprio habito, em que viviam envoltos, foram obrigados a dobral-o e pôl-o como cabeceira, á espera da hora, em que a fome e os desgostos lh'o restituam convertido em mortalha.»

«O perigo e a utilidade de se tomar com o colosso monachal arca por arca, e braço a braço nos dias da sua omnipotencia, podiam justificar, e ennobrecer até o que houvesse de excessivo nas invectivas e diatribes.

«¡Mas hoje! ¡hoje! ¡hoje!... se ha ahi nobreza, é como a do asno da fabula a escoucear a cabeça do leão moribundo.»

E no mesmo anno, referindo-se ás celebres *Pri-*

meiras proezas de Richelieu, tendo em vista os bons costumes, dizia *Castilho:*

« Não temos nós a respeito dos espectaculos scenicos tão austera opinião como o rigido moralista *Felice:* conhecemos o seculo, em que vivemos; e obrigados a condescender algum tanto com os vicios incuraveis, confessamos com o philosopho de Genebra, — que taes espectaculos em cidades *corrompidas* são neccessarios: — entretanto não é menos necessario sujeital-os ás regras geraes e invariaveis dos costumes; prohibir-lhes inexoravelmente o que na sua liberdade, já de si arriscada, se quizer enxertar em licença; em summa, fazer com que ahi se não vá vêr e ouvir com a maxima publicidade o que *nenhum pai de familia sisudo consentiria que no secreto de sua casa se praticasse, ou se dissesse:* —isto basta e sobra para os partidarios dos bons principios; mas aos sectarios apaixonados e absolutos do theatro, aos que, ou por sua idade ainda verde, ou por não ligados, ou por só ligados imperfeitamente com os vinculos naturaes da familia, ou por já pervertidos com falsas theorias philosophicas, defendem o theatro de qualquer modo, que lh'o dêem, a esses dizemos, — que, se os naturaes tutores da publica moralidade continuarem de consentir em torpezas d'este genero, o theatro, em vez de caminhar para a perfeição, continuará a pender cada vez mais para a sua total ruina. A infamia que todos os povos, todos os seculos, e todas as reli-

giões gravaram sempre nas frontes dos comediantes, a ninguem poderá parecer uma preoccupação, quando, em vez de louvaveis exemplos e doutrinas, elles forem, como n'esta peça, os oradores, mestres e exemplares das mais ignobeis e immundas obscenidades.»

E isto era só em relação aos costumes?! Se fosse alli tambem sacrificada a Religião de nossos paes, e que queremos que seja a dos nossos filhos, base e fonte de toda a moral, que diria a voz eloquente de *Castilho*?

Mas não me hei-de ficar só com a citação d'esta authoridade. Hei-de invocar outra, igualmente irrecusavel e insuspeita, a de *A. Herculano*.

Dizia elle, tambem em 1842, referindo-se ao que *Castilho* tinha dito:

« Com espantosa verdade n'aquelle artigo o poeta poz o dedo sobre o cancro, que vai corroendo o theatro no seu berço, e o converte em uma casa de immunda prostituição. N'essas palavras eloquentes do escriptor, cujas crenças são firmes, cujo entendimento é perspicaz, resumbra a indignação contra os envenenadores do espirito humano; vibra-se a maldição do homem honesto contra os bufarinheiros da dissolução; appella-se em fim para as authoridades, para a imprensa, para o governo, para tudo quanto deve oppôr-se a estas orgias da arte, se arte se póde dar em quadros, onde ha, não o sublime da perversidade humana, o sublime do horri-

vel, mas o torpe, o immundo, o asqueroso dos vicios mais vis e, permitta-se-me a expressão, — mais cobardes. Se este bradar será ouvido pelos magistrados ou pelo governo, não o sei eu; mas que uma convocação feita em nome da moralidade, deve ser escutada pela imprensa, é indubitavel. A principal missão d'esta é o civilisar as sociedades; e civilisação sem moral publica é absolutamente impossivel.»

Eis a defeza implicita da Religião e dos seus ministros, que, por tanto, não podem sem perigo da civilisação e da moral ser entregues calumniosamente ao desprezo e odio da turba ignara.

Mas, fallando dos frades, em 1843, dizia o illustre historiador, n'um eloquentissimo artigo, em que pedia que, depois de os terem espoliado, os não matassem á fome:

«¡Pão para a velhice desgraçada! ¡Pão para *metade dos nossos sabios, dos nossos homens virtuosos, do nosso sacerdocio!* ¡Pão para os que foram victimas das crenças — minhas — vossas — do seculo, e que morrem de fome e frio.

«Senão, que os pobres monges inclinem resignados a fronte na cruz do seu martyrio, e alevantem uma oração fervorosa ao Senhor para que perdoe aos *algozes*, que n'ella os pregaram. É este o exemplo que na terra lhes deixou o Nazareno.

«Mas que se lembrem os poderosos do mundo de que a oração de Jesus na hora suprema d'ago-

nia *foi desattendida do Eterno*—e todavia Jesus era o seu Christo.

«Que olhem para essa nação que fluctua ha dezoito seculos no pégo da sua infamia, maldita de Deus, e apupada pelo genero humano, sem nunca poder submergir-se nos abysmos do passado e do esquecimento.

«Que se lembrem *do proprio nome, do nome de seus filhos,* de que ha justiça no céo, e *na terra a posteridade.* Se nos seus corações restam vestigios de crenças humanas, que meditem uma hora, um minuto, um instante, n'isso tudo. Das profundezas de tal meditar surgirá uma idéa, que lhes fará manar da fronte o suor frio da morte; porque será uma idéa tenebrosa e terribilissima.»

Ahi ficam, pois, esses dous liberaes a advogarem a causa da moral, da Religião e dos seus ministros, sem se lançarem, *more pecudum,* na corrente do tempo, que lhes passava pela porta convidando-os a entrar n'ella.

Creio que o snr. *Pinheiro Chagas* se não envergonhará de ser liberal ao pé d'esses dous nomes, nem o pretenderá ser mais do que elles.

Por isso me persuado de que houve engano em o darem por author d'essa irreligiosidade indecente, que me dizem se pozera em scena, á sombra do seu nome, intitulada *Dramas do Povo.*

Pois o snr. *Pinheiro Chagas,* um homem da sua intelligencia e reputação, havia de escrever scenas

em que por desvios, verdadeiros ou suppostos de algum padre, se ensina ao povo a desprezar todos os padres, e em que se faz intervir o nome da SS. Trindado, n'um lance livremente erotico, deitando abaixo do altar com o mesmo rasgo de penna a Divindade e o sacerdote?! Pois podiam escapar á sua penetração as consequencias proximas ou remotas de taes lições?

É impossivel, repito.

Só se o snr. *Pinheiro Chagas* se filiou, ha pouco, nas phalanges precursoras da Communa. Pois bem deve saber da sentença que *onde se derribam os altares, não subsistem os thronos.*

Les rois n'ont plus de thrône où Dieu n'a plus de temple.

Um meu amigo, homem de grandes dotes de intelligencia e grandes qualidades de coração, o V. d'O., foi, uma noite, attrahido pela bulha da indignação sincera de um lado, do pregão mercantil do outro, vêr a celebre semsaboria scenica, intitulada *A filha de Madama Angot,* cujo unico merecimento consistia na phrase chula, nas pernas das actrizes mais ou menos descompostas, e em *não admittir analyse,* segundo a propria confissão do pregoeiro.

No fim da peça, passou-se, no salão, entre o meu amigo V. e outro interlocutor o seguinte dialogo:

— Então que lhe pareceu, V.?

— Parece-me que os prussianos fizeram pouco em França.

— Onde tem a cabeça, V.? Não lhe fallo dos prussianos nem da França; fallo da peça.

— Bem sei. E é d'ella que eu digo que os prussianos deram pouco.

— Porque?

— Porque uma nação, que inventa, que representa, que applaude uma tal peça mereceu todos os seus desastres e mais ainda. É uma nação degradada.

— Ora essa!

— Digo-lhe isto. Podia um louco invental-a; um empresario sem gosto nem consciencia d'arte pôl-a em scena, mas o publico francez, se já não estivesse tão pervertido como o tal empresario é que não a devia tolerar nem sequer uma noite. Não fallo de cá, bem vê... Isto aqui é uma sentina repugnante onde os estrangeiros despejam, até por mão dos nossos naturaes, todas as suas immundicies a contento de governantes e governados. A França, póde ser que se levante um dia da sua queda, que tem boas paredes tambem a que se encoste; nós, receio muito que não. Ella adoeceu; nós apodrecemos. E adeus; muito boas noites.

MACTE, NOVA VIRTUTE, PUER!

Nobre, nobilissimo acto de coragem e dedicação é este de que me está aqui dando prova um folheto, que tenho diante de mim, na mesa onde escrevo, e que se intitula — *Os Lazaristas!*

É escripto pelo snr. *Senna Freitas,* e impresso no Porto.

O mancebo, a quem ouvi *Missa nova,* ha bem poucos annos ainda; o mancebo, que se fez padre *n'um tempo* (como diz Garrett, nas *Viagens,* pela bocca de Fr. Diniz a respeito dos frades, e que já hoje se póde dizer a respeito dos padres), *n'um tempo em que a mofa e o desprezo são o unico patrimonio..., em que o escarneo, a derisão, o insulto — o peor e o mais cruel de todos os martyrios — são a unica esperança;* o mancebo, que no ardor e verdor dos annos, sabendo e vendo tudo isto, se fez padre, e que se não contenta só com affrontar assim o curso das revoltas aguas, mas vem depois, resoluta e desenganadamente ao encontro da mofa, do escarneo, do desprezo, e da calumnia, que os impios atiram ás faces de seus irmãos no sacerdocio, lucta braço a braço com estes inimigos e os prostra em terra; offerece, na verdade, ao mundo um espectaculo digno da admiração dos bons e do applauso de toda a gente sensata.

Eu cuido que sim.

Não conheço os fallados *Lazaristas* do snr. Ennes, senão pelos artigos d'alguns jornaes, e pelo que d'elles diz o folheto. Mas se taes são, lamento, primeiro que tudo, a idéa anti-catholica, que os produziu; a injustiça, e falsidade com que foram tecidos; as funestas consequencias que podem ter, e terão, como propaganda do mal; e, por ultimo, a tristissima degradação em que, n'isto mesmo, vejo a arte.

Bastante se tem escripto já, em relação a esta peça, desenvolvendo as considerações, que apenas deixo tocadas. Limitar-me-hei, portanto, á ultima, que me parece não ter merecido igual attenção, e que tambem se me figura attendivel.

Ah! Com quanta razão exclamava *Mendes Leal* em 13 d'outubro de 1842:

«Pobre arte, tão grande de si, tão elevada, tão senhora, e tão bem nascida!—ou antes pobres d'esses, que assim te enxovalham, e te desprezam, nobilissima soberana, rainha por condição, rainha por mandato supremo, rainha em despeito de quantos rojando na poeira da imbecilidade a ti buscam atrever-se com o pensamento anão, porque tu, ó arte, serás sempre quem és.»

Se elle dizia isto ha 33 annos, que deveria dizer hoje?!

Hoje prostituiu-se o talento, e fez da arte ou estatuas de Paschino e de Marforio, dialongando

calumnias; ou Bacchante, presidindo orgias obscenas e torpes!

Rien est beau que le vrai; este eterno evangelho da arte anda ahi esbofeteado pela mentira, quer falsificando os factos, quer, em serviço d'um pretendido *realismo,* passando as raias prescriptas pelo bello, e dando aos olhos o que *Voltaire* dizia que se lhes não devia dar, embora fosse verdadeiro.

Desgraçado theatro! Em que mãos tens cahido!

Onde vai o tempo em que te diziam, e eras, escóla de costumes? Onde vai o tempo em que os paes podiam levar ás tuas diversões seus filhos, sem tremerem pelas boas crenças ou pelo pudor em que os crearam?

Mas se o theatro assim, matando a arte, porque a faz servir a um idolo ignobil, de que não quero fallar, gera e alimenta a corrupção publica, é esta, por outro lado, quem sustenta e anima o theatro degenerado e corrompido.

Pois se as plateias fossem o que deviam ser, que peça ousaria insustar-lhes, com falsificações, as crenças, ou escandalisar-lhes, com torpezas, os olhos e os ouvidos, que não ficasse logo sepultada, na primeira noite, debaixo d'uma pateada monumental, como as que descreve o padre José Agostinho?

Onde não ha governo nem inspecção de theatros, que olhem por estas cousas, como lhes cumpria,

resta sempre o supremo tribunal das plateias, que, se sabem ser juizes, põem fóra da porta com sentença *de tacão* a fazenda avariada que lhes vendem por bôa.

Voltando, porém, ao folheto do snr. *padre Senna Freitas,* regalou-me de vêr como elle com mão desassombrada, mas urbana, aponta as ignorancias e incongruencias commettidas pelo author da peça.

É um folheto que merece ser lido. Toda a critica está resumida nas seguintes palavras da pag. 14:

« O bello só deverá ser a irradiação da verdade. O author dos *Lazaristas* consagrou á mais miseravel das causas um talento creado para desposar a luz, e servir a justiça; lamento-o profundamente. As azas foram feitas para subir, e não para descer, ainda menos para arrastal-as pela vasa.»

De si diz-lhe com gentil ousadia na pag. 19:

«O homem que traça estas linhas seguras não é uma das almas *candidas* e *confiantes,* que os Bergerets souberam tão habilmente explorar em seu beneficio; é uma razão, embora obscura, a quem a experiencia ensinou a não obedecer cegamente a prestigios nem jenuflectir a apparencias, mas a pedir á virtude a prova da virtude.»

A defeza da illustre congregação é brilhante e com conhecimento de causa.

Que mais direi do folheto? Que o leiam os homens de boa fé.

SERÃO XII

SAUDADE!

Saudade! Gosto amargo d'infelizes.

GARRETT.

Ó Religião santa de Jesus Christo! Como és nosso amparo e conforto em tudo e sempre! Na vida e na morte!... Principalmente na morte! Ai! A morte nada respeita. Não ha poder que não prostre, nem humildade que lhe escape. Não ha flôr que não creste; carvalho que não espedace; columna que não derribe; luz que não apague.

As existencias de um dia e de milhares d'elles passam, do mesmo modo frio, sob sua mão inexoravel; e acommette indifferentemente o moço e o

velho; o rico e o pobre; o senhor e o servo; o monarcha e o vassallo; o feliz e o desgraçado; a virtude e o vicio! E este successo, tão antigo como o mundo e mais frequente que as horas, surprehende-nos todos os dias com estranha novidade! Que seria de nós, n'esta cruel surpreza, sem a Cruz, que surge ao christão, no alto do Calvario, engrinaldada de esperança, e com os braços abertos para o receber, affectuosa, ou na morte, que elle morre em si mesmo, ou na morte, muitas vezes peor, que morre nos outros?! Oh! sem duvida; a morte que morremos nos outros é, de todas as desgraças da terra, a maior e mais pungente desgraça!

Como devem de ser pesadas e caliginosas as trevas do espirito descrente n'esses horriveis momentos! Como ha-de ser pavorosa a sua solidão, e desconsolada a sua saudade! O triste só olha para a terra, e, por isso vê-a tão nua, tão erma, tão fria, tão muda como a sua alma, onde fallece a esperança. A revez do christão, porque da terra levanta os olhos ao céo, que lhe floreja confortos, que se lhe povôa de promessas; que lhe aquece os regelos do sepulchro; que lhe falla de melhor vida, onde lhe serão restituidos para sempre os que amára no mundo.

«Não, exclama o *Conde Xaxier de Maïstre,* o meu amigo não entrou no seio do nada; qualquer que seja a barreira que nos separa, hei-de tornal-o

a vêr. Não é n'um syllogismo que fundo a minha esperança. O vôo d'um insecto, que atravessa o ar, basta para me convencer; e muitas vezes o aspecto do campo, o perfume da atmosphera, e não sei que encanto espalhado á roda de mim, levantam de tal modo os meus pensamentos que uma prova invencivel da immortalidade me entra n'alma com violencia, e enche-m'a completamente. »

O meu sempre saudoso e chorado *Castilho*, defendendo-se, um dia, da injusta suspeita, que lhe endereçaram, sobre a sinceridade de suas crenças religiosas, depois de, nobremente, se penitenciar com publica confissão de venialidades juvenis, em tempos volterianos, diz:

« Se nos perguntar, quem nos transformou, não em santos (que não o somos nem aspiramos a sêl-o), mas em convencidos da verdade, da utilidade, da necessidade da religião, tambem lh'o diremos francamente: — foi, em primeiro lugar, o tempo; em segundo, a reflexão; em terceiro, e sobre tudo, a morte. — Quem chegou a perder na terra objectos amados, não póde deixar de abraçar-se a uma crença, que promette restituir-lh'os. »

Ouçamos ainda o illustre abbade *Legris Duval*:

« A esperança é a consolação do christão na vida e na morte. Na vida, não nos livra de nossas dôres, porque seria arrebatar-nos a recompensa; mas ensina-nos a amal-as, e transforma-as em ver-

da leiros bens. *Bemaventurados os pobres!* disse o Salvador do mundo. *Bemaventurados os que choram! Bemaventurados os que padecem perseguições!* Põe sempre a felicidade ao pé do infortunio. Que linguagem! Só um Deus a podia fazer ouvir aos homens, e, sobre tudo, fazer-lh'a apreciar. A philosophia não se atreveria a dizer: *Bemaventurados os que choram!* Não tinha o direito de acrescentar: *Porque elles serão consolados.* Estas promessas, dirigiu-as Jesus Christo aos desgraçados, opprimidos sob o peso da miseria e dos trabalhos.»

. . . . . .

«Não fallemos aqui senão das penas communs á humanidade: ámanhã talvez uma saude arruinada, afflicções domesticas, perdas lacerantes virão envenenar a felicidade mais solida; e que será de vós se não tiverdes Deus por arrimo e o céo por esperança? Sim, meu Deus, o desditoso tem necessidade de acreditar que do alto do vosso throno eterno vós ouvis o grito da sua dôr; que só lhe enviaes provações n'este mundo para o coroar no outro. Derrama suas lagrimas em vossa presença, e sente em si que não está abandonado. Os seus olhos fixam-se amorosos na Cruz do Vosso Filho, n'esse lenho augusto e sagrado, que por si só espalhou mais ventura, do que o mundo com todas as suas alegrias e do que os sabios com todos os seus livros. Cruz adoravel, penhor seguro da sal-

vação dos homens, signal de consolação e de esperança, adornai o asylo do pobre; collocai-vos na fronte dos reis, pois que tambem elles teem dôres, mostrai-vos no leito dos moribundos, elevai-vos sobre os tumulos, como arvore da vida semeada pela religião até no seio da morte.

«Invoco o testemunho do infeliz que viu colher na flôr de seus annos um filho, uma esposa, um amigo, objecto de suas mais queridas affeições. Vêde-o triste e solitario vaguear junto da sepultura, onde toda a vida de seu coração se sumiu para sempre. Apostolos do nada e das separações eternas, ah! por piedade, afastai-vos; deixai que o infeliz espere ainda, para que possa amar sempre! Vinde vós, almas religiosas, anjos consoladores; aproximai-vos com respeito, dizei as maravilhas arrebatadoras da terra dos vivos, eterna habitação dos que nós choramos; dizei como, de um mundo a outro, estão nossas almas unidas ainda pelo commercio sagrado da esperança e do amor.

«Com a vossa voz, a nuvem funebre se dissipa· não sei que divino encanto penetra sua alma enternecida, e a eleva gradualmente ás regiões da paz e da eterna vida.

«Já se desvaneceram as sombras do tumulo, esses deploraveis restos, que indignam a humanidade; é um ente amado ternamente, coroado de gloria, feliz para sempre no seio de Deus. Então

o desventurado resigna-se a viver até ao momento venturoso da reunião eterna! »

Foi longa a citação. Deixei-me arrastar pelo encanto das idéas e das palavras.

Se, porém, eu não tenho, por fortuna, de me penitenciar aqui das faltas de que gentilmente se penitenciou *Castilho;* devo, comtudo, declarar, como elle, que a morte, a morte de objectos queridos, é que mais me tem arraigado no coração a crença salutar da religião christã, que, por minha ventura, bebi com o leite.

E n'este proprio momento, em que a morte, subita e prematura, de um parente, mais que parente, amigo affectuoso, me fulminou desabrida; n'este momento, em que não sei escrever, n'este *Serão,* senão — *Saudade;* tambem sinto que esta dôr mais me estreita á cruz da redempção como bandeira de consoladora esperança, que me promette o premio das virtudes d'ella e o perdão de minhas culpas no seio de Deus, onde nos reuniremos um dia...

Visto, pois, que este *Serão* foi consagrado á *saudade,* causada pela morte, permitta o leitor benevolo que o remate com os versos que essa saudade arrancou da minha já destemperada lyra. São estes, como se publicaram no *Direito* de 1 de julho de 1875:

O CEDRO E O RAIO

À MEMORIA QUERIDA E SAUDOSA DE ANTONIO J. V. DO V. P. MANIQUE

O malheur d'aimer sur la terre
S'il n'était plus rien au de-là !

MADAME A. TASTU.

I

Quatro cedros havia além, no monte,
Que era delicia vêr ;
Quem passava na estrada aqui, defronte,
Fosse homem ou mulher,
Perdidos já de vista, os via ainda,
Gravada na memoria a moita linda.

Trocavam entre si os verdes braços,
Mais fortes da união,
E no gozo tranquillo d'estes laços,
Dando ao mundo lição,
Eram boa familia, em dôce encanto
Do amoroso viver, que póde tanto.

Entre elles, um mais alto, a fronte erguia,
Sem que pesasse aos tres!
Era irmão, mas de pai categoria
Lhe dera o amor, que fez
Aos outros, quando tenros, ser-lhe abrigo,
Contra desolador vento inimigo.

Tinham ditosa vida além, no monte,
Que era delicia vêr;
Quem passava na estrada aqui, defronte,
Fosse homem ou mulher,
Perdidos já de vista, os via ainda,
Gravada na memoria a moita linda.

II

Ao redor, toda a campina
Com respeitosa affeição,
Olha a moita peregrina
Como antiga tradição;
Era aos homens santo exemplo;
E de paz, d'amor, um templo,
Que a alma elevava aos céos;
Era mansão d'alegria,
E o coração lá subia
Pelos ramos até Deus.

Mais viçosas e melhores,
Junto á moita singular,
Brotavam fragrantes flôres
Perfumando á roda o ar;

Par'cia que mais suaves,
Sobre a ramagem, as aves
Trinavam cantos d'amor;
Pref'riam-lhe a fresca sombra
Ou o macio da alfombra,
Á sésta, gado e pastor.

O da fronte mais erguida
Mais frondoso era tambem,
Par'cendo que o viço e vida
Aos outros só d'elle vem;
Era o tronco até ao cimo,
Todo enleiado, com mimo,
De roseira festival,
Que em braços d'elle se perde,
Lustrando-lhe então seu verde
Em graciosa espiral.

Felizes! Esposo e esposa
Gozando sem mais pedir;
Só pedia a venturosa
Que assim lhe fosse o porvir...
Ai! Coitada! Em tal ventura
Só pedia que segura
Lh'a fizessem pios céos
N'aquella intensa alegria;
E o coração lhe subia
Pelos ramos até Deus.

*

III

Eis de repente um dia — negro dia
De estranha cerração! —
Estala sobre a moita, que sorria,
Implacavel trovão...
E d'elle um cruel raio fulminante,
Que prostra o nosso cedro n'um instante!

Prostra o cedro do monte, e deixa á roda,
Co'este golpe fatal,
Tudo f'rido, assombrada a moita toda,
Toda a campina e o val;
Que tudo sente em si o rude córte,
Punge a todos a dôr d'aquella morte!

A pobre da roseira — coitadinha! —
Despegada sem dó
Do tronco amado, que o viver lhe tinha,
Desconsolada e só,
Apenas volta a frente, murcha e mesta,
Ao céo, unica esp'rança, que lhe resta!

Façamos nós com ella, ao céo levando
Nossos olhos e mãos;
Nem falte o suspirar de quando em quando:
E, tendo como vãos
Os gozos todos, que este mundo encerra,
Á vontade de Deus curve-se a terra!

SERÃO XIII

A INFLUENCIA DA RELIGIÃO E A INFUENCIA DO MUNDO

> Il n'y a que la réligion qui puisse rendre l'homme vertueux par l'intérèt qu'il a de l'être, parce qu'elle seule met continuellement devant ses yeux un intérèt infiniment supérieur à tous ceux qui peuvent le porter au péché...
>
> De La Luzerne.

> Hoje o mundo é uma vasta Barataria, em que domina el-rei Sancho.
>
> Garrett. — *Viagens.*

A calamitosa inundação, que tem desolado o sul da França, parece um novo castigo com que Deus quiz ainda affligir aquelle *privilegiado* reino. Privilegiado em tudo. Nos crimes; nas virtudes: nos castigos; nos milagres. Mas se os desastres tem sido espantosos, espantosa tem sido tambem a de-

dicação e a caridade. Não se sabe o que mais se deve admirar: se os pavorosos rigores do céo, se a diligencia com que os minora o affectuoso amor christão.

E alli é que, mais uma vez, se exemplifica o que é e o que vale a influencia da Igreja, e a influencia do mundo. Em *Gadanet,* por exemplo, depois d'uma chuva torrencial de 56 horas, o ribeiro de *Verdun,* engrossado pelas neves da montanha derretidas, lambeu e arrastou comsigo 30 casas do alto *Verdun,* e sessenta pessoas lá se afogaram na corrente ou ficaram debaixo dos entulhos. Onde havia um outeirinho, não ha nada agora; onde havia uma casa, só resta o lugar d'ella; rochedos, arvores, tudo levou diante de si a impetuosidade das aguas, e o presbyterio ficou sem a sacristia, que lhe fôra tambem arrebatada. A cheia tinha-se elevado dous metros na igreja; o parocho, apenas teve tempo para salvar o vaso com as sagradas formulas, e partir logo a soccorrer e consolar os moribundos. Tinha, alli perto, havido um casamento, e a casa dos noivos foi tambem na levada, com elles dentro, e mais cinco ou seis convidados.

Tolosa foi um dos principaes theatros d'esta horrorosa tragedia. Abysma-se a imaginação nas lastimosas côres d'aquelle tremendo quadro de dôres, de ruinas, de mortes, de destruição de todo o genero! Uma chuva diluvial de muitas horas; os rios transbordando e fazendo-se mares: as ruas re-

cebendo e vomitando torrentes caudalosas; as casas desabando aqui e além; outras, levadas quasi inteiras pela força da cheia, onde vão boiando utensilios, moveis diversos, ferindo, entre estes, as vistas berços com crianças; sobre alguns tectos de habitações mais solidas, sobre algumas arvores mais robustas, sobre todas as elevações, paes e mães, em consternação, levantando os filhos nos braços; scenas lacerantes do Diluvio por toda a parte, e por toda a parte gritos d'angustia pungentissima...

Eram os pavorosos rigores do céo!

Logo, porém, que o descer das aguas o permittiu, as carruagens *omnibus* percorriam todos os bairros, parando a cada porta; ao som de tambor, foram convidados os habitantes a acudir com roupas aos inundados e os habitantes corresponderam ao convite com piedosa generosidade. Dos campos, em volta da cidade, bandos de desgraçados, que o flagello despojou de tudo, a invadiram em busca de pão e abrigo; e a cidade tem repartido com elles do pouco que o mesmo flagello lhe deixára.

As Irmãs da Caridade de *Saint-Sernin,* recolheram grande numero de inundados; os orphãos do Hospicio, foram recolhidos pelos Padres Jesuitas de Caousóu; o Circulo catholico de *Saint-Sernin* recolheu 85 homens e mulheres, a quem deu vestuario, comida e casa.

É o affectuoso amor christão — a caridade!

A igreja de S. Nicolau foi invadida pela cheia até ao altar-mór. O parocho tivera a feliz prevenção de transferir (depois da procissão, que alli houve pouco antes) a reserva do SS. Sacramento para a igreja da *Daurade*. Uma parte dos ecclesiasticos, da irmandade, e mais de 60 outras pessoas, refugiaram-se na torre da mesma igreja. Os prejuizos d'esta e da fabrica são enormes; os tabiques do presbyterio, destruidos; o muro do jardim igualmente derrocado; ruinas a cada passo.

A communidade estabelecida no convento dos Bernardos, tanto irmãs como educandas foi felizmente salva, depois de ter passado uma noite de indizivel tormento. As pobres crianças tiveram de fugir para o alto do edificio, e a agua a subir, a subir sempre! Tudo, á roda, estalava e ia pouco a pouco desabando... era uma anciedade inexplicavel... Por volta de uma hora da madrugada esperavam todas, educadoras e educandas, uma morte inevitavel, e passou-se n'esse supremo instante, uma scena solemne, e angustiosa que commove e edifica. Confessaram-se todas, uma a uma ao capellão, e, em seguida, commungaram... Tudo parecia acabado para estas infelizes, que se sentiam morrer a cada momento, que já quasi se lhes inteiriçavam os delicados membros com o frio da agua devoradora... eis que a luz do dia appareceu e com ella tambem a luz da caridade, que as salvou a todas!

Pensou-se em fazer despejar o Hospicio de *la Grave,* de Irmãs da Caridade, que continha 1:800 pessoas. A superiora geral, cuja firmeza e dedicação parecem maravilhosas, sustentou com a energia da sua fé a coragem de suas interessantes pensionistas; e na terrivel noite de 23 de junho excitou em toda a gente os mais vivos sentimentos de admiração pelo acerto, decisão, e valor de suas ordens e trabalhos para dominar o flagello e arrancar-lhe as victimas, que elle cubiçava. Todas as Irmãs da Caridade seguiram o seu nobre exemplo; e, graças a ellas, ninguem desanimou. Os velhos, as mulheres, as crianças, esperavam a morte com o socego da resignação e com a serenidade, inspirada pelas esperanças eternas. O snr. *Texereau,* inspector dos estabelecimentos de beneficencia fez despejar todo um corpo d'elle, e o snr. *Giraud,* conhecedor do edificio, indicou as construcções, *feitas pela velha monarchia, como as unicas que podiam resistir.* O snr. *Belcastel* fez actos de heroismo n'esta occasião. Se me não engano, é um deputado legitimista. Um pobre soldado do 43 de linha, chamado *Dubac,* fez tambem prodigios de valor. Já ferido no peito, lança-se á agua para lhe disputar uma criança que se afogava; mas cahe desmaiado... acodem-lhe, e, ao desabotoar-lhe a farda, acham-lhe... um escapulario da boa terra da Bretanha, d'onde era oriundo! Na aldeia *d'Ondei,* de que já não existem senão a igreja e a casa

da camara, tres Irmãs, mestras, da Ordem de S. José, morreram victimas de sua nobre dedicação.

Ahi fica já apontado o que n'este acerbo lance se deveu á influencia da Igreja, e da Religião. Vejamos agora a influencia do mundo.

O bairro de *Tolosa* mais accommettido pela inundação, e onde havia maior montão de ruinas e maior numero de victimas, ou que era antes todo uma extensa ruina, e d'onde os cadaveres sahiam dos entulhos ás dezenas, fôra o bairro de S. Cypriano. Quando a cheia baixou, a authoridade, mal avisada sem duvida, deixou-se vencer pelas lagrimas e supplicas dos parentes dos inundados e das suas relações, e permittiu a entrada no mesmo bairro. Com esta permissão imprudente precipitou-se n'elle a multidão em massa, querendo toda a cidade vêr de perto o principal lugar da catastrophe.

E agora temos o reverso da medalha; as acções dos levianos do mundo. Grande quantidade de curiosos, homens vestidos de ponto em branco, senhoras na maior elegancia, ociosos de todos os feitios, espalharam-se, por entre as ruinas, como quem ia vêr uma festa! Parecia o escarneo feito homem e mulher, que alli ia do seio da felicidade, insultar com atroz ironia aquelle immenso infortunio! E este rancho de despreziveis loucos, em vez de auxiliar, embaraçou consideravelmente a acção das pessoas, que se entregavam á obra christã de

soccorrer os infelizes. Chegou mesmo a ser impossivel, com esta innumera turba de desalmados, revolver bem os entulhos e procurar todos os mortos, e por ventura alguns desgraçados, que ainda estivessem com vida! Isto, com prejuizo hygienico dos proprios que na cidade sobreviveram, sem fallar no dever piedoso para com os mortos, que, de certo, é linguagem inintelligivel para estes famintos de espectaculos. Notavam-se, principalmente, varias damas semi-deitadas em caleches, levando luvas côr de perola como em dia de corridas, e, ao lado, os competentes cavalleiros de charuto na bocca, *mettendo em obra* os cavallos, como se aquillo fosse a diversão mais natural e innocente d'este mundo! Puz aqui agora um ponto de admiração e parece-me que fiz uma tolice. Pois que ha aqui que admirar?... Assim como as Irmãs da Caridade, os Jesuitas, o soldado do escapulario da Bretanha não podiam fazer senão o que fizeram, alumiados pelo facho da Religião; que podiam, realmente, fazer tambem aquelles ociosos de um e outro sexo, nas trevas em que vivem?

Isto, ou tambem *calumnias dramatisadas*, *Bergerets* imaginarios, contra os Padres e Irmãs da Caridade.

Deixal-os. A uns e a outros dará Deus a paga do seu serviço.

SERÃO XIV

A IGREJA NÃO MATA A SCIENCIA

> Qual será o homem de sciencia ou de letras que não tenha devido, em quasi todas as nações, directa ou indirectamente, ao clero, a Roma, á Igreja a maior e melhor parte de sua instrucção?

Nada póde igualar a audacia dos revolucionarios, senão a sua crassa ignorancia. Pois não querem saber o que, ha pouco, disse, em Paris, o celebre *Rappel,* folha *gambettista* e revolucionaria dos quatro costados?

Leiam e pasmem. Disse ella:

« Partout où le cléricalisme a pénétré dans

l'enseignement, la science a péri. Quels savants ont produit les Etats du Pape? Quels savants le royaume des Deux Siciles? Quels savants l'Amerique du Sud? Quels savants l'Espagne?»

Viram já, quer affirmativa, quer interrogações mais audazes e ignorantes?

O snr. *Arthur Loth* corrigiu logo em breves linhas, no *Univers,* estas inepcias insolentes do jornal anti-catholico, dizendo:

«Os nossos adversarios não sabem de que argumento se hão-de valer para se oppôrem á liberdade do ensino superior; nem recuam mesmo diante da mais grosseira mentira historica. «*Em toda a parte onde o clericalismo penetrou no ensino,* diz o «Rappel», *a sciencia morreu. Que sabios tem produzido os Estados do Papa? Que sabios o reino das Duas Sicilias? Que sabios a America do Sul? Que sabios a Hespanha?*

«Que sabios? pergunta o *Rappel;* mas é preciso ser ignorante como elle para os não conhecer!

«De que tempo falla, diga primeiro? Antes da revolução poderiam achar-se por ventura, nos paizes catholicos, alguns sabios, que não fossem discipulos d'esse clericalismo amaldiçoado pelo *Rappel?* Acaso todas as glorias scientificas, litterarias, e artisticas da França, da Hespanha, da Italia, da Austria, de todos os paizes á frente da civilisação, não se acham marcadas com o signal da fé? Aos livres pensadores é que cumpria pedir con-

tas, intimando-os para apresentar os seus homens e as suas obras de genio.

« Pois havia, antes da invasão piemonteza, um canto de terra no mundo onde a sciencia fosse mais honrada do que em Roma? Pergunta o *Rappel* que sabios deitaram os Estados da Igreja? Sem interrogar o passado, que nos responderia com uma serie interminavel de nomes, ha algum paiz que, no nosso seculo, tenha produzido mais homens distinctos em todo o genero, nas letras, nas artes, nas sciencias? O *Rappel* não ouviu fallar de Rossini, o cidadão de Pesaro, discipulo do padre Mattei? Ignora o nome do cardeal Mezzofanti, que sabia mais linguas que todos os polyglottos reunidos de todas as universidades da Europa? Não chegou ao seu conhecimento a reputação de Borghesi, oriundo de Savignano, o mestre da epigraphia e da numismatica, de quem os Mommsen, de Berlim, e os Rénier, de Paris, são apenas discipulos? Conhece por ventura na sciencia das antiguidades e da historia homens mais eminentes do que os Visconti, os Rossi, e os Garruci, que todas as academias da Europa se honram de ter por correspondentes? Poderá citar hoje, em relação ás sciencias, um nome mais celebre do que o do padre Secchi? E se fosse necessario nomear tudo o que os Estados da Igreja tem produzido, tudo o que Roma encerra d'illustres theologos, de philosophos, d'archeologos, de professores d'historia e

de sciencias não teriamos de citar ainda um grande numero de nomes, que toda a republica das letras conhece?

« Só o *Rappel* os ignora. »

Vê-se bem, n'essa breve resposta, que o snr. *Arthur Loth* se resumiu, forçado pelas exigencias imperiosas d'um jornal diario. Se, em vez d'isso, quizesse esmagar com abundantes provas o dito estulto do *Rappel*, teria necessariamente de escrever volumes.

« *Em toda a parte onde o clericalismo penetrou no ensino, a sciencia morreu!* »

Não se farta a gente de admirar o ignaro atrevimento d'estes *torneiros de phrases*, que é o mais que conseguem ser os revolucionarios.

E o vulgo dos pequenos, e dos grandes, mais vulgo ainda, vai atraz d'elles repetindo, com a mesma sciencia e consciencia, a phrase, que lhes cahiu do torno!

E elles são lidos! E nós?... Que importa? Se os inimigos da Igreja, em sua raiva cega, fazem o que devem a Satanaz, façamos nós, em nosso amor de filhos da mesma Igreja, o que devemos a Deus.

Pois não sabe toda a gente, que lê, como foi poderosissima na meia idade a acção da Igreja, no que toca á instrucção? Pois não foi ella que fundou as primeiras escólas publicas nas cathedraes e nos conventos? Não foi ella que presidiu em toda

a parte ao estabelecimento das universidades, d'onde se derramaram os conhecimentos e luzes com que se ufana a actual sciencia? E, hoje mesmo, o que é que attestam em altas vozes os factos e as estatisticas? D'onde sahem os mais numerosos e melhores alumnos em França? Das escólas dirigidas por ecclesiasticos, influenciadas pela Igreja. Quem não ouviu, ha pouco tempo ainda, o *cardeal Manning* congratular-se pela prosperidade em que estavam, em Inglaterra, as escólas catholicas [1]?

Quem não ouviu, na assembléa nacional franceza, o snr. *Challemel-Lacour,* na discussão da lei do ensino superior, prestar á Igreja a maior homenagem, oppondo-se á liberdade do ensino, *porque a Igreja tiraria d'ella todo o proveito, porque o clero era o mais habil educador?*

Não ha ninguem, mediocremente instruido, que não conheça e reconheça os serviços da Igreja, de Roma, do Clero ás sciencias, ás letras, e ás artes, em todos os tempos. Qual será o homem de sciencia ou de letras que não tenha devido, em quasi todas as nações, directa ou indirectamente, ao Clero, a Roma, á Igreja a maior e melhor parte da sua instrucção?

[1] Tem sido tal a proficiencia d'essas escólas catholicas que chegára a merecer do protestante governo d'Inglaterra auxilios pecuniarios!

Ah! Com quanta razão, deslumbrado pela influencia de Roma em todas as idades, o poeta *Saint-Victor* exclama:

« Ó terre de Saturne! o doux pays! beau ciel!
Lieux où *chanta* Virgile, où *peignit Raphael!*
Terre *dans tous les temps* consacrée á la gloire:
Grande par les beaux arts, reine par la victoire,
Sans respect, sans amour, qui peut toucher tes bords?
Que de belles cités! que de riches trésors!
L'Italie et la Grèce ensemble confondues,
Les palais, les tombeaux, un peuple de statues,
Et la toile animée, et partout réunis
Les beaux temps des Césars *et ceux des Médicis!* »

E Delille, que, tomado de espanto, pelo milagre de pedra, que se chama a igreja de S. Pedro em Roma, devida ao genio immortal de Miguel Angelo, e emprehendido e executado pela influencia e vontade de tudo quanto ha de mais *clerical* no mundo, exclama:

« Sublime effort de l'art, miracle d'un grand homme!
Digne séjour d'un Dieu, digne ornement de Rome!
Rome, Athenes, les rois, les Césars sont vaincus,
Et l'univers admire un prodige de plus. »

Mas é escusado amontoar citações, que seriam sem numero, se se quizessem reunir os testemunhos prestados pelos mais distinctos homens a favor do salutar influxo da Igreja catholica, do Cle-

ro, de Roma, em fim, sobre as sciencias, as letras e as artes.

Já que fallei na igreja de S. Pedro de Roma, que tantas vezes tive occasião de admirar, deixem-me dizer que aquelle monumento do *clericalismo* não é só um assombro de architectura; é um compendio magnifico de todas as artes, uma escóla de estudos e modêlos para todas ellas. A architectura, a pintura, a estatuaria, os mosaicos, a obra de talha, o trabalho em ferro, a douradura, tudo, em fim, tem alli preciosissimos exemplares, attestando a vida e luz, que em tudo derramou o braço da Igreja; e, não longe, a bibliotheca do Vaticano attesta igualmente, nas sciencias e nas letras, o immenso e variado, e luminoso poder d'esse mesmo braço.

Na Hespanha, seriam precisos grossos livros para relatarem tanto as obras como os homens que se crearam e floresceram á sombra benefica da Igreja e do Clero em todos os ramos do saber e artes humanas. Entre nós, só direi, além do que toda a gente sabe, que nenhum dos nossos homens eminentes em sciencia e letras, deixou de ser, até ha poucos annos, por algum modo, discipulo do Clero secular ou regular. A muitos o tenho ouvido francamente confessar, e ainda, não ha muito, se cerrou a porta do sepulchro sobre o cadaver de um dos maiores engenhos que deitou Portugal, o grande *Castilho,* que se deliciava sempre a re-

cordar os tempos da aula do padre Fernandes, de quem fôra discipulo em Coimbra; e na *Revista Universal* vingou muitas vezes nobremente o Clero das injurias e accusações d'este genero, que lhe faziam os *torneiros* de cá, imitadores dos *torneiros* de lá. Tenho á mão o que elle respondeu ás accusações de *Rebello da Silva* contra os frades, e, por isso, ahi vai, como amostra. Dizia *Castilho* na *Revista Universal* de 14 de dezembro de 1843, dirigindo-se áquelle, então mancebo, e hoje fallecido, illustre escriptor:

«Quando, por exemplo, fallar da historia escripta pelos frades, não citará só o novelleiro fr. Bernardo de Brito, mas tambem fr. Antonio Brandão, *o pai da historia critica portugueza*. Quando se queixar de que os frades velhos não lançavam no assento de suas cousas as memorias artisticas, acrescentará, que todavia foram elles os que mandaram fazer e nos conservaram, todas essas admiraveis obras artisticas, de que nós hoje estamos aproveitando, e a propria casa onde fazemos os nossos artisticos alardos.»

Ora ahi está como a influencia clerical era maligna nas cousas do saber humano!

Não terminarei sem me referir aos jesuitas, que nunca podem ser esquecidos quando se falla de instrucção. Todos, ainda mesmo os que fazem publica profissão de seus adversarios, todos os reconhecem e teem por ecclesiasticos, geralmente

instruidos, e, sobre tudo, de singular aptidão para o ensino da mocidade. Ninguem deita melhores discipulos do que elles; e a ordem é opulenta em membros distinctissimos em todas as provincias dos conhecimentos humanos. Bem sei que o meu testemunho é, sobre debil, incompetente, mas nem por isso quero deixar de significar aqui minha profunda admiração pelo variado saber d'estes bons padres, que tive occasião de tratar, ha annos, no *Collegio Romano.*

E não será prova d'aquelle saber o facto recente de ter a Inglaterra confiado aos jesuitas as observações relativas á passagem do planeta Venus, creio eu, de que se occupou a sciencia, em differentes nações, não ha muitos mezes?

Mas basta, que os *torneiros* de phrases vãs, além de ignorantes, são dotados de insigne má fé, sendo, por isso, baldado empenho o convencel-os.

Nem eu trato d'isso; tratei, apenas, no que fica dito, de que, apesar da nossa humildade, não passasse, tambem entre nós, sem protesto a *torneada*, inepta, phrase da folha parisiense.

SERÃO XV

PETRUCCELLI DELLA GATINA

Vos bons mots quelquefois font rire la sottise,
Mais toujours l'honnête homme en secret vous méprise.

GOSSE.

Conhece, acaso o leitor, um tal *Petruccelli della Gattina,* ornamento *italianissimo* do *italianissimo* parlamento em Roma? Provavelmente não tem essa desgraça, como eu não tinha. Chegou-me, porém, pelo correio, a noticia do nome d'este sycophanta, e do modo mais desagradavel que se póde imaginar, para um christão. Eu lhe conto.

Parece que, entre os invasores de Roma, ha fórmas humanas ainda peores do que os membros do seu governo; são os denominados radicaes, que lhe fazem opposição pelo reputarem bastante *moderado!* Entre estes é que figura o referido *Petruccelli*. Recentemente, n'uma das sessões d'aquelle pandemonio, no meio da raiva satanica, que enfurece todos os revolucionarios contra o Divino Fundador da Santa Igreja, soltou *Petruccelli* a blasphemia de que o Nazareno era... era um... inventor de ladrões!... Lê-se, torna-se a lêr, e não acaba a gente de acreditar semelhante monstruosidade!

Jesus Christo, o Redemptor do mundo; a verdade e justiça em pessoa; o bemfeitor da humanidade; o que resgatou os homens com seu sangue na cruz; o que fundou a verdadeira liberdade; que accendeu nas trevas humanas o facho da luz divina; que estabeleceu a caridade; que levantou, pela fraternidade, o pobre e o escravo á altura do rico e do senhor; que libertou a mulher, fazendo-a companheira e não serva do marido; que deixou conforto para todas as desgraças; allivio para todos os desgraçados; que passou na terra, fazendo o bem; que tranformou a pedra da sepultura em porta da eterna vida, pondo-lhe, á roda, as flôres viçosas da esperança; Jesus Christo, emfim, que com sua palavra, mais estupenda e maravilhosa que o portentoso *fiat* da creação, renovou e civilisou o mundo, ser considerado na bocca d'um *Petruccelli* como in-

ventor de salteadores!!!... E adduzir em auxilio do seu sacrilego asserto o texto sagrado do *Diviserunt sibi vestimenta mea,* que foi acolhido com risadas n'aquella reunião de condemnados!!...

Nenhuma voz se ergueu a impôr silencio ao Iscariotes italianissimo... Iscariotes!? Muito peor! Judas vendeu o Mestre, mas não calumniou horrivelmente o seu Redemptor. Nem sequer o presidente lhe fez a menor advertencia, ou o *chamou á ordem,* lançando, ao menos, por pudor publico a *tanga constitucional* sobre aquella infamissima indecencia!

Agora, amigo leitor, edifique-se na confrontação.

Depois, o *Petruccelli* deitou-se ao ministerio, e esfrangalhou-o. Disse que elle era composto d'um ex-forçado das galés, o snr. *Spaventa;* d'um ex-cortezão, o snr. *Cantelli;* d'um ex-mazzinista, o snr. *Visconti Venosta;* d'um ex-ministro do Papa, o snr. *Minghetti* e d'um ex-jesuita, o snr. *Vigliani...*

Insultar Jesus-Christo, affrontar a verdade divina conhecida e reconhecida, ha quasi dezenove seculos, póde ser permittido e applaudido com risos n'aquelle infernal synédrio, mas fallar, assim, dos ministros da invasão piemonteza, do nenhum modo!

O presidente chamou *Petruccelli* á ordem!!

A que tempos chegamos!

Já os *Spaventas, Cantellis,* e quejandos mere-

cem mais consideração que o FILHO UNIGENITO DE DEUS!!!...

Parece que o mundo enlouqueceu ou está proximo aos ultimos tempos...

A minha penna tem corrido com difficuldade no papel, ao relatar estas cousas, que fazem arripiar os cabellos e é natural que tambem o leitor se admire de que, nem por isso, me abstivesse de as dar á estampa. Lembre-se, porém, de que esta nossa geração, ainda mesmo a menos corrompida, anda por tal modo indifferente e embotada que é preciso metter-lhe pelos olhos dentro estes horrores do abysmo, que nos preparam, como estimulo salutar que a decida, aterrada, a evital-o com todas as suas forças.

E sabe aquelles versos de *Bocage:*

> «Do crime os quadros a virtude apuram,
> Esmalta-se a moral no horror ao vicio.»

SERÃO XVI

ACERCA DOS DIZIMOS

5.º Pagar dizimos e primicias.

Mandam. da Igreja.

Ha palavras que é preciso, hoje, ter uma certa coragem para as escrever. *Dizimos,* por exemplo, é uma d'ellas.

Tanto lá por fóra, como entre nós, se fez d'esta, e d'outras palavras, sciente e inscientemente, bandeira de guerra, pendão de revolução, engôdo de incautos, paraiso de parvos, e — ponto forçado de imitação depois de 1789. Tinha, realmente, que vêr se a obra revolucionaria de Portugal havia de ficar atraz da França, que, em suas primeiras or-

gias de sangue e tinta demoliu e aboliu tudo desde o repouso do carrasco até á existencia do Ente Supremo! Foram, portanto, entre nós, abolidos os dizimos quando os nossos arrazadores deitaram mão ao camartello, em 1833, para derrocar todos os edificios d'esta nossa boa terra. Entretanto, ouvi depois, que alguns d'elles proprios se tinham arrependido, com relação aos dizimos.

Como quer que seja, é certo que hoje é preciso arrojo para fallar no tributo divino. Pois hei-de têl-o eu. Vem-me o exemplo de uma penna tão illustre que me dá força para isso.

Soceguem, porém, os assustadiços. Nem eu farei mais do que traduzir, nem vou além das idéas e desejos do escriptor que traduzo. Pareceram-me, todavia, tão verdadeiras e tão dignas de serem conhecidas aquellas idéas, e de tão frizante applicação em Portugal, sendo, além d'isso, revestidas de tão original modo de dizer, tão proprio e particular do alludido escriptor, que não pude resistir á tentação; e só tenho pena de lhe haver inevitavelmente desbotado as côres do seu primoroso estylo na minha descórada traducção.

Mas já agora, ahi vai:

« OS DIZIMOS [1]

« N'uma allocução dirigida a S. M. Eleitoral da Bretanha, cujas boas graças procurava attrahir com tinta e vinho, um aspirante a deputado, outr'ora commentador de Leibnitz, fallou dos dizimos. Promettia o homem impedir-lhes o restabelecimento, e abolil-os de todo, se d'elles restasse ainda alguma cousa. S. M. Eleitoral houve por bem despedil-o, mas elle póde tornar. O povo de França tem, sem duvida, necessidade de muitos homens, que lhe promettam abolir os dizimos; porque não será este tal um d'esses homens? Nós pedimos-lhe um momemto de audiencia, sobre os dizimos, precisamente.

« Entre a multidão que falla d'elles, é difficil achar alguem a quem se possa responder. São quasi todos Joões Ninguens, jornalistas vermelhos de provincia, corretores de eleições vermelhas, berradores anonymos. A questão dos dizimos nasceu entre elles. Fizeram dos dizimos uma machina inepta, mas boa para facilitar o emprego da machina de cortar cabeças. Foi feliz o seu primeiro ensaio. Em 1868, alguns camponios do Périgord, persuadidos de que os *nobres* e os padres queriam restabelecer os dizi-

[1] *Univers* do 1.º de julho de 1875.

mos e outros direitos feudaes, agarraram o primeiro *nobre*, que lhes cahiu nas mãos, e queimaram-no vivo.

— «*É tão verdade que se querem restabelecer os dizimos*, dizem agora os vermelhos, *que os camponios do Périgord queimaram um tal chamado Mónets, chefe do partido.*» Ora, argumentem lá contra isto. A allocução do snr. *Foucher de Careil* poderá servir para o mesmo raciocinio. — Vêde este *nobre*, este antigo prefeito. Promette impedir o restabelecimento dos dizimos, logo, é porque se trata d'isso! É que quando foi pefeito do imperador deu na trama do negocio.

«Eis aqui o que nos torna o snr. *de Çareil* mui precioso. Quereriamos, visto que elle acredita na conjuração de restabelecer os dizimos, que aproveitasse as suas horas vagas e os seus conhecimentos, fazendo um pequeno tratado ácerca d'este terrivel costume. O assumpto não deixa de ter sua actualidade; o seu tratado tinha, seguramente, probabilidades de ser lido.

«Havia de dizer a origem dos dizimos. Pelos modos, é tão antiga como o homem, visto que Abel e Caim os pagaram. Havia de seguil-os depois em todos os tempos, em todos os paizes, em todas as legislações, visto que por toda a parte se encontram, e que o homem por toda a parte os paga, ou a Deus, como Abel, ou ao diabo, como Caim. Havia de descrever a injustiça, os abusos, os tormen-

tos, sobre tudo, quando se trata de os pagar a Deus (podia-se provar que Abel morreu d'isso); — porque pagos ao diabo, ainda que mais custosos, são evidentemente um prazer. Havia de contar como os dizimos foram felizmente absolvidos ou antes felizmente transformados nos dias mais radiantes da nossa historia, no meio de que festas e com que proveito, festas e proveito que tem acompanhado a transformação. Havia de terminar por uma relação miuda dos meios de os abolir ou transformar sempre mais; porque, na verdade, alguma cousa ainda se paga a Deus, e nem tudo é ainda pago ao diabo. Indicaria, portanto, o que é preciso fazer para extirpar o abuso do tributo divino, e tornar mais completo o tributo diabolico. Repetimos que seria um livro interessantissimo e que até podia dar de si um deputado ou um senador. Não ha assumpto sobre o qual um homem com vagar possa mais facilmente escrivilhar, philosophilhar, e politicalhar.

«Podia tratar-se de duas maneiras: uma mais sincera, outra mais mercantil; uma mais em proveito da sociedade, outra mais em proveito da republica. A primeira exigiria um espirito mais audaz e valeria talvez uma morte mais tranquilla; a outra offereceria mais probabilidades para ser deputado. Póde-se escolher, segundo cada qual se sentir com mais gosto por Abel ou mais inclinação para Caim. As opiniões sobre os dizimos foi n'esse tempo que se começaram a dividir. Desde então,

paga-se, isso é inevitavel, sendo o pagar o attributo mais certo da natureza humana; mas o modo é differente. Uns conservam o modo d'Abel, modo primitivo; outros tomam o modo de Caim, homem forte, revolucionario e innovador.

«Abel sabia, como seu pai, que Deus, creador antigo e actual do mundo e do homem, possue um direito renovado sem cessar sobre a creação, mantida por elle com um visivel e perpetuo cuidado; dizia comsigo, como seu pai, que o homem não póde sem ingratidão e sem loucura tratar a Deus como se fosse seu igual, nem dispensar-se de reconhecer esta propriedade de Deus e a sua mesma dependencia por algum humilde tributo, sahido das cousas de que Deus lhe consente o uso. Em consequencia d'estes principios, o homem, creatura de Deus, reconheceu-se locatario na terra de Deus e quiz pagar a sua renda. Havia n'isto tanta mais razão quanto é certo que Deus se associava ao trabalho do homem para tornar a terra fecunda, e toma n'elle parte como fornecedor das sementes, distribuidor do sol e da chuva, e guarda da força dos braços. A innovação de Caim, desprezando estas considerações, que, sem duvida, incommodavam seu orgulhoso espirito, foi, primeiro, de pagar menos; depois, de espaçar mais os prazos de pagamento; e por fim, de não pagar nada. Bem se póde imaginar que elle achou um cento de razões para allegar em seu favor. A principal foi, de certo,

a de adquirir importancia no mundo, fazendo prova de sua liberdade, pela qual guardava para si o que se julgava que devia offerecer a Deus. Adquiriu assim gradualmente o bello temperamento e as bellas acções, que todos sabem; matou seu irmão e andou errante e temeroso na terra.

«Os imitadores d'Abel ativeram-se ao velho principio e pagaram fielmente. Este principio observado por Abraham e por Jacob tornou-se lei formal. A lei nova tomou-o da lei antiga. Carlos Magno regularisou-o como tinha feito Moysés; o poder ecclesiastico e o poder secular fizeram-no respeitar; as legislações particulares mantiveram-no, de accordo com a legislação geral da Igreja. Em summa, os dizimos foram reconhecidos pela lei natural, pela lei divina, pelas leis canonicas, pelas leis civis, e pela pratica dos povos, desde Adão até aos nossos dias. Antiguidade e authoridades respeitaveis que fazem, pelo menos, suppôr que os dizimos tinham alguma cousa de salutar. Tantos seculos e tantos homens não se podem enganar inteiramente, e manter os dizimos pelo unico prazer de vexar o lavrador. Convém recordar que os dizimos foram quasi o unico imposto com que estava onerada em França a propriedade territorial, nas épocas felizes da nossa historia. E eram os dizimos um tributo leve, se se comparam com os encargos, que pesam hoje nos productos agricolas, nos commerciaes, nos industriaes, nos bens moveis,

nos animaes, nos vehiculos de luxo, nas pessoas; e até no ar que se respira. Os dizimos apenas excediam o que hoje levam os moleiros na maquia da moagem. Mediante o concurso da propriedade ecclesiastica, bastavam para tres capitulos do orçamento, o dos cultos, o da instrucção publica, e o dos pobres.

« A raça de Caim, pelo seu lado logicamente fiel, acabou por declarar que Deus não era creador, não era proprietario, nem tinha nunca vivido; que, por conseguinte, não se lhe devia nada. E assim, não só não pagou os dizimos, mas prohibiu que se pagassem. Não se pagaram mais. Deus foi desapossado de proprietario official. É o ponto em que estamos. Comtudo, a questão não acabou ainda como os caimzistas quereriam. Chamam estes *restabelecimento dos dizimos,* á lembrança dos que os pagaram sem mágoa, e que conservam o costume de os pagar voluntariamente. Os caimzistas não podem ter outro pretexto, visto que ninguem lhes falla d'outra cousa, nem de nenhum modo lhes manifesta que possa ser questão de outra cousa. Mas esta lembrança é de mais para o seu orgulho, e pretendem prohibil-a. Não deixemos de tornar ao costume de considerar Deus como não tendo nenhum direito de propriedade; nem mesmo haja lembrança de se lhe ter nunca feito esta concessão! Por conseguinte, nada de orçamento para as despezas do culto; nada de dotação do clero; nada de edificios religiosos;

nada de vasos sagrados; nada de signaes exteriores de algum reconhecimento a este sêr chimerico. Tudo isso são dizimos disfarçados. Abolamos os dizimos, que implicam a existencia de Deus. Eis a ultima palavra.

«É verdade que se Deus existe, é proprietario da terra, do homem, e de tudo, e o fim da revolução ficou frustrado. Restam os abelistas, segundo os quaes nada é menos claro que a abolição de Deus, e nada mais claro que a brutalidade e loucura de seus primos, os caimzistas. Segundo os abelistas, Deus não deixa de fazer ainda muitos actos de proprietario. Envia com frequencia officiaes de justiça muito imperiosos, que reclamam as rendas vencidas, põem os recalcitrantes fóra, apoderam-se da fazenda e distribuem-na como lhes parece ou como lhes foi ordenado. D'onde vem, dizem elles, os volcões, as inundações, as seccas, os phylloxeras, as bancas-rotas, as revoluções, as guerras, n'uma palavra, o diabo e a sua comitiva? Todas estas cousas levam mais do que se economisou, e parecem impôr-nos o preceito de pagar os dizimos. Quem sabe, acrescentam estes retrogrados, quem sabe se os dizimos, quando se pagavam fielmente a quem de direito, não rendiam alguma cousa? O que se sabe é que os dizimos pagos a todos esses officiaes de justiça, ou ao diabo que é tambem um official de justiça, não rendem cousa nenhuma.

«No tempo dos dizimos, havia menos tabernas,

mais escólas e melhores, mais ordem nas aldeias, menos theatros nas cidades, menos revoluções, menos prussianos, e as eleições mais baratas. Tal candidato despendeu, talvez, duzentos mil francos para ser deputado, e ainda não é deputado. Ora, eleitores a quem se fez beber duzentos mil francos, deviam deixar grande parte de sua consciencia no fundo do copo. Não é isto uma boa economia.

«Emfim os dizimos foram abolidos e substituidos pelos impostos e pelos differentes officiaes de justiça de que já fallámos, e não sabemos o que n'isso temos ganho. Todavia, visto que tudo está na mesma, por misericordia de Deus; visto que achámos uma perna postiça para substituir a perna verdadeira, que nos cortou o nosso irmão Caim; visto que Deus, apesar de negado officialmente como proprietario, se tem dignado desprezar essa injuria, e, mostrando-se sempre Pai, se digna tambem de nos mostrar ainda que guarda a sua propriedade, e continúa a provêl-a de sementes, de sol e de chuva, não fallemos mais de tal. Mas fiquemos n'isto, esperando que esta doença de Caim nos permitta tornar-nos mais sensatos. D'aqui até lá faremos o que podermos. Pagaremos os dizimos, como temos por costume, sem pedir que os outros os paguem comnosco. Pagaremos por dous, por tres, se fôr preciso, e por mais ainda, se fôr possivel. Procuraremos crear bastantes padres, edificar bastantes igrejas, queimar bastante incenso, sustentar

bastantes pobres. Seremos economicos dos dizimos do diabo para augmentar os dizimos de Deus. Parece-nos aceitavel esta composição; e estimariamos saber se o snr. *Foucher de Careil,* o grande abolidor dos dizimos, a admitte tambem, praticada por nós sós, pobres christãos, e se nos quer deixar viver com esta condição.

«*Luiz Veuillot.*»

Foi extensa a traducção. Bem vejo. Mas como supponho que os meus leitores serão, pela maior parte, homens de crenças iguaes ás minhas, não se enfastiarão de lêr, por longo que seja, um tão bello artigo do primeiro escriptor catholico da Europa. E rematarei com uma anecdota. Um grande actor francez, tinha, certa occasião, de repetir, n'um dos seus papeis, uma falla bastante longa que começava assim:

«*Eu serei, talvez, um pouco extenso...*»

Tanto melhor! lhe gritaram da plateia.

Creio que, a respeito de *Luiz Veuillot,* os leitores dirão o mesmo.

SERÃO XVII

O PODER DA VERDADE

Verité, beau fleuve
Que rien ne tarit!
Source où tout s'abreuve!
Tige où tout fleurit!
Lampe que Dieu pose
Prés de tout cause!
Clarté que la chose
Envoie à l'esprit!

V. Hugo.

Como é grande e irresistivel o poder da verdade! Como o clarão da luz divina chega a fazer vêr os proprios cegos!

Quem nos diria que na Allemanha, na propria Allemanha, onde o braço do Jupiter de ferro, especie de Diocleciano á moderna, esmaga e perse-

gue os catholicos nos seus templos, nos seus padres, nos seus bispos, nas mais venerandas instituições da Igreja, um significativo testemunho a favor d'ella, testemunho irrecusavel, havia de sahir do seio de seus mais encarniçados inimigos — do seio dos protestantes e dos *liberaes* estremes e extremes!?

Pois não ha duvida que assim está acontecendo!

Com o titulo de — *Reflexões sobre a lucta civilisadora* acaba de publicar-se uma brochura, que produz actualmente grande sensação em toda a Allemanha. Cumpre, antes de mais nada, dizer que o mencionado Jupiter poz o nome de *lucta civilisadora* á perseguição contra a Igreja catholica, sendo logo adoptada a denominação por toda a imprensa dos *reptis* ou por todos os reptis da imprensa. É author da obra o snr. *Kirchmann,* liberal progressista, protestante, e celebre professor de philosophia. O snr. *Kirchmann,* no seu livro, apresenta um modo de vêr diametralmente opposto ao seu partido progressista, produzindo espantosas catastrophes se a sociedade não encontra refugio onde se abrigue, e não vê outro senão a Igreja catholica, *unica,* diz elle, *que próga o verdadeiro respeito á authoridade desde que esta nada exija que contrario seja á consciencia dos christãos.* E é o prussiano, o protestante, o philosopho, o professor, o liberal extremo, o antigo deputado constituinte que não vê salvação para a sociedade senão na Igreja

catholica, e que diz isto, alto e bom som, á luz do meio dia, na Allemanha dominada pelo principe de Bismark!!!...

É caso de dizer — *salutem ex inimicis nostris;* ou aquelles versos:

> «Il me semble voir le diable
> Que Dieu force à louer les saints.»

Mas pouco importa d'onde venha a verdade; o essencial é que ella venha e se não perca.

Nas suas patrioticas angustias, o snr. *Kirchmann,* não fia da sua propria Igreja lutherana o cuidado de fazer parar as ondas sempre crescentes da revolução. Declara, pelo contrario, que todas as Igrejas e confissões, menos a catholica, perderam todo o valor e significação, para a titanica lucta, que ameaça a nossa sociedade. Em nenhuma parte, senão na Igreja catholica, descobre o sabio allemão a protecção necessaria para a harmonia da vida commum de todos os povos.

Julga elle que *isto só* explica bem porque é que todo o patriota francez pede, em nome da França, que antes se proteja que enfraqueça a corrente catholica; e expõe, em seguida, as razões de patriotismo porque o actual governo francez não procura embaraçar esta corrente. Na mesma razão acha o author da brochura a causa do prodigioso progresso do catholicismo na America do Norte, e a

extensão immensa, que tem tomado a propaganda catholica em Inglaterra.

Depois, o snr. *Kirchmann* explica tambem porque é que na Allemanha tantos homens illustres por sua posição social ou por seu talento, e nada favoraveis á Igreja catholica, a que não pertencem, se teem todavia opposto á *lucta civilisadora*. Estes homens, segundo o author, não só consideram que é conveniente o deixar que a Igreja catholica possa cumprir a sua tarefa eminentemente conservadora, mas que se possa tambem occupar do direito absoluto, *lesado pela recente legislação politico-ecclesiastico-prusso-allemã*. Querem, prosegue o author, *o mesmo direito para todos, e, por consequencia, para a Igreja catholica*.

Além d'isto, invoca o snr. *Kirchmann* a razão d'Estado, que, segundo a sua opinião, exige que se não executem as famosas *leis de maio* em todo o seu rigor — *para que o Estado possa andar para traz*. N'este sentido, exhorta o governo a reflectir que o Estado está ameaçado em suas bases fundamentaes, que já começam a vacillar. E não só prognostica um futuro de terriveis catastrophes, mas diz que as vê já mui proximas, se o Estado não emenda a mão, desfazendo o que tem feito, e respeitando os direitos da Igreja catholica. Sobre este ponto eis-aqui as suas proprias palavras: *Nem os governos nem as classes, que dirigem a sociedade teem poder para evitar a catastrophe final. Se o*

Estado continuar a lucta contra a Igreja catholica, debalde se procurará fazer voltar ao seu leito o rio impetuoso da revolução: a sociedade perecerá n'este diluvio, que sómente a Igreja catholica tem força para fazer parar.

É assombroso que falle assim, ás barbas de Bismark, um prussiano, protestante e philosopho! Tal é o poder da verdade!

Falla, depois, na questão de instrucção primaria e superior, lamentando amargamente que o elemento ecclesiastico tenha sido banido das escólas allemãs. Concorda em que o systema moderno augmenta o saber dos discipulos, mas affirma que de nenhum modo lhes fórma o caracter. *Se, pois,* diz o snr. *Kirchmann, o Estado quer ter cidadãos, é preciso reintegrar a Igreja catholica no lugar que antigamente occupava na instrucção publica.* E, ao recordar as perturbações provocadas na Allemanha depois da definição do dogma da infallibilidade papal, acaba, elle, professor progressista e protestante, por se conformar com a admiravel declaração collectiva do episcopado allemão, reunido em Fulda o anno passado, quando formulou — *que a constituição da Igreja catholica não tinha sido em parte alguma alterada pelas decisões do Concilio do Vaticano.*

E o que ha de mais notavel e pasmoso em tudo isto (já por si bem notavel e pasmoso) é que o publicista allemão, o snr. *Kirchmann,* nas considera-

ções da sua obra, nem se inspira do exemplo do presidente do tribunal de Magdeburgo, manejando as armas da Igreja catholica, que tantas vezes lhe deram a victoria; nem das idéas dos mais illustres jurisconsultos allemães, que teem condemnado a chamada *lucta civilisadora* por considerações de direito publico; nem sequer invoca o nome de liberdade! O seu coração protestante não se commove com os males da Igreja, a que pertenceram seus antepassados; nem se sente bafejado pelo sôpro da conciliação, ou sequer inclinado a expiar os damnos causados a seus concidãos catholicos. Nada d'isto. Solta apenas um grito d'angustia, um brado lastimoso, em nome da CONSERVAÇÃO SOCIAL!!!

É a sua grande razão; o grande fundamento do seu receio; o forte aguilhão, que lhe faz levantar o grito de dôr!

Por entre as trevas da sua razão protestante, quiz Deus alvorecer-lhe a verdade, e desatar-lhe a lingua para gemer sobre as desgraças que ameaçam a sua patria.

Será ouvido o seu grito angustioso? O homem de ferro, assustado com esta advertencia insuspeita, acordará do seu sonho de prostrar Roma e travará a roda da perseguição contra a Igreja?

Quem sabe?... Deus enlouquece os que quer perder. Suscita, muitas vezes, nos povos estes *videntes*, que bradam rijo, desconhecendo toda a força da voz que n'elles falla; que dizem a verdade,

sem bem a compreherder, para que nenhuma desculpa valha á tyrannia; mas se a condemnação é irrevogavel, os oppressores tem olhos e não vêem; teem ouvidos e não ouvem!

Quem sabe se o Jupiter de Berlim, até por ser de ferro, não poderá vêr nem ouvir?!

O que os catholicos com certeza sabem é que a palavra divina é indefectivel, e que as portas do inferno teem contra si a eterna e insuperavel barreira do — NON PRÆVALEBUNT.

E já agora, não rematarei sem invocar outro testemunho insuspeito, igualmente protestante, a favor da Igreja, e das suas influencias. É o testemunho do snr. *Guizot*. Disse elle no seu livro — *De la democratie en Europe:* «Não vos assustem as influencias religiosas, as liberdades religiosas; deixai-as trabalhar e desenvolver grandemente, poderosamente: — por fim hão-de trazer-vos mais paz do que lucta, mais auxilio do que embaraços.»

A França não tomou o conselho, que lhe vinha de tão desinteressada e authorisada bocca, mas tem chorado com lagrimas de sangue a sua funesta obstinação.

A Allemanha está hoje no mesmo caso. Tambem é advertida e aconselhada por voz imparcial e cheia d'authoridade mundana.

O futuro nos contará as lagrimas do seu tardio arrependimento.

SERÃO XVIII

DUAS OBRAS DE MISERICORDIA

É verdade assás notoria;
Na geographia e na historia
Ides muito em decadencia;
Ah! sabichões, paciencia,
Heis de vir á palmatoria.

NICOLAU TOLENTINO E EU.

Em poucas cousas me comprazo tanto como em vêr um padre cumprir, singelamente e sem alardo, para com os sabichões da moda, a segunda e quarta das espirituaes obras de misericordia: — *Ensinar os ignorantes; e castigar os que erram.*

Estes sabichões, á menor occasião e sem ella,

não se fartam, nos seus escriptos, de motejar do Clero como ignorante, e de o castigar asperamente por qualquer erro, pequeno ou grande, real ou imaginario. É, por isso, que gosto muito, quando os sabichões balofos cahem debaixo da ferula ecclesiastica, e que a apregoada ignorancia dos padres lhes mostra saber mais que a arrotada sciencia d'elles.

Tive, ha pouco, esse gosto.

Não me quero referir á lição dada pelo snr. bispo de Orleans, *Dupanloup,* na assembléa nacional franceza, ao professor de historia, na faculdade de medicina de Paris, onde ensinava, na cadeira e nos livros, que os christãos em 389 ou 390 queimaram a bibliotheca d'Alexandria, para os tornar assim odiosos, figurando-os inimigos das letras. O meu caso é mais recente ainda, e mais modesto.

O meu caso é a carta d'um padre, de *Tolosa,* — a desolada cidade de França com as ultimas inundações — dirigida ao *Univers,* ácerca do que, das mesmas inundações, tinha dito o *Figaro,* jornal sabichão da moda, em artigo assignado pelo snr. *Gastão Vassy.* O *Figaro, como outros jornaes noticiosos de cá, em cousas semelhantes,* inchou as bochechas ao fallar das inundações e disse: «*Ahi vai o que ha de mais completo, mais recente, e mais inedito sobre os acontecimentos. O que eu conto, ou foi visto por mim ou por collaboradores, que lá me improvisei. Nem os proprios jornaes da localidade*

poderão ter estas informações senão pelo Figaro.» FORTUNAM PRIAMI CANTABO... Vamos a vêr o que sahiu. O que sahiu?—Sandices de todo o calibre. A topographia do alto Garona foi esfarrapada ineptamente; mudou terras d'um ponto para outro; aproximou e afastou outras o espaço de muitos kilometros; collocou duas cidades simultaneamente sobre dous rios differentes; imputou a um rio os estragos causados pelo outro; e, finalmente, para não alongar este rol de parvoices, até fez a injuria ao Garona de o suppôr a correr *ás avessas,* com escandalo da lei tantas *Digestis,* que manda que os rios corram para baixo!!

Ora eis aqui como são, de ordinario, os censores da ignorancia dos padres. Em se esgravatando alguma cousa, dá-se com sabichões, que põem os rios a correr contra o lugar da sua nascente. Perdoemos, entretanto, d'esta vez, ao snr. *Vassy* do *Figaro,* estes erros de palmatoria, em attenção ao que, n'esse mesmo artigo, conta da sua estada em *Muret,* onde se encontrou com o snr. *Leblanc, maire* de Roques, de quem refere estas palavras, pronunciadas por aquelle magistrado: « *O povo,* disse elle, *tem aqui feito uma notavel observação. As cruzes e as imagens de Nossa Senhora e dos Santos foram as unicas cousas respeitadas pelas aguas, tanto em Roques como em Pinsanguel.* E o snr. *Leblanc* acrescentou ainda, segundo o mesmo snr. *Vassy,* do *Figaro,*—que uma pobre camponeza lhe

dissera: « *Deus castiga a França. No Norte, foi a guerra; no Sul, são as inundações. Era bem tempo que abrissem os olhos.* » São palavras de ouro. E isto escripto por um *Vassy,* no *Figaro,* o jornal da frivolidade e dos costumes *decotados,* o transmittido d'um *maire* da actual republica franceza!

É, realmente, para louvar a Deus; que tudo póde, e que dá ao mundo a consoladora esperança de vêr ainda a filha primogenita da Igreja, a christianissima França, occupar o lugar que lhe pertence nas fileiras da cruz! Essa França, *de quem a voz dos seculos* (como disse, ha pouco o illustre e eloquente snr. arcebispo d'Argel) *resumira a historia nas magnificas palavras* GESTA DEI PER FRANCOS!

E pois que acima alludi á lição do snr. bispo d'Orleans ao professor d'historia, não quero perder a occasião de a referir, mas que resumida seja, áquelles leitores, que por ventura não tenham d'ella conhecimento.

O snr. *Lefort,* professor d'historia na faculdade de medicina de Paris, ensinava na cadeira e escreveu n'um livro, que os christãos primitivos eram adversos ás letras, tanto assim que haviam queimado a bibliotheca d'Alexandria, reduzindo a cinzas tantos monumentos preciosos do saber e cultura da antiguidade. O illustre e illustrado *Dupanloup,* por occasião de se discutir na assembléa nacional a lei da liberdade do ensino superior, pro-

feriu um substancial e eloquente discurso, como os elle sabe pronunciar, em que, com as provas na mão, com frizantissimas citações dos livros de varios mestres, demonstrou irrecusavelmente as deploraveis mãos em que andava o ensino superior na França de hoje; e, entre essas citações, foi comprehendido o snr. *Lefort,* a quem apontou o seu erro grosseiro. O padre, o prelado, deu lição d'historia ao professor d'historia. Padre, que tal fizeste!... Torceram-se e retorceram-se todos os *esquerdos;* alvorotaram-se todos os inimigos da Igreja, mas nenhum ousou, na assembléa, defender o erro historico do *sabio Lefort.* Picaram-no, porém, d'alli, e de fóra d'alli, para que se desaffrontasse na imprensa, visto que, na assembléa, o não podia fazer, por não ser deputado. O snr. *Lefort* veiu, afinal, á imprensa, e allegou, em abono da sua falsa affirmativa, a pretendida authoridade d'um antigo author, allegada por outro; mas na propria imprensa lhe foi provado até á maior evidencia que o seu calumnioso asserto se fundava n'uma obra, que elle tinha *estudado mal,* e n'um texto que *não tinha lido bem,* extrahido, além d'isso, d'um escriptor *sem critica.* O artigo da lição na imprensa era apenas firmado por uma inicial modesta. E, ou estivesse ou não debaixo d'ella a douta penna do prelado d'Orleans, é certo que a erudita demonstração escripta veiu confirmar plena e irrefutavelmente a lição oral d'historia do muito

reverendo *Dupanloup* ao professor d'historia da faculdade de medicina, o snr *Lefort*. Foi, em todo o caso, o padre ensinando o ignorante sabichão.

Sem embargo de tudo isto, porém, os estudantes de medicina de Paris, criados com mau leite, e instigados por má gente, foram gritar nos pateos e amphitheatros de Paris: *Viva Lefort! Abaixo os jesuitas!*

Mas que prova isto? Póde provar a falta de argumentos dos inimigos da Igreja, uma vez que os substituem por *grituria;* mas não prova, de certo, que a bibliotheca d'Alexandria fosse queimada pelos christãos em 389 ou 390, nem que o professor d'historia não attribuisse aos christãos do quarto seculo um facto, que o historiador, invocado pelo mesmo professor, diz expressamente *ter sido praticado pelos contemporaneos de Cesar.*

Os estudantes, com tudo, ainda gritam: *Abaixo os jesuitas! Viva Lefort!...* Gritem quanto quizerem, que os padres é que vivem e *Lefort* parece morto, pelo seu obstinado silencio.

> Se tinha o nome de *forte,*
> Já perdido, não é seu;
> Mão de padre deu-lhe corte!
> E, de *fraco,* emmudeceu!

Ou então, já que pelo silencio parece morto, talvez se lhe possam applicar, como epitaphio, es-

t'outros versos de *Castilho,* em que apenas alterei uma letra:

«Fez aos espiritos guerra;
O mais que foi não se escreve;
Seja-lhe a terra tão leve,
Como elle o foi sobre a terra.»

Acrescentarei ainda que, tanto *Lefort,* como seus congeneres e a estudantada do *vivorio,* deviam gritar menos e calumniar menos os christãos, lembrando-se, de que na historia dos seus patriarchas se encontram feitos d'um vandalismo assombroso, que patenteiam innegavelmente como a republica sem crenças e os republicanos sem Deus se mostraram sempre inimigos das sciencias, das letras, das artes, do saber humano em todas as manifestações.

M. de Maïstre deu-se, em França, ao trabalho de colleccionar em documentos officiaes as provas de barbarie estupida dos modernos iconoclastas, que publicou n'um grosso volume intitulado — *Beneficios da Revolução.* Deviam lêl-o todos os calumniadores dos christãos; deviam lêl-o todos os philosophos e democratas como *Lefort.* Deviam lêr e relêr o relatorio que foi apresentado na famosa convenção em sessão de 14 Fructidor, anno III, pelo celebre *Grégoire,* sobre as delapidações e furor imbecis d'esta época *gloriosa,* como diria o ci-

dadão Gambetta.—*Chabot* dizia que não gostava dos *sabios*, e tanto elle como seus cumplices tinham tornado esta palavra synonymo d'*aristocrata*.—*Henriot* propoz que fosse queimada a bibliotheca nacional, e a mesma proposta foi repetida em Marselha. D'isto não sabe *Lefort*, sabe só, quero dizer —*inventa* o incendio da bibliotheca d'Alexandria pelos christãos.—*Dumas* era d'um republicanismo mais radical e mais logico, como costumam ser os sabios e homens de certo espirito, que fazem livros. Esse queria simplesmente que fossem guilhotinados os homens de letras. E com effeito chegou-se a organisar este *illustrado* systema.—*Chenier* morreu no cadafalso.—*Lavoisier* debalde pediu uma suspensão de execução, apenas por 24 horas, para concluir uma experiencia importante para a chimica. Responderam-lhe brutalmente *que a republica não precisava de sabios* e foi levado á guilhotina. *Dusault*, um dos primeiros cirurgiões da Europa, n'aquelle tempo, e que se achava á frente do maior hospital de Paris, o unico talvez, que, então, formava cirurgiões para os exercitos republicanos, foi encarcerado. Um grande numero d'homens distinctos nas letras, nas sciencias e nas artes pereceram victimas d'esta guerra d'idiotas em delirio.—No anno II da Republica, havia em certo palacio um magnifico veado de bronze; aconteceu passar por alli um dos chamados *representantes do povo*, e determinou

que o veado fosse destruido *porque a caça era um direito feudal!* Foi a razão que deu este atilado democrata para determinar a destruição d'aquelle objecto d'arte!

Em *Belubre* (*Indre*), 124 laranjeiras, das quaes tinham muitas chegado a consideravel altura, foram vendidas, entrando o caixote, por pouco mais de 100 soldos cada uma, dando-se outra razão não menos plausivel, —*porque os republicanos tem necessidade de batatas, mas não de laranjas.* Quando o numerario escaceou, *Chassenot,* nas proximidades de Lyon, mandou fundir 800 medalhas antigas de ouro. Em Arles, tratando-se de alcançar salitre para fazer polvora, foram destruidas, para esse fim, preciosas obras-primas de esculptura antiga; e o fallado *Manuel* propunha em Paris, para o mesmo fim, que fosse arrazada a monumental porta de S. Diniz!

Tudo isto, e muitas outras façanhas igualmente curiosas se acham consignadas no tal relatorio do insuspeito *Grégoire.*

E que fizeram os selvagens da Communa?

Não foi essa ultima expressão da Republica, solemnissima negação da Igreja e do Christianismo, não foi ella e os seus, que incendiaram as Tulherias; que saquearam Paris; que arrazaram os melhores monumentos d'aquella formosa capital? Na verdade, se ainda n'aquella decantada cidade escapou algum museu e alguma bibliotheca não foi

por culpa ou falta de vontade dos esclarecidos communistas!...

Depois d'isto, vinde, diz o snr. Alb. de Badts de Cugnac, vinde, ó democratas, fallar de vandalismo e de barbarie! Se se quizesse levantar um momumento que recordasse as proezas artisticas dos nossos Catões de contrabando, devia-se reunir um montão de pedras ennegrecidas pelas chammas, guarnecel-as de ortigas e de cardos, e pôr-lhe no alto uma taboleta com esta inscripção:

Á REPUBLICA, OS ASNOS AGRADECIDOS

SERÃO XIX

ELLES COM O OLHO N'ELLE

Servi siam si, ma servi ognor fremente.

ALFIERI.

O governo expediu pelo ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, ao exc.mo snr. cardeal patriarcha de Lisboa a seguinte portaria:

«Exc.mo e revd.mo snr. — Tendo chegado ao conhecimento do governo que na festividade celebrada na igreja de Nossa Senhora da Encarnação d'esta capital, para commemorar a exaltação do Santo Padre Pio XI ao throno pontificio, o prégador proferira do pulpito palavras menos respeitosas para com soberanos estrangeiros; considerando

quanto é indispensavel honrar a tribuna sagrada e manter a reciproca amizade e respeito entre as nações; manda sua magestade el-rei chamar a attenção de v. em.ª para tão estranho procedimento, afim de que verificada a exactidão do facto, v. em.ª haja de tomar as providencias que julgar adequadas a corrigir tão reprehensiveis excessos, e evitar no futuro a sua repetição.

«Deus guarde a v. em.ª — Paço, em 2 de julho de 1875. — Exc.mo e revd.mo snr. cardeal patriarcha de Lisboa. — *Augusto Cesar Barjona de Freitas.*»

Deu causa a esta portaria, como todos sabem, o sermão prégado na festa commemorativa da exaltação do Santo Padre Pio IX á cadeira de S. Pedro, pelo reverendo padre Pancada; no qual o orador sagrado, como attestam numerosas testemunhas, *as palavras menos respeitosas*, que disse foram, unica e exclusivamente, ácerca d'uma sociedade secreta fulminada pela Igreja catholica, — a maçonaria.

O celebre jurisconsulto francez, *Mr. Dupin*, escreveu em 1828 um excellente opusculo, que intitulou — *Processo de Jesus Christo* em que refutou, cabal e magistralmente, a obra de *Mr. Salvador*, que apparecera n'aquelle mesmo anno, com o titulo de — *Historia das instituições de Moysés e do povo hebreu*, e onde se lia um capitulo — *Do julgamento e condemnação de Jesus* —, pretenden-

do n'elle o author mostrar que Jesus, considerado como *simples cidadão,* tinha sido julgado segundo as leis da nação hebraica.

O illustre *Mr. Dupin,* refutou de todo o ponto a cerebrina pretensão, provando irrecusavelmente, á vista dos quatro Evangelistas e da legislação moysaica e romana, que Jesus fôra injusta e illegalmente preso e condemnado; e que ao *seu processo,* com bom fundamento se chama *Paixão,* porque na verdade, Jesus Christo *padeceu — passus est* — mas não foi *julgado.*

No referido opusculo, *Mr. Dupin* cita as seguintes palavras do Evangelho de S. Lucas, cap. 20, vers. 20:

Et observantes miserunt insidiatores, qui se justos simularent ut caperent eum in sermone, et traderent illum principatus et potestate præsidis.

Isto em portuguez do padre Pereira vem a ser:

Como andavam sempre com o olho n'elle para vêr se o deitavam a perder, mandaram espias *para que fingindo serem* homens de bem, *o apanhassem no que dissesse a fim de o entregarem á jurisdicção e poder do governador.*

Mr. Dupin serve-se da versão de *Mr. de Sacy,* o qual ao citado lugar de S. Lucas acrescenta esta nota:

«Se lhe escapava a menor palavra contra *as potencias e contra o governo.*»

Mas que tem o opusculo de *Mr. Dupin,* a obra

de Mr. Salvador, o Evangelho de S. Lucas, e a nota de *Mr. de Sacy* com a portaria do snr. ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça e com o sermão do reverendo padre Pancada?

O leitor o dirá.

Ahi lhe deixo aproximadas essas cousas innocentemente, que me cahiram por casualidade debaixo da mão. Não faço mais nada. Os commentarios, a significação, ficam por sua conta.

Se o leitor vir, no que deixo aproximado, que o zelo dos *insidiatores* para agradarem *ás potencias,* data já do tempo de Christo; se se lhe representar que estão em Lisboa os que *andam sempre com o olho n'elle* ou que descobre na Judeia os ministros d'um *liberalismo* nascente, a culpa não será minha.

A culpa será sómente da vista e apreciação do leitor malicioso.

Eu, como remate, só ponho aqui, por me fazerem geito, sem virem nada para o caso, as seguintes palavras do snr. *A. Herculano:*

«Miseria ou torpeza, que importa? *Ha muito* que o formoso sol da nossa terra alumia nos soalheiros da praça publica *mil façanhas de um e outro genero.* Venha *mais* esse mendigo catar-se á restea do meio dia.»

SERÃO XX

A VERDADE A RESPEITO DE GALILEU

> « Nous avons entendu M. Puiseux [1], devant un auditoire d'ouvriers, justifier l'Église du haut de sa science des accusations que l'ignorance ressasse contre elle dans les journaux à propos du procès de Galilée.»
>
> L'Univers *de 6 de maio de 1865.*

Scientes e conscientes da falsidade, ha mais de duzentos annos que os inimigos desleaes da Igreja repetem em todos os tons e por todas as fórmas — que Roma *quizera obrigar Galileu de joelhos no tribunal da inquisição, a abjurar as suas desco-*

[1] Celebre mathematico francez, professor na Sorbonna, onde está preleccionando um notavel curso de mecanica celeste, e que passa por eximio sabio e um dos melhores calculadores do nosso tempo.

bertas astronomicas, a desmentir o systema de Copernico, e a declarar que o globo terrestre não tinha rotação, sendo certo que por essa occasião o abalisado sabio protestára contra a ignorancia dos inquisidores, proferindo em voz baixa o famoso e pur se muove, *que atravessando os seculos, serviu de padrão indelevel de ignorancia para os seus clericaes perseguidores.*

Quiz servir-me aqui das textuaes palavras de um dos modernos apregoadores d'essa mentira [1].

Vejamos se o que tem atravessado os seculos é a ignorancia ou a má fé dos clerophobos calumniadores.

A ninguem instruido é hoje permittido ignorar a falsidade d'este *interessante conto*. Já tivemos occasião, em outros lugares, de o desmentir irrefragavelmente; mas é singular a tenacidade com que certa imprensa reproduz as mesmas accusações, sem destruir o desmentido, nem se fazer o menor cargo d'elle.

Será em obediencia áquelle famoso preceito de *Voltaire* — calumniai, calumniai sempre?

Importa, pois, oppôr pacientemente a repetição á repetição, e procurar vulgarisar a verdade, como os adversarios tem vulgarisado a calumnia.

As authoridades que invoco para refutar a arguição que se faz ao tribunal apostolico de ter

[1] O *Jornal do Commercio* de 10 de abril de 1864.

condemnado *Galileu* por haver em conformidade com o systema de *Copernico,* sustentado a doutrina do movimento da terra, soffrendo por este motivo gravissimas penas, são authoridades de todo o ponto insuspeitas.

É o protestante *Mallet-Dupan;* é *Guichardin* e o marquez *Francisco Nicolini,* amigos, discipulos e protectores de *Galileu,* é finalmente o proprio *Galileu!*

Eis aqui o que se lê no *Mercure* de 17 de julho de 1784, numero 29:

«Cita-se *Galileu,* condemnado e perseguido pelo santo officio por ter ensinado o movimento da rotação da terra.

«Felizmente está hoje provado pelas cartas de *Guichardin* e do marquez *Nicolini,* embaixador de Florença, ambos amigos, discipulos e protectores de *Galileu,* pelas cartas manuscriptas e pelas obras do proprio *Galileu,* que *ha um seculo, se tem enganado o publico sobre este facto.*

«Este philosopho não foi perseguido como *bom astronomo,* mas como *mau theologo,* por ter querido metter-se a explicar a Biblia. Os seus descobrimentos suscitaram-lhe, sem duvida, ciosos inimigos, mas a sua obstinação em querer conciliar a Biblia com *Copernico* é o que o levou ao tribunal, e a sua petulancia foi a unica causa dos seus desgostos.

«Não foi mettido nas prisões da inquisição, mas

mandado para os quartos do fiscal, com plena liberdade de communicar com as pessoas de fóra. No seu processo, não se tratou do seu systema, mas *da sua pretendida conciliação com a Biblia*. Depois da sentença e da exigida retractação, *Galileu* ficou com liberdade de voltar para Florença.

«Devem-se estes esclarecimentos a um protestante, *Mallet-Dupan*, que, fundado em documentos originaes, vingou, n'esta parte, a curia romana.»

Consultem-se as *Memorias e Cartas*, até agora ineditas ou dispersas de Galileu — *Galilei*, publicadas em Modena por *Venturi* nos annos de 1818 e 1821; consultem-se igualmente as *Cartas de Francisco Nicolini*, embaixador da Toscana em Roma, dirigidas ao balio *André Cioli*, secretario de estado do gran-duque, *contendo a historia diplomatica, dia por dia, de Galileu em Roma, durante o seu julgamento*, sendo parte d'essas cartas escriptas por *Galileu*, e as outras por *Nicolini*, seu admirador e amigo.

Que resulta d'esses documentos insuspeitissimos e irrecusaveis?

Que o philosopho não foi condemnado por sustentar o movimento de rotação da terra, mas por se arvorar em *interprete da Escriptura Sagrada*.

O tribunal apostolico zelou a parte, que pertencia á fé, e deixou intacta a que pertencia á sciencia.

Fez mais; não consentiu que se impozesse á razão como dogma, segundo *Galileu* pretendia, uma hypothese astronomica muito contestada, e posteriormente demonstrada falsa, em parte, e abandonada por absurda. Roma, n'este ponto, zelando os direitos da fé, zelou simultaneamente os direitos da razão.

Examinemos.

Galileu, explicando a rotação da terra, sustentou e escreveu o seguinte:

«O ar, como corpo solto e fluido, unido á terra com pouca solidez, não parece estar na necessidade de obedecer ao seu movimento, ao menos em quanto as asperezas da superficie terrestre não o arrastam, levando comsigo a porção, que lhes está contigua, que não excede muito as mais altas cristas das montanhas; e esta porção de ar deverá oppôr tanto menor resistencia á revolução terrestre quanto ella está cheia de vapores de fumo e de exhalações, materiaes que participam das qualidades da terra, e, por conseguinte, adaptadas aos seus movimentos.»

Tratando depois do fluxo e refluxo, *Galileu* attribue este effeito á *rotação diurna da terra sobre seu eixo,* e não á pressão da luz, como pretendia *Kepler,* que elle mette a ridiculo.

Apparece *Laplace,* seguido de todos os astronomos, e diz:

«Os descobrimentos ulteriores tem confirmado a opinião de *Kepler*, e destruido a explicação de *Galileu*, que repugna ás leis do equilibrio do movimento dos fluidos.»

Taes eram as opiniões, hoje reconhecidas falsas pela sciencia, que, de envolta com o principio da rotação, *Galileu* pretendia apoiar sobre textos da Biblia, e sobre decisões da Igreja, para as fazer adoptar, *aproveitando-se da piedosa tendencia d'aquelles tempos.*

Em um despacho de 4 de março de 1616, diz *Guichardin*, seu amigo e embaixador em Roma, que elle — «exigira que o Papa e o santo officio declarassem este systema de *Copernico* fundado na Biblia.»

Em uma carta dirigida á duqueza de Toscana, empenha-se *Galileu* em provar este systema *theologicamente* e em mostrar que elle é *tirado do Genesis.*

A estas pretensões é que Roma se oppoz; estas interpretações é que Roma condemnou.

Foi o systema de *Copernico* explicado pela Biblia; foi que a Biblia se invocasse para o que pertencia á sciencia.

Não foi o philosopho que ella puniu, foi o mau theologo.

E o tribunal apostolico salvou assim, ao mesmo tempo, a inviolabilidade do deposito sagrado

confiado á Igreja, e os foros da razão humana, que elle pretendia agrilhoar, convertendo uma hypothese scientifica em dogma religioso.

Devemos agradecer isto a Roma ou accusal-a?

Devemos agradecer á Igreja, que precavendo os talentos contra os seus proprios desvios, não lhes admitte as invasões nas materias que a ella pertencem, nem lhes consente que subjuguem o raciocinio nos assumptos que pertencem a elles; ou devemos arguil-a?

Que se diria de Roma se ella tivesse tido a condescendencia de approvar a tyrannica exigencia de *Galileu?*

Era então que, com razão, poderia ser accusada de querer tolher a liberdade humana nas cousas da sua competencia.

Mas, pelo contrario, Roma protegeu essa liberdade; e o que admira é que *os que se dizem apostolos d'ella,* arguam a Igreja porque, mantendo os seus dominios, manteve igualmente os da sciencia, que pôde vir, mais tarde, declarar falso o que *Galileu* dava por verdadeiro.

O systema de *Copernico,* propriamente, e sem as interpretações e exigencias de *Galileu,* foi sempre livremente sustentado e ensinado, sem que Roma lhe pozesse o menor obstaculo.

Mais ainda. Foi *á solicitude pontificia* que se deveu a publicação do livro de *Copernico,* dedicado ao Papa Paulo III.

*

Haverá, portanto, boa fé n'esta accusação, que se faz contra Roma?

Se queremos admittir a boa fé dos accusadores, vemo-nos forçados a taxal-os de ignorantes. Escolham.

Oh! e quantas lagrimas derramadas sobre a sorte infeliz do opprimido *Galileu,* innocente victima da tyrannia do santo officio?...

Uns pretendem, como *Montucla,* que lhe foram arrancados os olhos; outros, como *Bernini,* que elle fôra lançado n'uma masmorra; outros, finalmente, enchem os museus de quadros, representando-o com cadeias aos pés.

Calumnia em tudo; calumnia sempre!

Galileu, partindo de Florença, chegou a Roma em 15 de fevereiro de 1633, e hospedou-se em casa do seu amigo *Francisco Nicolini,* embaixador da Toscana.

Servir-nos-hemos das proprias palavras da importante obra, que havemos consultado para o que já fica dito:

« No mez d'abril, poz-se á disposição do commissario do santo officio, que, segundo se expressa *Nicolini, lhe fez o mais benevolo acolhimento, e lhe designou para habitar o proprio quarto do fiscal do tribunal. Consentiu-se que o seu criado o servisse, e dormisse ao pé d'elle, e que os meus criados lhe levassem a comida ao quarto, e voltassem para minha casa, de manhã e de tarde.*

«Tres dias depois de pronunciada a sentença, a 24 de junho, o embaixador o levou para o jardim da Trindade dos Montes, então chamado casa de campo ou quinta de Medicis, e hoje occupado pela academia de França.

«Depois de cinco mezes de estada em Roma, foi *Galileu* para Sienna, onde esteve no palacio do arcebispo *Piccolomini;* e quando acabou a peste, que affligia Florença, pôde, quasi ao cabo de tres mezes, voltar para a sua quinta d'Accetri, na qual morreu a 8 de janeiro de 1642.»

O proprio *Galileu* escrevia o seguinte ao padre *Receneri,* seu discipulo:

«*O Papa julgava-me digno da sua estima; estive alojado no delicioso palacio da Trindade dos Montes.* Quando cheguei ao santo officio dous frades dominicos convidaram-me muito honradamente para que fizesse a minha apologia... Como punição, foram prohibidos os meus *Dialogos,* e mandaram-me embora depois de cinco mezes de estada em Roma. Em razão da peste, que havia em Florença, designaram-me para habitação o palacio do meu melhor amigo, o arcebispo de Sienna, *Piccolomini,* onde eu gozei de uma plena tranquillidade. Hoje estou na minha casa de campo d'Accetri, respirando um ar puro na minha querida patria.»

Pobre martyr!

Ahi está a victima da inquisição romana, sobre

cujas desgraças e soffrimentos a hypocrisia e a calumnia choram ha tantos annos!

Ahi fica demonstrada essa antiga accusação contra Roma, e demonstrado que ella, zelando como lhe cumpria a sua authoridade, soube fazel-o, não só com benevolencia para o talento, mas juntamente com vantagem para a liberdade da razão humana.

SERÃO XXI

O BISPO DO ALGARVE, D. FRANCICSO GOMES DO AVELLAR

> .... homem verdadeiramente de Deus, que trabalhando incansavel na vinha evangelica, a fez fructificar para o céo e para a terra.
>
> CASTILHO.

Ao tenaz empenho dos revolucionarios em desacreditar o Clero, devemos nós oppôr, com igual tenacidade, o nosso empenho em lhe zelar o credito, acudindo a reivindical-o.

Elles não perdem occasião; não a percamos tambem nós.

De tudo tomam pretexto para o accusar; apro-

veitemos nós tudo, que se nos offereça para a sua justa defeza.

Pelos erros de um ou de muitos, condemnam a classe inteira; apontemos por nossa parte virtudes de alguns, que chegam para resgatar as culpas de todos.

Aqui e lá por fóra, se tem proclamado muitas vezes que o Clero é instrumento de ignorancia, e que onde quer que elle apparece afugenta o saber e esterilisa a intelligencia; não nos cancemos, do nosso lado, em desmentir a falsidade com factos irrecusaveis.

Quiz Deus hoje que me cahisse debaixo dos olhos a copia d'um folheto rarissimo, escripto pelo exemplar dos Bispos; o immortal *D. Francisco Gomes do Avellar,* Bispo do Algarve, destinado á doutrinação dos camponezes do seu bispado, sobre *a exxertia dos zambujeiros.*

Talvez que os sabios da moda se riam d'isto!... Pois riam, que nem por isso esse folheto de poucas paginas deixou de *instruir,* como diz seu venerando author, *o homem do campo no mais necessario* para o fim a que se dirigia; nem deixou de crear no Algarve uma preciosa fonte de riqueza, que traz ainda hoje coberta das bençãos d'aquelles povos a memoria de quem o escreveu.

E n'este momento em que o Algarve está a braços com o terrivel flagello da fome; sem que lhe vá auxilio efficaz dos *accusadores do Clero,* mais

convém recordar que sua prosperidade fôra quasi exclusivamente devida á mão benefica e illustrada d'aquelle benemerito Prelado.

Quem derramou a batata no Algarve, mandando, pelos Parochos, aos lavradores as sementes e instrucções convenientes para o seu cultivo?

Quem inculcou o bom preparo dos figos, o grande manancial d'essa provincia, sem se dedignar de fazer d'isto objecto d'uma pastoral?

Quem lhe abriu muitas estradas e fontes?

Quem lhe encaminhou rios; lhe architectou pontes; lhe alargou e aformoseou praças; lhe estabeleceu cemiterios; lhe erigiu e sustentou escólas, tanto de disciplinas sagradas como profanas; lhe alimentou as viuvas e os orphãos; lhe promoveu com dotes os casamentos e bons costumes; lhe rasgou fecundos horisontes á agricultura com as suas luzes e com as suas rendas?

Foi elle, foi o grande Bispo *D. Francisco Gomes do Avellar!* Todas essas obras, que parecem as d'um reinado opulento e illustradissimo, foram obras d'um Bispo, d'um Padre!

Estará ahi tudo? Não está.

Porque se com uma das mãos obrava estes prodigios, com a outra trazia desveladas todas as cousas da Igreja, e o seu Clero instruido e bem morigerado.

Será tudo agora?

Ainda não é.

Foi além d'isto, governador e capitão general do Algarve, havendo-se nas cousas do governo temporal e da milicia com o mesmo acerto que nas da sua diocese.

Sempre espelho d'authoridades, assim na Igreja como na republica!

«*Muitos espiritos admiraveis* — diz o distinctissimo escriptor de que vou colhendo estas noticias — *parece haver a Providencia reunido e fundido n'um só para o formar. — Foi varão, ao mesmo tempo todo do céo e todo da terra, ou antes foi homem verdadeiramente de Deus, que trabalhando incansavel na vinha evangelica, a fez fructificar para o céo e para a terra, e no caminho para a bemaventurança folgou de plantar boas arvores para abrigo, regalo e mantença dos peregrinos.*»

Para a *enxertia da oliveira em zambujeiro,* de que se occupa o folheto, a que me acima referi, não se contentou o sabio Prelado com escrever, fazer imprimir e distribuir por todo o Algarve aquellas excellentes e comezinhas instrucções, senão que, para vencer a incuria e rusticidade dos que com ellas eram beneficiados, obteve do governo, que aquelle povo fosse obrigado a receber, mesmo contra sua vontade, o beneficio, enriquecendo-se a seu pezar.

Eram tempos d'absolutismo; — não admira!...

Teve, então, o Algarve alguma liberdade de menos nas palavras, mas teve mais riqueza e bens

reaes *nas obras* pelos cuidados intelligentes d'um Bispo, que comprehendeu o governo, e d'um governo, que comprehendeu o Bispo.

Se fosse uma authoridade *secular,* que *hoje* tivesse feito todas essas maravilhas, como não andaria ahi exaltada, apregoada, cantada em prosa e verso, attribuindo-se, principalmente, a gloria dos seus feitos aos principios *liberaes,* que davam de si tal governo e tal homem!

Mas como foi o Bispo, e nos tempos da antiga monarchia, ninguem falla n'elle!...

Fazem mais os inimigos da Igreja. Esforçam-se por persuadir ao povo que o Clero é todo ignorante, devasso, e contrario á illustração e interesses do mesmo povo!...

Ahi fica pois o eloquentissimo testemunho d'esse venerando Bispo, para fazer emmudecer os accusadores do Clero. Não falla elle por si, fallam as suas immortaes obras; fallam as bençãos do Algarve; falla a sua saudosa memoria, que por esses seculos fóra, na tradição do reino, ficará celebrando os seus eternos louvores.

O seu baculo, diz o mesmo primoroso e elegante escriptor já citado [1], *se parecia com o de Arão, que no deserto encaminhava para a terra de Chanaan, no Egypto tragava e consummia serpentes, e*

[1] *Castilho.*

de mais, aonde fosse mister, se coparia de folhas e carregaria de fructos.

Hoje... pobre Algarve! Hoje estás a braços com a fome, porque te seccam as arvores, que aquelle virtuoso prelado te fez plantar, ou te ensinou a melhor aproveitar seus fructos!

E, sobre as angustias da fome (que te não hão-de sequer mitigar os detractores do Clero) has-de ouvil-os amaldiçoar e calumniar os Padres!

Pois faze como Jesus Crucificado dizendo: «Perdôa-lhes, Padre, que não sabem o que fazem.»

SERÃO XXII

ANNIVERSARIOS DOS VENCEDORES NAS DISCORDIAS CIVIS

Contra *vencidos,* peitos carniceiros,
Feros vos amostraes, não cavalleiros!

CAMÕES E EU.

Mal avisado empenho é, sem duvida, o d'aquelle bando politico que se afadiga em perpetuar odios, despertando paixões que começavam a adormecer, pela acção de longos annos.

Os povos são familias; e não póde ser considerado bom membro d'uma familia aquelle, que se

veste de gala e banqueteia nos anniversarios das dôres e lagrimas de outro membro d'ella, em dissensões antigas.

Entretanto, n'estes ultimos annos, o *liberalismo,* entre nós, reviveu a commemoração festiva dos seus dias victoriosos.

Não me parece que n'isto andasse nem como politico, nem como cavalheiro, nem como portuguez.

E acresce, que o dizem levado a tamanho excesso pela tibieza dos seus crentes, a quem pretende retemperar a fé na fogueira do velho rancor!

Mais ainda!! Allegam, em seu nome, que estas commemorações ruidosas são desforra das *manifestações catholicas* com que, do outro lado, o provocaram! *Credite, posteri!...*

Já Portugal desceu tanto que as *manifestações catholicas* são reputadas, por um dos seus partidos, como *provocação!* Pois não basta ao *liberalismo* da nossa terra, a fruição *tranquilla* por mais de quarenta annos dos fructos de suas victorias? Precisa ainda de condensar e resumir *annualmente* nas vinte e quatro horas d'um só dia as *quatrocentas mil horas* do incessante padecer d'esses annos? Precisa de que os vencidos sintam periodicamente estalar a bofetada, que lhes vai, pelos ouvidos, ás faces, no estrugir dos foguetes, no repique dos sinos e no *hymno,* a cujo som viram transformar-se-lhes a vida

em ecúleo de martyrio, e em martyrio de saudade por um pai, por um marido, por um filho, por um irmão, que a voz de guerra d'aquelle *hymno* fatidico lhes sepultou para sempre?...

Oh! Dizem, que os homens esquecem depressa tanto o mal como o bem; que o tempo tudo apaga; que as lembranças vem por fim a cançar; que até se chega a dizer — *são historias velhas, que já hoje não interessam;* convindo, portanto, renovar lembranças em beneficio da causa vencedora. Pois seja assim. Mas do outro lado? Não terão os vencidos igual direito? Se não podem commemorar os seus dias de victoria (que tambem os tiveram) não poderão, ao menos, recordar aggravos, contar as feridas, desenterrar cadaveres, ensinando á nova geração como é largo e profundo o fosso, que separa os dous campos, fosso, que só deve desapparecer pela cruz lançada sobre elle como ponte de esquecimento e reconciliação?

Podem é certo, os vencidos recordar tambem. E lucrará a moral e a patria com taes recordações, com taes provocações e taes represalias? Não.

Não se façam, portanto, d'este lado.

Mas não haverá, todavia, utilidade para a moral, e para a sociedade de trazer á memoria, como espelho de incautos, o que é, o que foi, *desde todo principio,* o *liberalismo* na sua mais genuina expressão, sem fazer todavia demonstrações applicadas ao *liberalismo* portuguez?

Cuido que sim; e ninguem dirá que vou na mesma senda dos aggressores.

Os tempos da revolução franceza, vistos de certa distancia, e pelos vidros de certos historiadores demasiado complacentes, vem a tomar, se nos não precatamos, um certo aspecto de terrivel mas admiravel grandeza; vistos, porém, miudamente e de perto, adquirem logo a physionomia revolucionaria com toda a sua abjecta ferocidade.

Cuida, talvez, o povo, entre nós, que foram os nobres que tiveram, n'aquelles tempos sanguinarios, as honras do cadafalso? Dão-lh'o frequentemente a entender, alguns espertos commentadores, figurando os nobres e ricos como seus inimigos, e aquella revolução como vingadora inexoravel do plebeu e do pobre.

Não se deixe o povo enganar, que lhe póde custar *excessivamente caro* o engano.

A nobreza, tendo sido privada dos seus privilegios, não podia ficar só com o privilegio do cadafalso. *Na loteria da morte,* diz um distincto escriptor, *todos os nomes estavam na urna.*

Ha um livro precioso e insuspeitissimo, o Diccionario do republicano *Prudhomme,* que devia andar em todas as mãos; nas mãos do negociante; do honrado artifice; do cultivador pacifico; *de todo o homem, que tem* (como diz o mesmo alludido escriptor) *familia e probidade; todo o que não quer queimado o seu Parocho, e a igreja feita estrebaria.*

D'esse livro, entre outros algarismos instructivos, sobre as victimas da revolução franceza, são extremamente significativos os seguintes:

GUILHOTINADOS	Plebeus de differentes situações...	18:932
	Mulheres de lavradores e artifices	2:231
	Crianças.....	2:000
	Total...	23:154

Fique ahi essa pequena lição de historia alumiando o passado e prevenindo o futuro.

SERÃO XXIII

O CONVENTO E O PROSTIBULO, NOS NOSSOS DIAS

Que tempos! Santo Deus! Que tempos estes!
A virtude e moral são apupadas;
Santa Religião, ás mãos descridas
Dos impios, perseguida cruelmente;
O Papa, o Bispo, o Padre encarcerados;
E, sobre encarcerados, inda entregues
Em derisão maldita, á turba ignara;
Das freiras os conventos ferrolhados
Ás vocações sinceras; e abertas
De par em par as portas dos alcouces;
Os frades já sem casa, expulsos, mortos;
Liberdade do mal, por toda a parte;
Liberdade do bem, tolhida sempre!
Que tempos! Santo Deus! Que tempos estes!

J. DE L. — *Vers. Inedit.*

Era no anno da graça de 1872; corria — crêmos nós — o mez de janeiro, quando uma neta dos snrs. marquezes de Sampaio, *D. Maria Joanna,* desenganada do mundo, deliberou entregar-se

ao serviço de Deus, elegendo para esse fim, o convento das freiras Flamengas, ao Calvario, em Lisboa. Este successo, apenas sabido, levantou na chamada imprensa liberal lisbonense um clamor unisono de condemnação, e de pedidos ao governo para que se apressasse a investigar o caso e a pôr-lhe o côbro que *tamanho escandalo* demandava. O *Diario Popular,* distinguiu-se, como costuma, n'esta *gloriosa* campanha, e até se deu ao trabalho de descrever miudamente as circumstancias da chegada da snr.ª *D. Maria Joanna de Sampaio* á porta do convento, e a entrada n'elle, cuidando vêr nos pormenores, que poz em relevo, as ceremonias de uma profissão religiosa.

Dizia, pois, o *Diario Popular* de 20 de fevereiro de 1872:

«Temos alguns pormenores, que não podem passar desapercebidos, ácerca da entrada da neta dos snrs. marquezes de Sampaio no convento das Flamengas, ao Calvario. A snr.ª *D. Maria Joanna de Sampaio* chegou ao recolhimento, acompanhada por duas primas, filhas do snr. D. Antonio de Mello Breyner, esposa do consul da Russia e madama Daupias. Era esperada á portaria do convento por dous sacerdotes e differentes convidados.

«A snr.ª *D. Maria Joanna* ajoelhou e beijou as mãos aos dous sacerdotes, que depois de saberem o fim que a levava alli, bateram por tres vezes á

porta principal do convento. Á terceira pancada perguntaram de dentro «quem era» e um dos sacerdotes respondeu: *Uma neophyta que pretende abandonar o mundo e entregar-se ao serviço de Deus.*

«Abriram-se então as portas de par em par e appareceu a abbadessa, acompanhada pela secretaria e por todas as pupillas com os seus habitos.

«A snr.ª *D. Maria Joanna* ajoelhou aos pés da abbadessa e secretaria, as unicas freiras que existem no recolhimento e beijou-lhes as mangas do habito. Levantou-se, e depois pondo as mãos nos hombros das pupillas deu-lhes o osculo da paz. Terminada esta ceremonia fechou-se a portaria em quanto cortaram o cabello e vestiram o habito á snr.ª *D. Maria Joanna,* que appareceu depois no côro muito risonha, já vestida de habito de briche com cordão á cinta, véo branco e sobre elle uma corôa de rosas.

«Somos pouco entendidos n'estas ceremonias dos conventos, que se assemelham muito ás ceremonias maçonicas que ainda ha poucos dias levantaram tanta grita da gente da reacção, mas apesar da nossa ignorancia parece-nos que se a ceremonia que acabamos de descrever não é a profissão religiosa, deve assemelhar-se-lhe muito. Em todo o caso a snr.ª *D. Maria Joanna,* declarou que *pretendia abandonar o mundo para se entregar ao serviço de Deus* n'um convento, o que as leis não per-

mittem, mas que o snr. patriarcha consente. Professe cada um em sua casa, não saia, coma o que lhe der na vontade, reze todo o dia, inutilise-se para os seus e para a sociedade, que nada temos com isso, mas é necessario que se respeitem as leis que não permittem as profissões religiosas nos conventos. Chamamos para este assumpto a attenção das authoridades competentes.»

N'este tempo, ainda eu dirigia o jornal *A Nação,* mas, parecendo-me que a contradicção liberal se podia fazer sentir melhor em cartas do que em artigos, vali-me do pseudonymo, e publiquei as duas cartas seguintes, que cuido põem bem um defronte do outro o *convento e o prostibulo,* assim como o cuidado que cada um d'elles dá á imprensa liberal e ao governo da mesma falsa denominação.

Escrevia, pois, de Freixo-de-Espada-á-Cinta, o snr. *Bonifacio Mendes:*

MEUS AMIGOS:

Tive noticia, por cartas e pelos jornaes, do barulho que tem causado em Lisboa, *entre a gente liberal,* a entrada de uma senhora no *Recolhimento do Calvario,* para d'esse modo, *abandonar o mundo e se entregar ao serviço de Deus.*

Ingenuamente lhes confesso, meus caros amigos, que me tem feito scismar este barulho.

Pensei, tornei a pensar, e na verdade não atinei com nenhuma sahida.

Eu tambem tenho a minha dóse de liberal, mas este barulho parece-me uma contradicção flagrante e miseravel não só *com os principios,* professados com sinceridade e sem sophisma, porém mais ainda *com os factos,* que estamos presenciando todos os dias.

Entretanto, como eu sou um pobre homem, e nunca estudei as philosophias da côrte, talvez que as minhas duvidas nasçam da minha ignorancia; por isso, recorro a vossês, que estão mais perto *da luz,* para que tenham a caridade de me alumiar.

Vejam se me explicam isto; façam-me este favor.

Quando me azoinaram a cabeça, para que me mettesse a liberal, uma das cousas que mais me encareciam, entre os principios de tal doutrina, era a *liberdade de consciencia.*

Ora cuido, tenho cuidado sempre, que esta liberdade não se referia ás *operações internas do senso intimo,* porque essas sempre foram, e sempre serão *livres,* mas sim, ás *operações externas,* isto é, á sua traducção em *actos,* á sua *manifestação exterior.*

Disseram-me tambem que o liberalismo não implicava *antagonismo* com a religião catholica, e que a lei era *igual para todos.*

Examinando eu tudo isto com a minha fraca

logica (porque eu tambem aprendi o meu bocadinho de logica), não acho explicação a certas cousas.

Por exemplo, o meu visinho Pantaleão Barradas não vai nunca á missa, nem se confessa, com escandalo de toda a freguezia; mas dizem-me que ninguem o póde obrigar a isso, porque seria atacar a *liberdade de consciencia.*

Ainda me quiz persuadir de que a differença de uns actos a outros provinha de uns serem *de fazer,* outros de *não fazer;* uns *positivos,* outros *negativos:* ainda que já li que toda a proposição positiva se póde inverter em negativa, e esta n'aquella.

Seja, porém, como fôr, o que é certo é que eu tenho actos igualmente positivos, para oppôr ao do Recolhimento de Lisboa, e que se tem passado sem causarem barulho nenhum.

Vossês conhecem a tia Brigida Marques? Não conhecem. Pois é pessoa muito conhecida n'estes sitios, e que tambem tem seu recolhimento, para onde vão, e onde residem algumas raparigas, tanto cá da terra, como de fóra.

Querem vossês saber o que aconteceu ainda na semana passada, talvez á mesma hora do que estava succedendo em Lisboa, no Calvario?

Eu lhes conto:

A snr.ª Joaquina da Lage chegou á porta da tia Brigida Marques acompanhada por duas pri-

mas, filhas de Polycarpo Nunes, da mulher do Francisco Matheus, e da tia Margarida Borges. Era esperada á porta por duas outras mulheres, de virtudes muito semelhantes ás da tia Brigida, e differentes convidados. A snr.ª Joaquina da Lage beijou na cara as duas referidas mulheres, que, sabendo bem ao que ella vinha, bateram por tres vezes á porta da tia Brigida. Á terceira pancada perguntaram de dentro «quem era» e uma das taes mulheres respondeu:

«*Uma rapariga que quer abandonar a casa de seus paes e entregar-se ao serviço do diabo.*»

Abriu-se então a porta até ao couce, e appareceu a tia Brigida acompanhada pelas suas *meninas*. A snr.ª Joaquina da Lage lançou-se nos braços da tia Brigida, a quem deu muitos beijos, assim como a todas as suas futuras companheiras.

Terminada esta ceremonia, fechou-se a porta em quanto enfeitavam a recem-chegada, que appareceu depois, com os braços e collo nus, muito penteada e com flôres na cabeça...

E lá ficou entregue *ao serviço do diabo.*

Agora pergunto eu — porque se faz bulha com aquella entrada no Calvario, e não com esta em casa da tia Brigida?

Será por aquelle Recolhimento ser caminho do céo, e este caminho do inferno?

Será porque alli se serve a Deus e aqui ao demonio?

Será porque no Calvario se purifica a alma e aqui se prostitue a alma e o corpo?

Será porque aquella fidalga trata de se salvar, e esta pobre rapariga trata de se perder?

Será porque aquella era esperada por ecclesiasticos, e esta por mulheres de onze letras?

Será porque aquella beijou a manga á abbadessa, e esta a cara á tia Brigida?

Será porque aquella bateu á porta do convento, e esta á do alcouce?

Será?... será?... Perco-me em conjecturas...

Comtudo tomára que me dissessem onde está a tal *liberdade de consciencia*.

A liberdade que eu vejo é só para o mal.

E agora é que eu queria pilhar aqui os taes que me prégavam *liberalismo*...

Já lá estão todos na terra da verdade, e já terão dado contas a Deus das falsidades que me impingiram.

Mas agora é que eu os queria pilhar para lhes perguntar se havia ou não antagonismo entre o liberalismo e a religião catholica, e se a apregoada igualdade da lei para todos era ou não a mais refinada patranha, que se tem feito engulir aos povos n'este mundo de Christo.

Não é esta a primeira vez que eu tenho occasião de suspeitar do logro, que me armaram, não é esta a primeira impiedade e mentira da liberda-

de que me faz dizer com os meus botões — *com que gente me metteram!* Não, senhores.

Porém esta agora ardeu-me mais, pela coincidencia dos dous Recolhimentos — o de Deus e o do diabo — postos assim um defronte do outro. O de Deus porseguido, o do diabo protegido.

E isto pelos governos que se dizem de liberdade e de igualdade...

Liberdade e igualdade! Que os leve a breca!

Liberdade para si; liberdade para o mal; igualdade na depravação e immoralidade; no mais, igualdade só para os amigos e compadres.

Eis aqui a verdade pura, purissima, e que era preciso dizer ao povo desde pela manhã até á noite, e desde a noite até pela manhã.

Pela minha parte, como já estou no rol dos *desenganados*, deixem que me não hei-de descuidar por cá de lhe fazer a minha pratica, ao menos, aos domingos no adro da igreja, visto que lh'a não posso fazer lá dentro.

E a proposito de sermões, sempre lhes digo, porque sou curioso de lêr o meu livrinho, que, lendo hontem, á noite, um dos sermões do nosso padre Vieira encontrei lá o seguinte:

«Estas duas clausulas de S. Pedro *deixar e seguir* são os dous polos da virtude, são o corpo e alma da santidade, são as duas partes de que se compõe toda a perfeição evangelica. A 1.ª deixar tudo, a 2.ª seguir a Christo.»

Que me venham, portanto, dizer que é catholico (nem sequer christão) um governo que não permitte seguir a Christo!

Mas que perigo é este que o governo vê para o reino nos que seguem a Christo?

Se elles professam *deixar e seguir, deixar tudo* para seguir a Christo, se elles *deixam,* que mais quer o governo?

Agarre-se embora ao que *deixam,* e deixe-os a elles!

E mais adiante, no mesmo sermão, acrescenta o padre Vieira:

«... Em nenhum d'estes quatro predicamentos entram os homens do mundo, ainda que sejam christãos, porque nenhum d'elles professa deixar e seguir. A sua profissão é obedecer aos preceitos, mas não seguir os conselhos de Christo. — Os que sómente professam deixar e seguir, somos todos os que temos nome de religiosos.»

Então se o *deixar e seguir* não é preceito, mas conselho, e se o exemplo dos que seguem o conselho não obriga nem prejudica aos que o não imitam, porque se afflige o governo e os seus acolythos?

Ninguem lhes vai, contra sua vontade, vestir nenhum habito, estejam descançados.

Já me observaram que o receio era outro, — receia-se que venha a diminuir-se a população com estas idas para os conventos.

Ah! Isso agora é outro caso!

E assim se explica o motivo porque se não põe nenhum cobro á emigração, antes se promove por muitos modos, inspirando o desejo e até impondo a necessidade de trocar por outra esta terra madrasta.

É para augmentar a população.

E tambem já se vê porque se protege, nas leis e nos costumes, a prostituição e a geral immoralidade.

Toda a gente sabe que não ha nada como a prostituição para augmentar a população de um paiz. É materia corrente.

Sabem que mais, meus amigos?

Mandem semelhantes liberaes de presente ao diabo, e olhem que não fica rico.

Com isto, não enfado mais. Adeus.

Freixo-de-Espada-á-Cinta 26 de fevereiro de 1872.

Bonifacio Mendes.

Seguiu-se logo o snr. *Alvarenga,* escrevendo d'Alverca o que se segue:

SNRS. REDACTORES DA NAÇÃO:

Tambem eu tenho sido liberal, como o seu correspondente de Freixo-de-Espada-á-Cinta, e tambem como elle, me tem dado que entender o barulho do liberalismo por causa da ida *da snr.ª Sampaio* para o Recolhimento do Calvario.

Elle offereceu as suas duvidas (e muito bem postas) com referencia á violação do principio da liberdade de consciencia; permittam-me vv. que eu offereça igualmente as minhas (embora mais humildes) com referencia á violação do principio da liberdade de associação.

Direito, liberdade de associação sempre foram cousas que me inculcaram como dogmaticas na doutrina liberal.

E na Parte II, liv. I, tit. I do *Codigo Civil Portuguez* encontro o seguinte:

«Art. 157.º — Dizem-se direitos originarios os que resultam da propria natureza do homem, e que a lei civil reconhece e protege como fonte e origem de todos os outros.

«Estes direitos são:

«1.º O direito de existencia;

«2.º O direito de liberdade;

«3.º O direito de associação;

«4.º O direito de apropriação;

«5.º O direito de defeza.»

Mais adiante define o *direito de associação,* dizendo:

«Art. 365.º— O direito de associação consiste na faculdade de pôr em commum os meios ou esforços individuaes, para qualquer fim, que não prejudique os direitos de outrem ou da sociedade.»

Parece, portanto, que o direito de associação é reputado, no catecismo liberal, tão inherente *á natureza humana* que a lei civil o equipára ao *direito de existencia,* e se declara obrigada a *reconhecel-o e protegel-o.*

Parece igualmente, pela definição, que tudo o que não *prejudicar os direitos de outrem ou da sociedade* póde ser objecto de associação.

Por outro lado, n'uma lei, que dizem ser mais superior e que chamam *fundamental,* acho o seguinte:

«Art. 6.º — A religião catholica, apostolica romana continuará a ser a religião do reino...»

Na presença d'estas leis, não sei realmente, como, *de boa fé,* se possa pretender obstar, nem applaudir que se obste, aos que se queiram associar para o serviço de Deus.

O snr. *Bonifacio* tem carradas de razão.

Sendo a religião catholica (por aquelle art. 6.º da Carta) lei do reino, e sendo a associação para o serviço de Deus authorisada, recommendada, e de frequente pratica na religião catholica, como se

ha-de obstar a semelhante associação sem affronta da religião e da Carta?

Entretanto a lei civil, apesar de se considerar obrigada a *reconhecer e proteger* o direito de associação, resolveu-se a regulal-o, e limitar *a faculdade de pôr em commum os meios individuaes, para qualquer fim*, acrescentando — *que não prejudique os direitos de outrem ou da sociedade.*

Mas como é que o *serviço de Deus* póde prejudicar *os direitos de outrem e da sociedade?*

Nem n'uma sociedade *completamente atheia*, eu chego a comprehender a possibilidade de tal prejuizo.

Mas n'uma sociedade em que se reconheça Deus, e Christo, e a sua Igreja?!...

Cuido vêr n'essa aproximação de idéas e de termos a mais absurda contradicção, senão descommunal disparate!

Além d'isto figura-se-me que o snr. *A. Herculano* não será muito mau commentador d'estas leis, e leio, entre os seus versos, estes a respeito dos *associados para o serviço de Deus:*

«Feliz da terra, os monges não maldigas;
Do que em Deus confiou não escarneças! —
Folgando segue a trilha, que ha juncado,
Para teus pés, de flôres a fortuna,
E sobre a morta crença em paz descança.
Que mal te faz, que gozo vai roubar-te
O que ensanguenta os pés nas bravas urzes.

E sobre a fria pedra encosta a fronte?
Que mal te faz uma oração erguida,
Nas solidões, por voz sumida e frouxa,
E que, subindo aos céos, só Deus escuta?
Oh, não insultes lagrimas alheias,
E deixa a fé ao que não tem mais nada!...»

Depois, voltando-se para o *Popular* ou *Commercio,* ou outro que tal, continúa:

«E se estes versos te contristam, rasga-os,
Teus menestreis te venderão seus hymnos,
Nos banquetes opiparos, em quanto
O negro pão repartirá commigo,
Seu trovador, o pobre anachoreta,
Que não te inveja as ditas, como as c'rôas
Do prazer ao cantor eu não invejo;
Tristes corôas, sob as quaes ás vezes
Está gravada uma inscripção d'infamia.

Penso que o snr. *A. Herculano* não contradirá agora em prosa o que, em outro tempo, disse em verso.

O seu voto é insuspeito, e de valia.

Mas que importam *principios,* e leis, e versos, e prosas, aos *espiritos fortes?*

São gentes de mais alta esteira; são philosophos d'estes

«Petits pédants obscurs, qui pensent á la fois
Éclairer l'univers, et régenter les rois:

Fanatiques d'orgueil, dont la folle manie
Est de se croire un droit exclusif au genie:
Flateurs, en affichant le mépris des grandeurs;
De tout ce qu'on révère audacieux frondeurs;
Pleins de crédulité pour les faits ridicules,
Et sur tout autre objet sottement incredules;
Pensant que rien n'échappe à leurs yeux pénétrantes;
Prêchant la tolérence, et très-intolérants... [1]

Portanto, *e o mais dos autos,* tal direito de associação e tal liberdade — *impostura;* taes philosophos e taes liberaes — *impostores.*

Tem carradas de razão o snr. *Bonifacio.*

Por isso eu, se cahi na logração, como elle, tambem como elle já estou, ha muito, no rol *dos desenganados.*

Tenho a honra de ser, snrs. relatores,

De vv.

muito att.º ven.or e criado

Alvaro Alves Alvarenga.

Alverca 28 de fevereiro de 1872.

[1] *Pallissot.*

SERÃO XXIV

S. JOÃO POETICO

Coimbra, terra de encanto,
Do Mondego alegre flôr.

J. DE L.

Quero archivar aqui esta memoria querida do meu tempo de estudante de Coimbra. Ai! Coimbra! Como sempre me surges saudosa no pensamento! E esta memoria tambem poderá estimular os mancebos, que ora lá succederam aos da festa poetica do S. João para nos deixarem vencidos e esquecidos. Oxalá; que n'isso ganharão as letras e a patria. Tambem eramos rapazes os rapazes de então, e rapazes deveras; mas resgatavamos muita rapa-

ziada com outras cousas de alguma valia e sisudeza em que até se nos associavam os lentes mais graves, e que nos alcançavam louvores de homens taes como *Castilho*. Permitta Deus que os estudantes de hoje deixem completamente obliterados os nossos nomes pelo glorioso esplendor dos seus.

Aqui fica, pois, registrada a noticia d'esse festim de poesia, trasladada da *Revista Universal Lisbonense,* como a escrevi em 27 de junho de 1844, e como se publicou n'aquelle jornal de 4 de julho do mesmo anno, precedida da seguinte advertencia da primorosa penna do cantor da *Primavera:*

«ADVERTENCIA

«Se alguem, lendo o que segue, estranhasse achar ahi o nosso nome tanta vez repetido, e tão coroado de favor, lembrar-lhe-hiamos que ainda podendo arrancal-o como cousa escura, murchada e triste d'entre tanta verdura, tanta luz e tanta alegria, não o deviamos fazer:— tudo na amizade é sagrado, até as suas superstições: a amizade é tambem poesia, e a poesia não é historia; até os seus erros devem ser respeitados; porque se para os olhos de fóra são erros, por dentro contam sempre o que quer que seja de mui verdadeiro, como gerados e nascidos do affecto.

«Não sabemos se o *S. João Poetico* deleitará a nossos leitores como a nós; — mas coitados dos que, depois de o terem lido, não volverem a relêl-o sem se sentirem: esses, ou já sahiram das ultimas raias da mocidade ou nunca a tiveram como deve ser. Por nossa parte, encantamento nos foi o assentarmo-nos em espirito a este festim sagrado dos poetas mancebos, que hoje occupam, tão senhorilmente, o lugar por onde, nós tambem, um dia passámos. Possam os que depois d'elles, inspirados pelo sol do Mondego e cheios de toda a primavera das suas margens, se ajuntarem para semelhantes festins, — possam pagar-lhes as saudades que elles hoje nos offerecem, e alegrar-lhes com amor o decahir dos seus annos, como elles nos alegraram o d'estes nossos.

«Poesia e eterna mocidade são o condão imperdivel da formosa Coimbra, já desde os tempos do *dr. Antonio Ferreira,* e *Sá de Miranda;* todos os que por lá passaram o melhor dos seus annos verdes, e modularam ternuras e contentamentos á sombra dos sinceiraes, como as aves peregrinas, que das varias regiões acodem ao florir da estação nova, todos compõem uma familia unica e perpetua, em que os primeiros e os ultimos, se hão-de sempre conservar unidos: olhando os moços para os velhos com affeição e sem orgulho; os velhos para os moços sem inveja e com benevolo sorriso.

«Nós registrámos as nossas memorias de felici-

dade no livro da *Primavera:* estes nossos herdeiros da juventude vão agora registrar as suas no *Trovador:* desejamos que o exemplo de uns e de outros seja seguido de anno a anno pelos vindouros. Oxalá que os presentes, excedendo-nos muito, sejam ainda muito excedidos pelos successores. Todos imos, todos nos alongamos, todos desapparecemos, mas as letras ficam e ficam os creditos da patria que valem mais que todos nós.»

S. JOÃO POETICO

> Iamos todos tão unidos em vontade, conformes em gosto, feriados de cuidados, crentes na ventura, cheios e cercados de poesia, e namorados da natureza, que os todos só pareciam um, um só moço, transportado em bemaventurança.
>
> A. F. DE CASTILHO — PRIMAVERA — *Historia da festa de maio.*

No dia 24 de junho de 1844, seriam dez horas da manhã, quando os mancebos que escrevemos no *Trovador,* nos embarcámos junto da ponte de Coimbra para uma festa exclusivamente nossa, e que, não sei se com muita modestia, baptisámos — Festa de poetas.

Fôra escolhido o dia de S. João, como o santo que é mais garrido, mais loução e mais poetico do calendario; fôra escolhido porque a vespera nos devia de apparelhar os animos com muita poesia soletrada nas alcachofras, no crepitar das fogueí-

ras, nas danças, nos descantes, nas bombas, nos foguetes, e em todo o folgar d'aquella crença do coração, que até mouros na Mourama não desdenham; fôra escolhido finalmente, como unico talvez, que n'este anno tivessemos desassombrado para todos nós, dos trabalhos academicos.

O nosso barco era aquelle, que pertence á commissão directora do encanamento do Mondego, e que por seu obsequio nos foi excepcionalmente emprestado. É o barco mais galhardo e formoso dos que n'este rio navegam; grande, espaçoso, com uma camara no centro aberta em quatro janellas envidraçadas por banda, uma para a pôpa, e outra para a prôa, e dous postigos, tambem envidraçados aos lados de cada uma. Estava todo engrinaldado de ramos de louro, buxo, e salgueiro; com os seus quatro remeiros vestidos de branco, e de varas levantadas aguardando o signal da abalada: — este signal foi dado por um grito d'alegria de todos nós, as varas desceram, o barco deslisou-se por sobre a corrente de prata, como um pensamento de esperança em alma singela, e poz a prôa á *quinta das Varandas,* situada na margem direita do Mondego.

Entre risos e historias, cortadas de quando em quando para nos embebecermos no mimosissimo panorama, que a natureza desenrolava á beira das aguas; entre um festejar sincero; entre canções namoradas e risonhas; entre muito crêr, mui-

to esperar, e muito viver, foi transposta a distancia, e, quasi sem o cuidarmos, ouvimos dizer aos barqueiros — é aqui; — e vimos, quasi que mau grado nosso, abicar o baixel. Saltámos e atravessando a quinta fomos na casa escolher a sala onde haviamos de jantar; a escolha foi breve, a maior e mais alegre, como a alma de um mancebo: — guarnecemol-a de mesas e cadeiras por nós mesmos conduzidas dos outros aposentos; designámos a hora em que voltariamos para jantar, percorremos gostosos aquella tão linda habitação, tão recatada de verdes, tão rasgada em janellas, tão mimosa de vistas; e no meio de jubilosos vivas saudámos uma camara d'aquella casa, onde havia nascido o snr. *José Freire de Serpa,* nosso amigo e companheiro na festa. Esta circumstancia só alli por elle revelada, dobrou o nosso amor pelo sitio, que haviamos escolhido; quizemos-lhe como a cousa que nos fallava ao coração, e, com este achado muito acarinhado no pensamento, embarcámos de novo e partimos para a *quinta das Canas,* que nos ficava exactamente defronte. Iamos todos tomados de respeito ao aproximar-nos d'aquelle caes, onde uma das arvores — «*se debruça* [1] *para saudar e cobrir com sua sombra os bateis que chegam*» — ;

[1] Debruçava; que já um inverno a engulíu sem respeito a *Primavera* do snr. Castilho.

iamos tomados de respeito para aquelle — «*frontal de heras, que ora resahem como cabeços pendurados, ora se recolhem para phantasiarem lá por dentro suas grutasinhas e labyrinthos*» — ; iamos tomados de respeito para aquelle — «*bosque pequeno, onde os olhos se enleiam na confusão de troncos e folhagem*» — como tendo á conta de profanação temeraria o aportarmos alli depois dos bardos da *festa de maio*, e do *dia da Primavera*. Mas nós não iamos lá manchar esses echos tão melindrosos desde então, não iamos como sacerdotes, senão como romeiros visitando o templo com devoção e amor por a poesia, que lá tem seus altares, com amor e devoção por quem nas festas da *Primavera e maio* taes altares lhe tornou eternos.

Ao desembarcarmos, luziu nas almas de todos um sentimento, e, de cabeças descobertas, voou dos labios de todos um nome: — o sentimento era a admiração, o nome era *Castilho!*

Percorremos a quinta, divagámos n'um delicioso encantamento por aquelles tapetes de verdura e flôres, por entre aquelles tufos e festões assetinados, por aquelle laranjal, por aquelles mirantes quasi naturaes, por tudo o que n'aquelle sitio andou bordando, poetisando a natureza, desdenhosa da arte, n'um dia d'orgulho. E no mirante mais alto, engastado com alegretes no cume de uma rocha viva, cortada a pique sobre o rio, avistando plenamente Coimbra e toda a margem opposta,

parámos, e compozemos a seguinte sextina, que lá deixámos escripta, datada, e assignada:

Sobre as azas da poesia
Aqui nos trouxe a amizade,
Cantámos nas lyras d'ouro
Esp'ranças da mocidade,
E aos bardos da *Primavera*
Mandámos uma saudade.

Nós eramos seis, e por isso coube a cada um o seu verso n'este tributosinho, que de tão longe enviámos áquelles poetas; nenhum de nós consentira em ceder a sua parte, nenhum de nós quiz ser d'elles menos devoto; — a sextina é de todos.

Mal a tinhamos concluido quando da parte das amaveis donas da *quinta das Canas* recebemos a graciosa offerta da sua casa, e da sua tão grata companhia; mas a *festa de maio* tinha levado comsigo, tinha feito monopolio de taes venturas, nós não podiamos aceitar, não, porque com inteira consciencia de nossos mingoados destinos, só alli haviamos aportado para saudar e invejar uma linda época do passado, e não para crearmos um presente nosso que o não podiamos.

O snr. *José Freire de Serpa,* e eu fomos escolhidos para, por todos, irmos depositar aos pés das bondosas damas os mais cordiaes e respeitosos agradecimentos; assim o fizemos, e despedidos das delicadas hospedeiras de poetas, reunidos nova-

mente embarcámos, navegando logo pelo rio acima em direcção á antiga quinta dos jesuitas, denominada de *Villa Franca*.

Durante esta viagem o snr. *José Freire de Serpa* leu algumas poesias suas de muita belleza, e tanta que os ramos dos salgueiros attrahidos pelo condão dos versos, vinham-se debruçar curiosos nas janellas da nossa camara movediça.

A paizagem, que tambem iamos saboreando era magnifica: — á direita ficava-nos o valle da *Copeira* matizado de quintas, alvejando por entre as esmeraldas do arvoredo; o campanario de S. Jorge a empinar-se religiosamente modesto; umas ruinas toucadas de priscas, mas verdejantes heras; e dous ou tres outeiros macios de relva e florinhas a cerrar o fundo do quadro: — á esquerda as quintas da *Boa-Vista* e *Varandas;* um outeiro coroado de pinheiros; um areal extenso aqui e além retalhado por fitas d'agua rebelde; seis cabanas de colmo, aldeia temporaria d'uma tribu nomada, dispersas pela areia; algumas lavadeiras estendendo roupa sobre os tectos d'aquelles seus abrigos do sol e da chuva: e na volta que o rio faz lá ao cabo, para nos esconder a tão magestosa e variegada galeria, a alameda secular de *Villa Franca* a emmaranhar-se verde-negra.

Foi ahi que de novo saltámos em terra, e que á sombra d'aquellas arvores soberbas, repetindo versos, cantando, ouvindo as melodias do snr. *Luiz*

da Costa Pereira no seu angelico violão, sempre contentes e ditosos em nossa fraternidade, foi ahi que com a velocidade do relampago nos colheu a hora de jantar.

Reembarcámos portanto, e tomámos o rumo da *quinta das Varandas:* — essa perspectiva foi ainda mais sublime! Tudo o que haviamos admirado ha pouco, nos ia agora sahindo, como ao encontro, á medida que as tortuosidades do rio se transpunham; era um poema que se lia canto por canto, até que de repente, corrida toda a cortina verde d'aquelle templo, se alevantou ao fundo como sacrario de bellezas, a cidade de Coimbra, donzella preguiçosa encostada ao seu monte, mas altiva com a sua torre, com a sua universidade, com os seus conventos, com o seu aqueducto, com a sua pinha de casarias, com a sua ponte, com o seu rio, com o seu campo, com tudo seu!

Parece-me, e era com effeito, tudo isto um cantico de fagueira harmonia, que louvava o Creador! — Era um psalmo de David!

Chegados á *quinta das Varandas,* em breve nos assentámos á mesa; correu o jantar entre vivas, alegria, e amigavel conversação, aonde sempre entrava muito amar, muito fallar, muito scismar com a poesia; aonde nadava muita fé pelo futuro, muita expansão de gozos e sonhos intimos, e aonde os laços que todos na amizade nos ligavam, recebiam o derradeiro nó.

Entre esta tão saborosa satisfação vinha apenas misturar-se uma só mágoa, e era não vermos ao nosso lado o snr. *Antonio Gonçalves Dias,* que uma repentina enfermidade havia prendido no leito; — o seu nome, tão saudosamente alli repetido, era a violeta magoada entristecendo as rosas festivaes, era a lagrima que desbotava o sorriso.

Antes de começarmos a ultima coberta do nosso jantar, houve a leitura da poesia que cada um de nós expressamente, e em segredo, havia composto para alli ser recitada; — e era para assim dizer o verdadeiro objecto da festa. Esta leitura foi por mim encetada com a poesia — *Hosanna* — seguiu-se o snr. *Luiz da Costa Pereira* com a poesia — *Branca-Alvarindo* — depois o snr. *Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro* com a poesia — *O poeta* — depois o snr. *José Freire de Serpa* com a poesia — *O meu berço* — depois o snr. *Augusto José Gonçalves Lima* com a poesia — *Canto d'amor* — e finalmente o snr. *Antonio Maria do Couto Monteiro* com a poesia — *O canto do Cysne.* — Todas estas poesias serão publicadas na 3.ª e 4.ª folhas do *Trovador* [1].

No fim da leitura de cada uma das poesias, era o poeta festejado com os brindes de todos, e

[1] Infelizmente sobre alguns d'esses nomes que ahi então florejavam risonha vida, já hoje só tem de cahir, no chão da morte, as lagrimas da saudade!

com foguetes, que das janellas se lançavam ás nuvens para levarem até lá o regosijo innocente d'aquelle dia, talvez o melhor da nossa vida. Concluido o jantar, enfeitámos de ramos os nossos chapéos, e com abraços e enthusiasmos reciprocos nos dirigimos para o barco, deixando suspirosos aquella quinta, que será sempre no porvir, para cada um de nós, um marco de dulcissimas recordações.

Cahia já a noite quando, ao som de foguetes, atravessámos um dos arcos da ponte, e passando pela frente da cidade, fomos desembarcar ao sitio do encanamento, contentes de todos e de tudo, mas adivinhando na mente que o prazer d'aquelle dia era já uma pagina do passado, que nunca mais ha-de voltar.

SERÃO XXV

O INDIFFERENTISMO DO SECULO

> Il faut résister à l'esprit de ce siècle incrédule autant que frivole, et contredire son indifférence pour la vérité. Vous le savez, helas ! cette indifférence ne se borne plus aux principes de la foi ; elle s'étend aujourd'hui à toute la religion, et ne respecte pas même ces vérités premières qui formèrent dans tous les siècles la croyance du genre humain.
>
> L'Abbé Legris-Duval.

Triste herança, herança de morte nos deixou o seculo passado, que importa não transmittir á geração futura!

A impia loucura d'aquelle tempo, acommettendo furiosa e cegamente o Christianismo, não conse-

guiu prostral-o, que não podia, sendo uma religião divina; não conseguiu mesmo matar a sua propria crença, que, nos seus desesperados combates, a manifestava, a seu pezar; mas veiu a final, pela indifferença, a matar toda a crença do seculo em que vivemos.

Não ha duvida; o indifferentismo é o caracter mais profundamente gravado, como ferrete d'ignominia, na frente da nossa época. E d'esta indifferença em tudo, se segue inevitavelmente o individualismo, o egoismo. O *eu* é o monarcha absoluto d'este seculo. Podem bem applicar-se-lhe estes versos de *Delille*:

> Devant lui sans cesse en extase,
> A tout propos, dans chaque phrase,
> Le *moi* regnant, le *moi* vainqueur
> Est dans sa bouche ainsi que dans son cœur.

Quaes são as verdades, d'antes mais fundamentaes, mais averiguadas e reconhecidas, que uma dialectica de cascaveis sonoros não tenha posto em duvida? Quaes são, igualmente, as verdades menos importantes, que tenham escapado ao mesmo prurido de destruição? As mais graves questões sociaes, como as de menos monta, tudo se tem discutido; tudo se tem sophismado; tudo se tem escarnecido; tudo se tem calumniado; e em tudo se tem

morto desalmadamente as convicções da geração actual. Ha só um principio que absorve todos, que todos domina, e que se figura de verdade indubitavel:—a propria conveniencia: o *eu*.

Tornou-se hoje completamente estranha e inintelligivel aquella famosa e christã profissão de fé: *Homo sum: nihil humani à me alienum puto.* Sou homem, e nada do que interessa á humanidade me é indifferente. *Humanidade!? Hoje!?* Quem pensa seriamente n'isso? Que homens? Que governos? Que povos?— Póde declamar-se a palavra emphaticamente n'algum discurso de tribuna; escrever-se repetidas vezes n'alguns artigos de jornaes; entrar como vistoso ornato n'algum preambulo de leis, como outras palavras d'*anzol,* que sôam bem ao ouvido; mas o que é innegavel, o que os factos demonstram irrecusavelmente é que ninguem hoje pesa a idéa, que devia estar por dentro da palavra, ninguem a sente, ninguem se apaixona por ella com a força intima d'uma arraigada convicção.

Ninguem. A acção deleteria viciou de tal modo a atmosphera, tem-se respirado tanto, e ha tanto tempo, estes miasmas do interesse proprio, que ainda aquelles, que reconhecemos e condemnamos o mal, se mettermos com sinceridade a mão na consciencia, lá havemos de encontrar os effeitos do contagio. A indifferença geral ácerca de todas as verdades resequiu a generosidade no coração do maior numero. A sociedade, as leis, tudo procura directa

ou indirectamente, como ponto extremo de suas aspirações, um gozo material, um interesse palpavel. E d'ahi vem, principalmente, a profusão d'utilidades materiaes e physicas de que tanto se gaba a nossa época. É o reinado d'el-rei Sancho Pansa, como dizia o nosso Garrett. — E a alma? e o espirito? Ficaremos sempre olhando para a terra? Ah! se os homens d'hoje pensassem um momento na terrivel palavra — *depois?!*...

E *antes* mesmo; que será feito em breve da moral? Que será feito da familia? Se tudo se traduz em cifras; tudo em interesse; tudo em gozos materiaes; tudo em satisfação de paixões; que laço restará no mundo, que, ligando os homens no dever, eleve o coração ás regiões sublimes da virtude? Quererão por ventura proscrever a virtude do mundo?

Se considerarmos sisudamente nas funestas consequencias d'este viver pagão, no futuro de desgraças, de males de todo genero, que estamos preparando a nossos filhos com o indifferentismo e egoismo de nossos dias... Oh! todo o homem que não fôr de pedra, nem tiver já começado a apodrecer em vida, ha-de por força desejar vêr apparecer sobre a terra uma philosophia bastante divina, para lhe resuscitar a crença; lhe estabelecer as convicções; lhe restaurar a moral; lhe conservar a familia impolluta; lhe ensinar abnegação; lhe confortar os seus desconsolos; lhe florir esperanças; lhe

açaimar os perversos pelo temor d'uma justiça, que se não póde subornar nem evitar; lhe assegurar o premio de suas boas obras, ainda as mais occultas; lhe transformar emfim a sociedade para si ou para os seus descendentes, de modo que o lustre exterior devido ao progresso das sciencias e das artes, não desdiga nem se envergonhe do interior em pungente epigramma da civilisação moderna.

Mas essa philosophia divina já appareceu: é o Evangelho. É uma philosophia tão divina e tão experimentada que tem por si, sem desmentido, o curso de quasi dezenove seculos. Só resta, portanto, restabelecel-a na crença e no amor dos povos; e d'isso se teem occupado altissimos engenhos por toda a Europa; e n'isso nos devemos empenhar todos, grandes e pequenos.

Nem me digam que basta á virtude a sancção da opinião publica, porque essa, quando a ha, não chega á vida particular nem aos outros lugares afastados dos olhos d'ella; e respondo-lhe com um dos mais abalisados de nossos escriptores.

Dizia elle em 1838:

« O bom procedimento é como uma qualificação para ganhar a subsistencia, como um titulo para servir os cargos publicos: a sociedade, que não examina o proceder particular, que só requer do cidadão a compostura e a probidade nas suas relações externas, dá valia igual ao hypocrita sagaz e ao homem sinceramente virtuoso.

« Quereis saber o que é um homem honrado perante o tribunal do mundo? É aquelle que obedece restrictamente ás leis civis, que paga os tributos, e que foge dos lugares publicos de dissolução, que cumpre a sua palavra, que é decente, emfim, na sua linguagem e porte. Embora seja mau pai, mau filho, mau irmão; embora converta a sua habitação em sentina de vicios; seja acautelado n'este seu intimo proceder; ignore o mundo qual elle é, que a lei o escudará contra os tiros da maledicencia, e a sociedade dirá vendo-o o passar: eis alli um cidadão honrado, em quanto diante dos olhos da Providencia elle é um malvado insigne.

« Dizemos acaso isto para provar que as leis civis são insufficientes como regras da sociedade? — Não, por certo: mas dizemol-o para provar que o são como substitutas da lei religiosa. A sociedade politica nasceu da familia; mas a familia não acabou com a existencia da sociedade: esta tem por guias as leis, a opinião publica, a honra: a familia não póde ter outra guia senão a religião.

« E não se creia que a immoralidade domestica não deve importar ao corpo social: ella trasborda dos aposentos occultos para a praça publica, logo que os homens dissolutos forem em maior numero que os virtuosos; porque a sociedade, emanação perenne da familia, representa sempre o estado d'esta, e quando a corrupção tiver gangrenado a maioria, os hypocritas arrojarão as mascaras,

e mostrarão as faces hediondas diante da luz do sol.»

A Religião, portanto, o Evangelho, a Cruz é o unico sol nas trevas do mundo, tanto na habitação como na praça.

Na habitação, alumia a familia; na praça, alumia a sociedade, em todas as relações d'esta reunião de familias.

Esforcemo-nos, pois, por dissipar as caliginosas nuvens da indifferença, que toldam o sol, e que agrilhoam o homem sómente á materia, e o acostumam a julgar de tudo pelos sentidos, referindo-se exclusivamente ás suas paixões. Esforcemo-nos por induzir nossos filhos a levantar suas vistas do pó da terra, voltando-as para o céo, já que Deus dispoz que na creação fosse o homem o unico animal que tivesse a fronte voltada para a região das estrellas. Só então, desapparecendo o indifferentismo, desapparecerá este egoismo brutal e grosseiro, que roe, como asqueroso cancro, as entranhas do nosso seculo; só então o vergonhoso *eu* terá uma syllaba sómente, como deve ter, e não tem na bocca dos homens d'hoje; só então hão-de renascer as virtudes agora desconhecidas ou motejadas; renascer as convicções profundas, que levam a cabo os grandes feitos; renascer as dedicações heroicas; renascer o patriotismo, que está actualmente morto em toda a parte; só então se traba-

lhará para a felicidade da vida presente, trabalhando para a felicidade da vida futura.

Nenhumas d'estas considerações são novas. Outros as tem feito já, e melhor e mais desenvolvidamente.

É, porém, objecto em que nunca se escreve de mais; é objecto que importa reproduzir constantemente. Já em 1838 aquelle nosso citado escriptor buscava oppôr ao egoismo do seculo, resultado da sua indifferença e falta de fé, a luz do Christianismo, inculcado pela força do seu vigoroso raciocinio e eloquencia de sua poderosa voz; já muitos outros escriptores distinctos, antes e depois d'elle, investiram por toda essa Europa com este individualismo do nosso tempo, cada vez mais crescente e assombroso. Debalde trovejou, ha muitos annos, na tribuna hespanhola a voz eloquentissima de *Donoso Cortez* sobre este mesmo assumpto, olhado das empinadas alturas do seu grande talento. Embora: nem por isso deixarei eu de levantar, do fundo do meu nada, este humilde brado, como remate dos *Serões*.

A Religião, o Evangelho, a Cruz é que podem tão sómente destruir a indifferença, resuscitar as convicções perdidas e regenerar o mundo!

Que importa que o genio alargue cada dia os horisontes das sciencias, e augmente as maravilhas da arte? Que importa, se nos afasta igual-

mente cada dia da primeira de todas as sciencias, do mais fundamental de todos os estudos — as relações com Deus, as instrucções de sua santa lei? Que importam os prodigios da arte se as sombras da indifferença e do egoismo buscam solicitamente que os povos se conservem na ignorancia da mais importante e proveitosa de todas as artes — a arte de ser feliz n'este mundo e no outro?

Com razão, fallando dos sabios d'este seculo, diz *Legris-Duval:*

«Não negamos o seu saber, mas deploramos o seu erro: elevaram-se até aos céos para indagar o curso dos astros, e esqueceram-se de Deus cuja gloria e infinita grandeza os céos publicam. De tudo tomaram conhecimento n'aquella magnifica obra, excepto do omnipotente artifice, de quem os povos mais barbaros tem sabido lêr o temeroso nome, escripto em caracteres de luz na abobada do firmamento. Percorreram a terra, desceram ás suas profundidades, affrontaram os parceis e tempestades do oceano para devassar á natureza alguns de seus segredos, e a sua propria natureza é para elles um problema, que se não occupam em resolver. Manifestaram as maravilhas do corpo humano, e não souberam chegar até ao principio immortal que o anima, e não descobriram o fim d'este conjunto maravilhoso.»

A isto diz um judicioso commentador:

«As duas sciencias que deveriam mais persua-

dir a crença em Deus, a astronomia e a medicina, são aquellas que em nossos dias tem produzido mais atheus. Tal é o caracter das épocas criticas; a falta d'unidade e de todo nos laços sociaes passa para a sciencia. A sciencia, que deveria ser uma como o universo, acha-se retalhada em grande quantidade de fragmentos, que não tem entre si nenhuma relação nem harmonia. O ponto commum que as une, o ponto culminante, que é Deus, escapa aos olhos de certos sabios.»

Por isso estes illustrados infelizes morrem sabendo tudo menos o que deviam saber; menos como deviam viver; entregam-se, pela morte, nas mãos de Deus tendo investigado tudo, menos as leis que Elle nos decretou e os meios de obter o perdão das infracções d'ellas.

Inutil e abominavel sciencia, que de tudo se lembra menos das regras de *viver bem* e de *morrer melhor!*

FIM

INDICE

Dedicatoria v
Introducção ix
Explicação previa 1
Serão i — Roma e a caridade 3
Serão ii — Injustiça com que são julgados os reis... 13
Serão iii — Necessidade da revelação 27
Serão iv — A fé e a razão 35
Serão v — Influencia do Christianismo na civilisação 41
Serão vi — O domingo 57
Serão vii — Jornalismo e sua influencia 63
Serão viii — Religião e politica 75
Serão ix — Os pobres á sombra da Igreja 93
Serão x — Effeitos moraes do D. Quixote 111
Serão xi — Considerações relativas ao theatro d'hoje 124
Serão xii — Saudade! 137
Serão xiii — A influencia da religião e a influencia do mundo 147
Serão xiv — A Igreja não mata a sciencia 155
Serão xv — Petruccelli della Gatina 165
Serão xvi — Ácerca dos dizimos 169

Serão XVII — O poder da verdade..... 181
Serão XVIII — Duas obras de misericordia..... 189
Serão XIX — Elles com o olho n'elle..... 199
Serão XX — A verdade a respeito de Galileu..... 203
Serão XXI — O bispo do algarve, D. Francisco Gomes do Avellar..... 213
Serão XXII — Anniversarios dos vencedores nas discordias civis..... 219
Serão XXIII — O convento e o prostibulo, nos nossos dias..... 235
Serão XXIV — S. João poetico..... 241
Serão XXV — O indifferentismo do seculo..... 255

A flôr dos Prégadores, ou collecção selecta de sermões dos mais celebres oradores contemporaneos para todas as domingas e principaes festas do anno, por *Francisco Luiz de Seabra,* Parocho de Cacia. Á venda o 1.º vol..... 700

AMBROSIO GUILLOIS

Explicação historica, dogmatica, moral, liturgica e canonica do Catecismo, com a resposta ás objecções extrahidas das sciencias contra a religião. Obra honrada com um Breve de Sua Santidade Pio IX, e approvada por varios Cardeaes, Arcebispos e Bispos. Traduzida da 12.ª edição de Paris e dedicada ao exc.mo e rev.mo snr. D. Manoel Corrêa de Bastos Pina, Bispo de Coimbra, por *Francisco Luiz de Seabra,* Parocho de Cacia. 4 grossos vol..... 4$000

Esta importante obra foi recommendada ao clero pelo em.mo e rev.mo snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, e pelos exc.mos e rev.mos snrs. Arcebispo d'Evora, Bispos de

Coimbra, do Porto, de Lamego, da Guarda, d'Angra, Vigarios capitulares de Bragança, Portalegre e Marianna (Brazil).

DO MESMO AUTHOR

Explicação litteral e moral das Epistolas e Evangelhos dos domingos e principaes festas do anno, das ferias do advento e de todos os dias da quaresma, com noções liturgicas em que se expõe a razão e as origens das principaes ceremonias da Igreja catholica. Traduzida da 4.ª edição franceza, por *Antonio Moreira Bello*. 2 grossos volumes in-4.º, cada um de 400 paginas. 1$500

FRANCISCO HETTINGER

Apologia do Christianismo. PRIMEIRA PARTE: *Demonstração da verdade do Christianismo*. Traduzida por *Francisco de Azeredo Teixeira de Aguilar,* conde de Samodães. Á venda o 1.º volume..... 1$000

O 2.º vol. está no prelo e estará á venda em abril.

A obra constará de 5 grossos volumes como os do *Catecismo* de Guillois.

Depois da obra concluida o preço de cada volume será elevado a 1$200 reis

PADRE MACH

Thesouro do Sacerdote, ou reportorio das principaes cousas que o Padre deve saber para se

santificar a si e aos outros. Traduzido com licença e approvação do author pelo *Padre Manoel Ferreira Marnoco e Sousa,* e dedicado ao exc.mo e rev.mo snr. D. Americo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto. A obra constará de 2 grossos volumes. Á venda o 1.º... 1$000

Depois de concluida a obra, custará 2$400 reis.

BISPO DO PARÁ

Direito contra o direito ou o Estado sobre tudo. Refutação da theoria dos politicos na questão religiosa, seguida da resposta ao supremo tribunal de justiça. 1 vol..... 800

F. V. ROGER

O fim da vida, estudos criticos sobre o catholicismo e refutação dos principaes erros modernos. Traduzido da 2.ª edição franceza, por *M. J. de Mesquita Pimentel.* 1 gr. vol. in-8.º... 1$000

PADRE F. X. GAUTRELET

DA COMPANHIA DE JESUS

A franc-maçonaria e a revolução. Traduzida do original francez, por *Francisco de Azeredo Teixeira de Aguilar,* conde de Samodães, ministro e

secretario d'estado honorario. Precedida d'um proemio do traductor sobre a maçonaria portugueza. 3 vol..... 1$500

PADRE SENNA FREITAS

No presbyterio e no templo. Litteratura christã, sermões, praticas e allocuções. 2 vol... 1$200

A tenda de Mestre Lucas, historia de um pobre de Deus, contada por elle mesmo. Romance religioso original. 1 vol..... 400

Discurso sobre a religião catholica em face da politica, pronunciado na associação catholica portuense, etc. 1 vol..... 200

CARDEAL WISSEMAN

Fabiola ou A igreja das catacumbas. Romance religioso, corrigido sobre a traducção de Lisboa de 1863, por *Manoel Joaquim de Mesquita Pimentel*. 1 vol. in-8.°, acompanhado de mais de 100 gravuras..... 1$500

Com uma bonita cartonagem..... 2$000